

CLEIDE MARIA PERITO DE BEM

CASAS, CASEBRES E CONDOMÍNIOS: SEGREGAÇÃO
ESPACIAL E RELAÇÕES SOCIAIS NAS FORMAS DE
OCUPAÇÃO DE SÃO BRAZ, UM BAIRRO DE CURITIBA

Dissertação apresentada para a
obtenção do grau de mestre à
Faculdade de Arquitetura e
Urbanismo da Universidade de São
Paulo
Prof. Orientador: Gabriel Bolaffi

CURITIBA

1992

AGRADECIMENTOS

Todo trabalho de investigação representa uma chance para nos enriquecermos enquanto pesquisadores e indivíduos.

Como pesquisadora, sinto-me recompensada com esse exercício, que constituiu uma oportunidade nova de reflexão sobre a vida social. Isso não quer dizer que realizá-lo tenha sido uma tarefa fácil e sempre prazerosa. Muitas vezes, diante de obstáculos tanto de ordem acadêmica como cotidiana, pensei em desistir.

Nesses momentos, contudo, intervinham os amigos, cuja importância não costumamos avaliar em situações normais. O trabalho não teria sido concluído não fosse a ajuda dessas pessoas nos diferentes momentos do processo de sua execução.

Quero agradecer aos amigos que, nas conversas no bar, na fila do banco, nas caronas na saída do trabalho, interessaram-se pelo que eu estava investigando e estimularam-me a desenvolver o estudo muitas vezes sugerindo idéias, livros, etc. Não os menciono nominalmente porque não gostaria de cometer injustiças, omitindo alguns deles.

Agradeço de modo particular ao meu orientador, professor Gabriel Bolaffi, que sempre me estimulou e acreditou no meu trabalho, ainda que tenha tido suas expectativas frustradas em relação a algumas questões da pesquisa.

A minha amiga Sandra Sthol, professora de Antropologia da Universidade Federal do Paraná, que leu todos os originais, oferecendo sugestões importantes ao estudo, muitas delas não incorporadas ou trabalhadas com a profundidade com que foram propostas em razão de limitações minhas em desenvolvê-las. A ela devo também momentos de conforto, por ter me ouvido em ocasiões de dificuldades e inseguranças.

Ao meu colega de trabalho Hudson Prestes dos Santos, pela elaboração da parte estatística deste estudo.

À Estelita Sandra de Matias, pelo trabalho paciente de revisão dos textos, e à Elisângela dos Santos, pela digitação dos originais.

Ao Júlio Cesar Ramos, pela confecção dos mapas.

Aos colegas dos setores de Editoração, Documentação e Reprodução do IPARDES, por terem viabilizado a elaboração final dos documentos.

Ao Carlos Roberto Zanella de Aguiar, carinhosamente conhecido por Macacheira, que realizou os trabalhos fotográficos e a quem tive a feliz oportunidade de conhecer.

Aos moradores entrevistados do bairro de São Braz, que se mostraram sempre interessados pelo meu estudo e, em particular, aos antigos moradores do lugar, que expressaram satisfação com a possibilidade de registrar suas memórias.

Ao Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES) que, através de sua política de formação de pesquisadores, permitiu que eu me licenciasse para fazer os créditos de mestrado e ofereceu infra-estrutura para a realização do trabalho.

Aos meus pais, pelo estímulo que me deram mesmo vivendo um momento de extrema consternação, quando haviam perdido um filho querido num estúpido acidente automobilístico. Agradeço também à sua ajuda financeira, uma vez que nós, funcionários do IPARDES, estivemos submetidos ao maior arrocho salarial desde a sua criação. Não fosse esse auxílio, não teria sido possível viabilizar a pesquisa.

Finalmente, quero registrar minha gratidão ao Jorge, companheiro e sempre amigo, que assumiu as funções de pai e mãe dos nossos filhos por um bom tempo. Ao Vitor e ao Felipe, filhos queridos, que tiveram de conviver, por dois anos, com seus pais

envolvidos em teses de mestrado. A eles sinto que agradecer é insuficiente. Na verdade, o que sinto que devo fazer é pedir-lhes desculpas pelos meus momentos de afobação e ausência.

RESUMO

São Braz é um bairro de Curitiba que foi ocupado no final do século passado por camponeses brasileiros e estrangeiros, entre os quais se destacaram os imigrantes italianos. O lugar permaneceu com características de pequeno vilarejo até meados dos anos sessenta, quando os moradores começaram a lotear suas chácaras e a vender os lotes a preços baixos, atraindo para o lugar camponeses do interior do Paraná, expulsos do campo e vindos em grande número para Curitiba, nos anos setenta.

Com o crescimento da cidade e a promoção de investimentos públicos nas imediações do bairro, suas áreas passam a ser valorizadas, atraindo famílias abastadas, as quais habitam, atualmente, e de modo particular, os "condomínios fechados", modalidade de construção que vem se expandindo no local.

Essas diferentes situações ocupacionais não são exclusivas de São Braz. Outros pontos da cidade foram ocupados inicialmente por imigrantes estrangeiros; outras regiões atraíram imigrantes pobres da zona rural; e condomínios fechados podem ser encontrados em outros locais da cidade. A peculiaridade do bairro de São Braz deve-se ao fato de abrigar todas essas situações num mesmo espaço: condomínios ao lado de barracos e casas antigas dos moradores pioneiros junto a edifícios comerciais ou sendo por estes substituídos são imagens comuns no bairro, indicando que o espaço vive profundas transformações urbanísticas.

O objetivo deste estudo é analisar o modo como vivem e se relacionam esses diferentes grupos sociais, correspondentes a cada um dos momentos de ocupação do bairro.

Moradores antigos, moradores das vilas e moradores de

condomínios fechados formam grupos distintos, para efeito da análise. Para tanto, o estudo não se limita a uma descrição das formas espaciais, mas procura desvendar o que se desenvolve por trás dessas formas. Assim, constitui uma tentativa de compreensão das complexas relações que se estabelecem entre os grupos e entre os indivíduos no interior de cada grupo. Para isso, foram realizadas pesquisas empíricas junto aos moradores do bairro, privilegiando-se a história de vida dessas pessoas, como método de investigação.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1 VISITANDO O LUGAR - A ESCOLHA DO OBJETO.....	16
2 SÃO BRAZ - O VILAREJO CONTADO PELOS MORADORES ANTIGOS.....	33
3 SÃO BRAZ - O BAIRRO	62
4 OS DIFERENTES GRUPOS E SUA IDENTIDADE.....	95
4.1 OS MORADORES ANTIGOS.....	96
4.2 OS MORADORES DAS VILAS.....	124
4.3 OS MORADORES DOS CONDOMÍNIOS FECHADOS.....	143
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	161
ANEXO 1 - RELAÇÃO DOS ENTREVISTADOS.....	165
ANEXO 2 - MÉTODO AMOSTRAL.....	169
ANEXO 3 - LOCALIZAÇÃO DE VILAS E RUAS DO BAIRRO DE SÃO BRAZ.....	174
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	176

INTRODUÇÃO

Curitiba começou a crescer em meados da primeira metade deste século, e mais fortemente nos últimos 50 anos, de modo particular nas duas últimas décadas. A intenção deste trabalho é, sem dar conta de toda a história da cidade, contribuir nesse sentido reconstituindo a trajetória de um de seus bairros, São Braz.

Enquanto áreas territoriais circunscritas, os bairros são pequenas partes integrantes do complexo mosaico social que é a cidade. Não são, contudo, unidades estáticas, mas constituem o lugar onde se desenrola uma complicada trama de relações entre indivíduos e grupos sociais, formando a base da vida cotidiana, substrato dos processos históricos.

Assim concebido, este estudo não pretende apenas registrar alguns momentos pitorescos da vida cotidiana, tampouco se restringir a uma descrição das alterações das formas espaciais onde as relações humanas se produzem. O que se quer é desvendar, a partir das formas espaciais constituídas, as relações sociais que ali se estabelecem e lhes dão conteúdo. É sob essa perspectiva que se pretende estudar o bairro de São Braz, lugar extremamente interessante tanto do ponto de vista sociológico como urbanístico.

Do ponto de vista sociológico, trata-se de um espaço onde tem se verificado um rápido processo de mobilidade social vertical, envolvendo os descendentes dos pioneiros que o fundaram; os imigrantes que nos anos 70 ali chegaram, vindos do interior do Paraná; e um número significativo de famílias de classe alta, que nos últimos anos passaram a ocupar casas recém-construídas nos chamados condomínios fechados.

Em termos urbanísticos, trata-se de um espaço em processo de

redefinição e forte valorização imobiliária, no qual, como já se sugeriu, convivem uma classe média constituída por descendentes de imigrantes, particularmente italianos; operários e artesãos oriundos do interior do Estado, principalmente do campo, os quais habitam as vilas, algumas delas muitíssimo pobres; e finalmente, empresários, executivos de grandes empresas e funcionários públicos e de empresas privadas, onde ocupam normalmente cargos de direção.

Cada um desses segmentos sociais vive em habitações de arquitetura *sui generis*. Construções remanescentes dos antigos italianos (cada vez mais raras), habitações modernas (principalmente aquelas construídas no interior de condomínios fechados), casas comuns de classe média e barracos estão erguidos muito próximo uns dos outros. É tamanha a heterogeneidade que é difícil observar essas imagens sem que provoquem alguma curiosidade. O que restou, em termos sociológicos, daquele grupo de italianos que ali vivia e como se dá a convivência entre os moradores de condomínios fechados e das vilas, muitas vezes instalados frente a frente? Foram estas as indagações que suscitaram o interesse na realização deste estudo.

A discussão aqui desenvolvida diferencia-se dos estudos sobre habitação que marcaram as investigações sobre o crescimento urbano na literatura acadêmica no Brasil, nas últimas décadas. O enfoque desses estudos apresentou uma trajetória que correspondeu às transformações políticas e urbanas que ocorreram no Brasil, orientado por diferentes abordagens teóricas presentes na produção sociológica nacional e estrangeira.⁴ No início dos anos 60, período em que a população urbana nacional ultrapassa a população rural, gerando nas grandes cidades sérios problemas habitacionais, os estudos terão como objeto as favelas, mocambos, etc. Quando da criação do BNH, a discussão é deslocada para a ação governamental e

⁴Para obter maiores informações sobre essa questão ver VALLADARES, Lícia do Prado; FIGUEIREDO, Ademir. Habitação no Brasil : uma introdução à literatura recente. In : O QUE se deve ler em ciências sociais. São Paulo : Cortez : ANPOCS, 1987. p.38-78.

conjuntos habitacionais. Com o crescimento acelerado dos grandes centros no final dos anos 70 e anos 80, a periferização e os processos de autoconstrução tornam-se presentes, culminando com o enfoque da organização política, particularmente os movimentos sociais urbanos vinculados à questão habitacional, todos da perspectiva das classes populares.

Este estudo se propõe a investigar e entender uma situação que não está vinculada a nenhuma dessas tendências, ainda que a ocupação de São Braz aí se enquadre, em parte. O bairro, que até os anos sessenta era um vilarejo de camponeses principalmente de origem estrangeira, onde predominavam imigrantes italianos, começa a sofrer um processo de transformação nos anos 70. A ocupação, neste período, deu-se como um processo típico de periferização, tendo sido fraca a ação das políticas públicas no que diz respeito à habitação. A ação do BNH foi pequena, predominando os loteamentos populares e os esquemas de autoconstrução. O segundo momento da ocupação, que ocorreu a partir da metade dos anos oitenta, caracterizou-se pela presença de uma classe média abastada, no momento em que o Sistema Financeiro da Habitação entra em colapso.

A heterogeneidade social do bairro pode ser interpretada como um momento de transitoriedade, se for considerado que a ação da especulação imobiliária tende a homogeneizar os espaços urbanos. Se isso vier a ocorrer, os pobres do lugar, num outro momento, poderão se deslocar para áreas mais longínquas. De qualquer forma, é esta situação de transitoriedade ou não que permite entender as relações sociais entre grupos heterogêneos.

Enquanto a literatura brasileira, já mencionada, privilegiou a relação dos indivíduos no interior de grupos homogêneos, segundo critérios de estratificação sócio-econômica, este estudo quer privilegiar as relações sociais entre os grupos heterogêneos. Propõe-se entender suas relações e as diferentes formas de apropriação daquele espaço.

É nesse sentido que se quer contribuir para o debate sobre a dinâmica de apropriação do solo urbano a partir da reconstituição da história recente de um bairro.

Na realização do trabalho, foram eleitos três grupos sociais como os mais representativos dos moradores do bairro: o grupo dos moradores antigos, o grupo dos moradores das vilas e o grupo dos moradores de condomínios fechados. O que se quer investigar e entender é o modo como esses diferentes grupos se relacionam e se transformam uns aos outros nesse processo. Evidentemente, não há o objetivo de esgotar todos os vínculos que se estabelecem entre esses grupos, mesmo porque eles são tão complexos que é impossível abrangê-los em sua plenitude. É possível, todavia, compreender essas relações nas suas formas mais gerais, o que não significa tratá-las superficialmente. Essa classificação é uma tentativa de abarcar o que há de mais significativo no processo de ocupação de São Braz, captando as particularidades de cada momento segundo concepções sociológicas previamente formuladas.

Esse tipo de estudo requer observações empíricas que costumam reservar muitas surpresas. Algumas delas merecem ser registradas, em razão do impacto que causam no investigador, tais como as que colocam o pesquisador frente a frente com suas pré-noções.

Quanto à questão da proximidade entre os condomínios fechados e as vilas populares, ocorreu um fato curioso: esperava-se encontrar um antagonismo explícito entre pobres e ricos, mas tal fato não ocorreu. É evidente que ele existe, mas é mediatizado por tantos elementos que se transfigura (esse aspecto será tratado oportunamente, neste trabalho). O fato é que nas primeiras tentativas de me fazer entender pelas pessoas que queriam detalhes sobre o porquê das entrevistas - depois de explicações que oscilavam entre a fala metódica e o relato fugaz -, acabei por explicitar o que para mim se tratava de uma questão fechada: São Braz é um

retrato da sociedade brasileira, com diferenças sociais gritantes. De que modo pobres e ricos, social e espacialmente tão segregados, convivem e se relacionam naquele espaço? À medida que as entrevistas foram sendo realizadas, descobri que a questão da pobreza e riqueza não dava conta da problemática social que estava sendo investigada, uma vez que essa é apenas uma entre as muitas facetas que se apresentam numa organização social. Por si só não dá conta de explicar os múltiplos conteúdos que fazem parte da trama de relações que se estabelecem na sociedade. Ainda que um indivíduo ou grupo social goze, num determinado momento, dos prazeres que, numa sociedade capitalista, só o dinheiro é capaz de proporcionar, a relação entre miseráveis e abastados não se reduz a um exercício de antropofagia. A herança cultural, por exemplo, pode ser mais determinante que a renda, na formação da visão de mundo das pessoas. Em razão dessas questões, uma outra se colocou. Antes de ir a campo havia a convicção de que seria com as pessoas das vilas que se daria uma identificação maior de minha parte. Afinal, minhas preocupações com a questão social, seja em termos políticos, acadêmicos ou profissionais, sempre ocorreram em razão de uma opção pelos oprimidos (sem nenhum conteúdo pejorativo). Nos condomínios, no entanto, pude constatar que a problemática cotidiana aí vivida, bem como a linguagem que a expressa, são típicas de uma classe média urbana na qual estou incluída, ainda que questione seus valores. Frente a frente, com questões comuns do dia-a-dia, foi com alguns moradores de condomínios e não com os moradores das vilas pobres que a relação sujeito-objeto mais se confundiu, durante os trabalhos de pesquisa.

Uma outra surpresa se deu, quanto à receptividade por parte das pessoas. A última pesquisa de campo da qual eu havia participado como entrevistadora fora no início dos anos 70, quando ainda era estudante e, depois, em meados daquela década, como recém-formada.

Na época, não sei se por influência do contexto político do país, as pessoas tinham muito medo, mostravam-se excessivamente acuadas e dificilmente convidavam os entrevistadores para entrar em suas casas. Fossem ricos ou pobres, atendiam sempre à porta. Quando esta se fechava, ficava a lembrança daqueles olhares de desconfiança sobre nossas cabeças.

Na realização deste trabalho, encontrei uma situação bastante diferente. As pessoas me pareceram mais receptivas e inquietas; interessavam-se em discutir seus problemas, sentiam prazer em expor suas opiniões e não mostravam constrangimento em falar sobre particularidades das suas vidas. Evidentemente, os primeiros contatos nem sempre foram fáceis. Muitas vezes tive que insistir na realização das entrevistas e outras vezes foi preciso desistir, particularmente quanto aos moradores dos condomínios fechados, com os quais obter uma entrevista era realmente uma dificuldade. Depois de rompida essa primeira barreira, no entanto, as entrevistas realizavam-se num clima muito satisfatório, de modo geral. Sem a intenção de privilegiar uns ou outros, quero registrar que fiquei muitas vezes emocionada com os moradores mais antigos. Alguns deles, sabendo sobre meu trabalho através de terceiros, entraram em contato comigo para dar seus depoimentos, contar suas trajetórias de vida. Foram horas e horas de relatos, em que era evidente sua preocupação em narrar os fatos com o máximo de detalhes. Ficavam desapontados quando lhes fugiam as datas, os nomes, e alegravam-se ao mostrar fotos de parentes e amigos estimados. Havia consternação no olhar e embaraço na voz quando vinha-lhes à lembrança um episódio infeliz na família.

Entrevistá-los foi, assim, uma experiência pessoal muito gratificante. Imaginei que fosse encontrar resistência para obter seus relatos, pois seriam solicitados a recordar, e isso constitui, não raramente, um esforço pessoal bastante grande. Observei,

todavia, que convidá-los a lembrar, falar do passado, "daquele tempo", não parecia representar um fardo para essas pessoas. Pelo contrário, manifestavam-se satisfeitas não só em falar do bairro, mas também das experiências pessoais ali vividas. Mesmo quando o relato referia-se a lembranças tristes, não se negavam a fazê-lo. Este fato, somado à importância dessas informações na reconstituição do bairro - ainda que esta reconstituição fosse muitas vezes uma interpretação idealizada do passado -, foram bastante importantes no resultado do trabalho. Além disso, os velhos são o contraponto para aquilo que é novo no bairro, representado tanto pelos moradores das vilas como pelos moradores dos condomínios fechados. Foram aqueles, através da venda de suas terras, os mediadores da entrada dos novos, de onde resulta o seu papel de destaque. Sem esse contraponto, seria impossível detectar os momentos de transição do lugar que, de uma vila camponesa, cujas relações eram marcadas por profundos laços de união parental e de compadrio, passa a ser um espaço urbano de significado diferente, onde as relações tendem a ser impessoais e racionais, definidas em termos de interesses. Esta base moral sobre a qual repousam as relações num e noutro caso irá nortear a percepção que cada grupo tem de si e do espaço enquanto uma organização física.

Como foi diferente andar no bairro, depois da realização das entrevistas! Para cada lado em que se olhava havia histórias, vida! O bairro parecia estar mais humanizado, com as marcas de personalidade com as quais costumamos demarcar nossos espaços. Até a casa velha, desmoronando sob a ação do tempo e que, teimosa, insiste em tomar parte da avenida principal enquanto aguarda o veredito de uma ação judicial, inspira intimidade pelas muitas histórias contadas sobre o bairro. Essas e outras experiências acabaram por tornar o trabalho empírico uma tarefa gratificante.

As informações obtidas em campo foram analisadas segundo um referencial teórico baseado na ampla literatura sociológica e

antropológica explicitada no capítulo 1. Tal referencial não obedece às rígidas delimitações metodológicas preconizadas pelas diferentes linhas teóricas do pensamento social. Foram utilizados conceitos de diferentes abordagens, desde que estes dessem conta de explicar as diferentes situações reais.

O capítulo 2 trata do início da ocupação do bairro e do estilo de vida praticado pelos antigos moradores.

No capítulo 3, analisa-se o crescimento do bairro, em duas fases: uma delas referente aos anos 70, quando se deu o parcelamento do solo para famílias de baixa renda e, a outra, a partir do final dos anos 80, com a construção dos condomínios fechados, os quais têm atraído famílias com alta renda, alterando o perfil social do bairro. Nesse capítulo, tem-se um panorama social e espacial do bairro nos dias atuais.

O capítulo 4 é dedicado à discussão das relações que os diferentes grupos sociais mantêm entre si e da representação que cada grupo faz do outro e de si próprio.

No capítulo 5 apresentam-se algumas considerações finais.

1 VISITANDO O LUGAR - A ESCOLHA DO OBJETO

A decisão de estudar o bairro de São Braz foi, de certo modo, ocasional. Indo até lá visitar um amigo, deparei-me com um bairro que não se parecia em nada com aquele que havia conhecido no início dos anos 70. Em 1972, quando tive oportunidade de conhecer o lugar, a ocupação daquela área reduzia-se a poucas casas e muitas chácaras. Desde então, o bairro transformou-se completamente e sua imagem atual tem pouco em comum com aquela de duas décadas atrás. As áreas livres que ali existiam foram loteadas e ocupadas por famílias de diferentes segmentos sociais. Pobres e ricos habitam praticamente as mesmas áreas. Seus espaços, contudo, são bem delimitados: os conjuntos residenciais para as classes média e alta são, muitas vezes, cercados por grandes muros, com uma portaria comum. Esses conjuntos são conhecidos como condomínios fechados ou condomínios horizontais.

Tal forma de moradia (condomínios fechados) não é exclusiva de São Braz. Existem experiências desse tipo também em outros bairros da cidade e outras cidades brasileiras. O que surpreende, nesse caso específico, é o modo como esses condomínios se distribuem espacialmente. Alguns ocupam áreas que ficam próximo ou mesmo dentro de loteamentos populares, o que concede aos muros uma imagem acintosa de segregação espacial e social.

Essas imagens provocaram uma série de indagações. Entre as observações que despertaram, a que mais me intrigava era referente às relações entre as pessoas, as quais, embora espacialmente próximas, encontravam-se tão distantes socialmente. Foi então que decidi estudar o bairro com o propósito de tentar desvendar as peculiaridades das relações entre os diferentes segmentos sociais envolvidos.

Convencida de que estava diante de um desafio, comecei a investigar a história da ocupação do bairro com o objetivo de formular o projeto de pesquisa apresentado na prova de qualificação da FAU-USP.

São Braz é um bairro cuja ocupação inicial se deu por uma família brasileira (quatro irmãos) e por imigrantes italianos e poloneses que no final do século passado ali se instalaram, adquirindo grandes áreas de terra. O bairro permaneceu com características de vilarejo rural até meados da década de 60. Nos anos 70, quando o crescimento da população de Curitiba começou a se intensificar, período em que foram alcançadas as maiores taxas de crescimento entre as capitais brasileiras, muitas das áreas do bairro de São Braz foram loteadas e vendidas.

A disponibilidade de áreas mais centrais contribuiu para que, naquele período, as terras em São Braz fossem vendidas à margem do mercado especulativo e os preços permanecessem bastante baixos, atraindo uma população de baixa renda, expulsa do campo por não conseguir reproduzir, nas suas pequenas terras, as condições técnicas exigidas pelo novo padrão tecnológico imposto à agricultura.

Desse modo, a ocupação do bairro acabou por assumir as características do processo que se convencionou chamar de periférico: desemprego, construção de habitações simples, com precárias condições sanitárias, e todas as mazelas que costumam acompanhar as populações pobres.

Nos anos 80, contudo, fatos novos vieram alterar essa tendência de ocupação. O bairro beneficiou-se de uma série de equipamentos urbanos criados com o crescimento da cidade - particularmente as ligações viárias -, o que acabou por colocá-lo numa situação espacial vantajosa, diminuindo a distância não só em relação ao centro da cidade mas sobretudo a algumas áreas

valorizadas, como Santa Felicidade¹ e Parque Barigüi.² Além disso, o bairro está situado numa área de fácil acesso viário à Cidade Industrial de Curitiba (CIC),³ atraindo para o bairro pessoas que trabalham nas empresas ali instaladas (mapa 1).

O resultado dessas vantagens locais despertou o interesse do setor imobiliário que, sensível a essa nova situação do bairro criada com os investimentos urbanos citados, antecipa-se com a oferta de habitações para a classe média, capaz de pagar o preço da valorização das terras. Com isso, acaba sendo alterada a tendência de ocupação do bairro predominantemente pelas classes populares, passando a ser atraída, principalmente, uma população com rendas média e alta.

São Braz, que antes podia ser identificado como uma área de ocupação tipicamente periférica, marcada pela segregação espacial, passa a ser o território de muitos espaços segregados. Andando pelo bairro, observam-se algumas casas antigas que, sobrevivendo à ação do tempo e do progresso, surgem em vários pontos ao longo da avenida principal, entre uma série de construções recentes, principalmente comerciais. Entrando pelas ruas secundárias é possível encontrar, inesperadamente, barracos à porta de condomínios fechados⁴, cujos muros altos deixam entrever apenas os telhados.

Essa diversidade, manifestada ao nível do território, suscita uma série de indagações, no que diz respeito às relações que os moradores mantêm entre si. Quais os padrões de sociabilidade que se desenvolvem ali?

¹Santa Felicidade é um bairro ocupado, na origem, por imigrantes italianos. É conhecido na cidade como "centro gastronômico", pelo grande número de restaurantes de cozinha italiana. Nos anos 80, foi concluída a construção da Avenida Toaldo Túlio, ligando São Braz a Santa Felicidade.

²Parque Barigüi: importante área de lazer da cidade, criada no final dos anos 70, na segunda gestão do prefeito Jaime Lerner. Essa obra valorizou toda a área no entorno.

³Cidade Industrial de Curitiba (CIC) criada nos anos 70.

⁴Em função da disponibilidade de terrenos grandes, São Braz e Santa Felicidade acabaram por constituir áreas privilegiadas para esse tipo de construção.

mapa 1

A hipótese que se pretende apresentar é a de que os moradores antigos viviam uma solidariedade definida por vínculos de parentesco e até étnicos, desenvolvendo relações típicas de uma comunidade. Esse padrão de relacionamento, no entanto, sofreu alterações, frente ao crescimento da população. Que mudanças foram estas? Os moradores novos, representados por dois grupos sociais distintos - os moradores das vilas e os moradores dos condomínios fechados -, contribuíram, certamente, para moldar o caráter atual da vida social ali existente. Quais os fatores de coesão e conflito que se manifestam entre esses segmentos?

Essas questões remetem a um tipo de investigação urbana que não se limita a observar o espaço construído, ainda que este possua a capacidade de revelar a heterogeneidade social. A mera descrição do espaço físico não permite revelar o processo social que engendrou aquela forma e muito menos aquele que resultou dela. Entendo que isso só seja possível através de uma observação empírica que leve em conta a observação das relações que os homens, personagens históricos, estabelecem entre si, identificando as formas de organização social dos diferentes grupos num determinado espaço urbano. O problema central de quem estuda a sociedade (...) é descobrir as formas de ação e organização social que emergem em grupamentos compactos, relativamente permanentes, de grande número de indivíduos heterogêneos.⁵

O urbano é a forma espacial típica da sociedade industrial, cuja produção só se realiza com a concentração de produtores e consumidores. A correspondência cultural do processo de produção em escalas é a sociedade de massas, da qual emana o padrão de comportamento que se irradia a partir dos grandes centros, atraindo os indivíduos para sua órbita, independentemente do lugar onde estes se encontrem.

⁵WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. In: VELHO, Octávio Guilherme (Org.). O fenômeno urbano. 4 ed. Rio de Janeiro : Zahar, 1979. p.105.

Marx demonstrou até que ponto o padrão de relação social predominante na sociedade contemporânea tem suas origens nas relações de produção decorrentes da divisão do trabalho, e Durkheim esmiuçou, sistematizou e formalizou todas as relações de sociabilidade dela decorrentes. A divisão do trabalho concede às relações sociais um caráter segmentário, expresso pelas inúmeras profissões que sobejam nas cidades. Disso decorre que, para satisfazer suas necessidades cotidianas, das mais elementares às mais complexas, os indivíduos necessitam de um número maior de pessoas, não obstante necessitar cada vez menos de pessoas específicas. Durkheim identificou nessas relações um tipo particular de solidariedade. Para o autor, a solidariedade social é um fenômeno completamente moral que, por si só, não se presta à observação exata nem sobretudo à medida.⁴

A solidariedade é um fato social que só é possível através do organismo individual. Estudá-la sob esse aspecto, porém, não é tarefa da sociologia. Enquanto uma predisposição individual, mostra-se de forma indefinida e de difícil observação, sendo perceptível apenas através de suas conseqüências externas.

A solidariedade em Durkheim diz respeito, pois, à condição moral que une o indivíduo à sociedade, não se tratando de uma mera disposição individual para a ajuda recíproca, ainda que a pressuponha.

O autor considera que o fato exterior a partir do qual se deve entender o tipo de solidariedade predominante numa sociedade é o direito. Nas sociedades em que prevalece a solidariedade mecânica, os códigos de conduta que se estabelecem são aqueles concernentes ao direito repressivo, sejam eles determinados consuetudinária ou juridicamente. Nas sociedades simples, onde a tradição é toda poderosa e onde tudo é comum, os usos mais

⁴ DURKHEIM, émile. A divisão social do trabalho. 2.ed. Lisboa : Presença, 1984, p.80

pueris tornam-se pela força do hábito deveres imperativos.⁹ O castigo relaciona-se com o fato de existirem sentimentos coletivos fortes, sendo sua função, assim, a manutenção desses sentimentos. O que ocorre é que nas sociedades assim constituídas, a consciência coletiva é muito forte. Durkheim entende a consciência coletiva como sendo constituída pelas crenças e sentimentos que norteiam a vida comum. Nas sociedades de organização mais simples, a consciência coletiva abrange a personalidade individual. Esta é absorvida por aquela. Nesses casos, o indivíduo não se pertence e é, literalmente, uma coisa que a sociedade dispõe.¹⁰

O outro tipo de solidariedade começa a se desenvolver com a divisão do trabalho, a qual já aparecia, de forma rudimentar, nas sociedades mais simples, mas se restringia basicamente a uma divisão por sexo. Com a produção industrial a divisão do trabalho se intensifica, abrangendo não apenas a esfera econômica, mas se estendendo a todos os setores da sociedade. O direito que predomina nesse caso é cada vez menos o direito repressivo em relação ao direito restritivo. Na sociedade da divisão do trabalho as normas não são penais, mas repressivas e estranhas à consciência coletiva. O direito irá garantir a relação entre as pessoas e as coisas, e não a relação das pessoas entre si.

Na solidariedade mecânica, a punição visa à unificação das idéias comuns ao grupo. (...) se as transgressões não fossem castigadas, a força dos sentimentos indispensáveis à coesão social não seria preservada.¹¹ Na solidariedade orgânica, diferentemente, o direito promove a separação, a distinção dos limites individuais. A punição diminui porque são mais fracos os sentimentos em relação aos valores transgredidos. O Estado aparece como uma instância importante para garantir a proteção dos direitos

⁹DURKHEIM, Émile. A divisão social do trabalho, p.185.

¹⁰DURKHEIM, Émile. A divisão social do trabalho, p.152.

¹¹GIDDENS, Anthony. Capitalismo e moderna teoria social : uma análise das obras de Marx, Durkheim e Max Weber. Lisboa : Presença, 1972. p.140.

individuais, importância tanto maior quanto maior for a diferenciação da sociedade. Nas sociedades em que o estado não assume esse papel diretivo, pode verificar-se uma estagnação tão grande como a que caracteriza as sociedades sujeitas ao juízo da tradição.¹² Para evitar que o Estado exerça um papel tirânico, caso seja muito forte, ou para atenuar as instabilidades, quando é muito fraco, Durkheim propõe a formação de grupos secundários que façam a intermediação entre Estado e sociedade. Nesse caso, ele ressalta o papel das associações profissionais que, atraindo fortemente os indivíduos para sua esfera de ação, cumprem o papel de integrá-los à vida social.

A fragmentação progressiva da vida social decorrente da divisão do trabalho produz, na prática cotidiana, uma perda da eficácia individual, que é compensada pela participação em grupos organizados, os quais, a despeito de atribuírem uma importância social simbólica aos indivíduos particulares, contribuem para uma segmentação muito grande da sociedade. O indivíduo, para satisfazer às suas inúmeras necessidades, associa-se aos diferentes grupos de interesse. Todas essas associações dizem respeito à formação do indivíduo, digamos, por inteiro, em que um aspecto não é mais importante que outro. Assim, a ausência de participação em um grupo não é suprida pela presença mais intensa em outro. É por isso que mais trabalho não implica uma necessidade menor de lazer, e vice-versa. Nenhum grupo isolado é possuidor da fidelidade exclusiva do indivíduo. Os grupos aos quais ele se acha filiado não se prestam rapidamente a um simples arranjo hierárquico. Devido aos seus diferentes interesses, emanados dos diferentes aspectos da vida social, o indivíduo se torna membro de grupos divergentes, cada um dos quais funciona somente com referência a um segmento de sua personalidade.¹³

Por conta da enorme segmentação da sociedade, aumenta o número dos contatos individuais, que acabam por tornar-se cada vez

¹² GIDDENS, Anthony. Capitalismo e moderna teoria social, p.154.

¹³ WIRTH, p.113.

mais efêmeros, ocasionais e utilitários, o que confere às relações sociais um caráter de impessoalidade. São essas relações impessoais que moldam a forma da vida social, atribuindo-lhe uma especificidade tipicamente urbana.

O caráter solipsista desses contatos tende a quebrar a rigidez dos grupos mais integrados, que vão se moldando, se ajustando à estrutura social, entendida aqui como o conjunto (...) das relações sociais de importância crucial para o comportamento dos membros da sociedade (...) de tal sorte que, se estas relações não operassem, a sociedade não existiria sob essa forma.⁴⁴

Esses elementos estruturais vão se infiltrando pelo tecido social e ao mesmo tempo vão desenhando sua fisionomia. Essa forma é constituída pela persistência e repetição de comportamentos que acabam por adquirir uma certa fixidez, ao mesmo tempo em que inspiram a idéia de continuidade da vida social. É desnecessário lembrar o papel da ideologia, de modo geral, tal como é difundida pelos meios de comunicação de massa em particular, na formação desse processo.

Nesse sentido, a sociedade não pode ser entendida pela sua forma aparentemente acabada, mas através dos processos que geraram esta forma. A noção de processo encerra uma idéia de mudança, mas ao mesmo tempo remete à noção de descontinuidades ao nível dos microprocessos sociais, que é onde realmente se desenrola a trama de relações que constituem a vida social.

Enquanto a forma ou estrutura social encerra uma idéia de imutabilidade da organização social, o processo social sugere a idéia de interação de relações entre indivíduos, de continuidade histórica, de herança cultural, de passado, de devir.

Simmel, quando discute os microprocessos sociais, faz uma comparação destes com o que ele chama "antiga ciência do corpo

⁴⁴FIRTH, Raymond. Organização social e estrutura social. In: CARDOSO, Fernando Henrique; IANHI, Octávio (Org.). Homem e Sociedade. 7ed. São Paulo : Nacional, 1973, p.32.

humano", que se limitava a estudar os grandes órgãos bem determinados do corpo humano (...) abandonando aqueles tecidos que careciam de nome popular ou que eram desconhecidos, mas sem os quais aqueles órgãos bem determinados nunca produziram um corpo vivo.¹⁵ Assim, a vida real da sociedade não poderia ser construída só através daquelas formações mais amplas. Simmel defende-se dizendo que (...) não se trata de analogia biológica ou metafísica entre as realidades da sociedade e o organismo. Trata-se somente de analogia com a consideração metodológica e seu desenvolvimento; trata-se de descobrir os delicados fios das relações mínimas entre os homens, em cuja repetição contínua se fundam aquelas grandes formações que se fizeram objetivas e que oferecem uma história propriamente dita.¹⁶

A noção de imbricação entre os processos primários da sociação e as grandes formações sociais permite entender o homem também como um produto histórico que, ao construir o social, também reconstrói a si mesmo, conforme aquelas condições gerais. O processo social resulta não só do comportamento dos homens, mas também da "situação" na qual eles se desenvolvem. Marx, quando falou dessa capacidade do homem de produzir a sociedade ao mesmo tempo em que produz a si próprio, lembrou: A fome é fome, mas a fome que se satisfaz com carne cozida, que se come com faca e garfo é uma fome muito distinta da que devora carne crua com unhas e dentes.¹⁷

Avaliar as ações humanas considerando essas formulações mais gerais é uma tarefa complexa. Todavia, quando se analisam os pequenos grupos e se observa o comportamento humano desnudado de toda a racionalidade presente na elaboração científica, depara-se com uma situação igualmente difícil. As relações cotidianas entre os indivíduos consistem num conjunto de atividades psíquicas e físicas carregadas de um conteúdo emocional indiscutível.

Os tratados de sociologia são unânimes em afirmar que não são esses conteúdos o objeto da sociologia, isto é, não constituem

¹⁵MORAIS FILHO, Evaristo de (Org.). Simmel : sociologia. São Paulo : Ática, 1983, p.71.

¹⁶MORAIS FILHO, p.73.

¹⁷MARX, Karl. Para a crítica da economia política. São Paulo : Abril Cultural, 1974. p.116. (Os pensadores, 35)

objeto da sociologia as atividades individuais, psíquicas e físicas, nem a soma destas, mas sim as influências mútuas entre os homens sob as categorias de cooperação e conflito. Não são os indivíduos particulares, mas o resultado das relações entre eles que interessa ao investigador captar. Isso não constitui tarefa simples. Separar o que é resultado de uma relação entre indivíduos e, portanto, objeto da sociologia, do que é uma conduta pessoal e psíquica, cujo contorno é melhor delineado no campo da psicologia, é uma atividade complexa e traz à tona toda a velha discussão da relação sujeito - objeto, a qual não pretendo trazer aqui.

De qualquer modo, o individual e o coletivo não são antagônicos, não se opõem no sentido de que o primeiro vive à margem do segundo. Lembram Horkheimer e Adorno que, mesmo na sociedade de massas (...) os indivíduos comportam-se conforme determinações psicológicas próprias de cada individualidade (...). Além disso, a sociologia pura não existe, tal como não existe uma história pura, uma psicologia pura; o próprio substrato da psicologia - o indivíduo - não passa de uma abstração, se o retirarmos das suas determinações sociais.¹⁸

É verdade que o indivíduo age conforme motivações oriundas de suas características psíquicas, mas o comportamento individual ajusta-se às regras de conduta do grupo social, em que as pessoas (...) tendem a comportar-se de acordo com o que esperam umas das outras.¹⁹ A tarefa do investigador é, pois, abstrair do comportamento individual aquilo que é expressão das determinações colocadas pelo social.

Uma outra dificuldade que se coloca ao observador, e que de certa forma está inserida na questão anterior, diz respeito à função da comunicação.

A interação entre os homens só se realiza através de contatos que podem ser diferenciados segundo sua natureza. Esses contatos são

¹⁸HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W. (Org). Temas básicos da sociologia. São Paulo : Cultrix, 1973. p.20.

¹⁹HILLS, C. Wright. A imaginação sociológica. 3.ed. Rio de Janeiro : Zahar, 1972. p.39.

quase sempre uma manifestação simbólica do social e indicam a presença do caráter social naquilo que é mental e psíquico. O caráter simbólico da comunicação, aliás, é o que projeta o homem numa esfera cultural, diferenciando-o dos outros seres vivos.

A linguagem, considerada a mais importante forma de comunicação, principal matéria-prima para o tipo de estudo que se pretende aqui realizar, é ela mesma a mais importante forma de expressão simbólica. Contudo, ainda que constitua uma forma de comunicação acreditada, muitas vezes ela pode estar escondendo o que revela e revelando o que quer esconder, como diz G. Gurvitch, quando fala dos caracteres dos símbolos.²⁰

Cabe ao pesquisador que se propõe estudar a sociedade identificar e decodificar o simbólico nas atitudes dos indivíduos, para melhor compreender suas relações.

Esses complicadores não podem ser vistos como obstáculos ao desenvolvimento da pesquisa social e não são colocados aqui à maneira de uma "justificativa" para possíveis decepções em relação aos resultados deste trabalho. A intenção é, antes, explicitar questões que possam representar armadilhas no decorrer da investigação empírica.

Muitas vezes, depois de terem sido realizadas algumas entrevistas no bairro, tinha-se uma sensação de conforto, um sentimento de compreensão sobre as especificidades de cada grupo. Noutra dia, voltava-se com um sentimento de derrota, dada a firme convicção de que não era nada daquilo. Resultou desses conflitos e de algumas leituras específicas a convicção de que um estudo dessa natureza não necessariamente deve se desenvolver com o objetivo de buscar respostas. Postura mais interessante pode ser aquela que se preocupa em formular questões coerentes, apontando suas causas.

²⁰GURVITCH, Georges. Os símbolos sociais. In: CARDOSO, Fernando Henrique, IANNI, Octávio (Org.). 7 ed. São Paulo : Nacional, 1973. p.197.

possíveis, mesmo porque uma reconstrução incontestável do real seria absolutamente incoerente com a noção de sociedade aqui explicitada.

De qualquer modo, na observação empírica é indispensável uma atitude de certa vigilância, no que diz respeito à maneira de trabalhar os fatos.

Uma investigação empírica da interação social revela, de imediato, a dificuldade de realizar uma classificação do comportamento humano conforme padrões gerais racionalizados. A ação social dos grupos se desenvolve invariavelmente aquém ou além dos modelos idealizados. É necessário, assim, ultrapassar as fronteiras delineadas pelas teorias, ainda que estas constituam referências às quais a investigação deva sempre se reportar, como medida de precaução contra possíveis derrapagens em direção à ficção ou à mera descrição apologética dos fatos.

Michel Maffesoli sugere ao pesquisador que (...) ao invés de querer, de maneira ilusória, apreender firmemente um objeto, explicá-lo e esgotá-lo, contentar-se em descrever os seus contornos, seus movimentos, suas hesitações, seus êxitos e seus diversos sobressaltos.²¹

Nessa perspectiva, para captar a sociabilidade em toda a sua magnitude, é necessário incorporar a possibilidade da emoção e dos sentimentos comuns, mecanismos contagiantes que produzem e divulgam idéias. Seja no quadro das redes das pequenas células conviviais ou pela ótica do cabaré, ao gosto dos frequentadores, a emoção coletiva é algo encarnado, algo que joga com o conjunto das facetas daquilo que o sábio Montaigne chamou "l'hommierie": esse mito de grandezas e de infâmias, de idéias generosas e de pensamentos mesquinhos, de idealismo e de arraigamento mundano, em suma, o homem.²²

Com efeito, não se pretende que este estudo se preste sempre a generalizações, mas, às vezes, a sugestões, pistas, hipóteses e comparações. Entende-se que as relações sociais, no âmbito dos pro-

²¹MAFFESOLI, Michel. O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987. p.6.

²²MAFFESOLI, p.19.

cessos imediatos, devam ser entendidas como realidades que se bastam.

Para efeito de metodologia, procedeu-se a uma divisão da população em três grupos sociais distintos:

- a) os moradores antigos;
- b) os moradores das vilas; e
- c) os moradores dos condomínios fechados;

Foram considerados como moradores antigos as pessoas que moram há muito tempo no bairro, e cuja idade é superior a 60 anos. Excepcionalmente, houve entrevistados - indicados pelo próprio grupo - com idade um pouco abaixo desse limite.

O critério de seleção das pessoas entrevistadas em cada grupo levou em conta a proximidade espacial dos mesmos, uma vez que o estudo se daria sobre a relação social entre estes grupos. Assim, optou-se por dois condomínios, um deles ("Celeste Residências") situado numa região ocupada tradicionalmente pelos moradores antigos, e outro, o "Fortezza di Firenze", construído junto a uma vila popular com características de favela. Considerando o mesmo critério, tomou-se a área conhecida como "Vila Carvalho" para a realização das entrevistas com os moradores de vilas.

Esses três grupos de moradores foram destacados por representarem os momentos mais significativos da ocupação de São Braz. Apesar de existirem outros grupos sociais no bairro, entende-se que esta classificação abrange parcela significativa da população ali residente e representa os grupos sociais mais heterogêneos do bairro, cuja relação se quer entender.

Embora não tenha sido levantada a renda dessas famílias, foram utilizados alguns recursos para classificar a população em estratos de renda. O tipo de domicílio e outros equipamentos e acessórios domésticos, bem como o estilo de vida das pessoas, foram elementos importantes na avaliação do padrão sócio-econômico das famílias. Ainda que esse método de identificação tenha se baseado

apenas no bom senso, entende-se que corresponda, em grande medida, à realidade. Segundo esse procedimento, as famílias foram associadas aos vários estratos de renda: renda baixa, média-baixa, média-média e média-alta. Não foi utilizado um estrato de renda alta, porque até mesmo naqueles casos em que havia evidências de alto nível de renda, esta era obtida através do trabalho do chefe e/ou de outros membros da família.

Para que o método não parecesse por demais impressionista, tomou-se a variável "consumo de energia elétrica", para que fosse comparada com as informações de renda obtidas através de levantamento censitário. Ainda que as informações procedam de períodos diferentes, foi constatada uma aderência entre ambas, o que permite compatibilizá-las com a estratificação social sugerida através de observações empíricas, revalidando-as (capítulo 3).

Deste modo, constatou-se que predominam, entre os moradores antigos, famílias com rendas média-baixa e média-média; nos condomínios fechados, predominam famílias com rendas média-média e média-alta; e nas vilas, rendas baixa e média-baixa. No bairro como um todo, a prevalência é de famílias com rendas média-baixa e média-média.

Neste estudo, foi elaborado um roteiro para a realização das entrevistas, obedecendo às especificidades de cada grupo. O roteiro, entretanto, sofria alterações à medida que as entrevistas eram realizadas e o real imprimia suas marcas, solicitando novos caminhos. Além das entrevistas formalmente realizadas, houve muitos bate-papos e conversas descompromissadas, que, a despeito de sua informalidade, foram de extrema importância para a compreensão de certos aspectos. A lista dos entrevistados encontra-se no anexo 1.

As entrevistas tiveram início no final do mês de julho de 1991 e terminaram em meados de setembro de 1991. Como se costuma proceder em investigações de caráter antropológico, seu número foi considerado satisfatório quando as informações começaram a se tor-

nar repetitivas. Ainda assim, procedeu-se a uma amostra estatística que tomou por base a variável "consumo de energia elétrica" (anexo 2), visando aumentar o grau de segurança dos dados.

A hipótese mais geral deste trabalho foi a de que antes da chegada do fluxo migratório iniciado no final dos anos sessenta e intensificado nos anos setenta e oitenta, existia um grupo, no bairro de São Braz, cujas características aproximavam-se das de uma "comunidade". Após esse período, dois grupos diferenciados - os moradores das vilas populares e os moradores de condomínios fechados - alteraram a rotina de vida daqueles moradores, transformando as relações sociais que se desenvolviam. Onde antes predominavam relações fundamentadas em laços de consangüinidade e compadrio, passam a ser desenvolvidas relações impessoais típicas das relações sociais predominantes na sociedade.

Pretende-se testar essa hipótese, acompanhando, também, o processo de ocupação do bairro. Além disso, procura-se entender não só as relações que os dois grupos de moradores novos mantêm com o grupo mais antigo e vice-versa, mas as relações que esses grupos novos, absolutamente segregados, mantêm entre si. Pretende-se, ainda, investigar o modo como se desenvolvem as relações sociais no interior de cada um desses grupos. A categoria "grupo social" é utilizada para designar todo tipo de associação genérica.

Para explicitar o que se entende por comunidade, empresta-se o conceito utilizado por MacIver e Page: onde quer que os membros de qualquer grupo, pequeno ou grande, vivam juntos e de modo tal que partilhem não deste ou daquele interesse, mas das condições básicas de uma vida em comum, chamamos a esse grupo comunidade. O que caracteriza uma comunidade é que a vida de alguém pode ser totalmente vivida dentro dela.⁸³

Para os autores, não se vive inteiramente, de modo completo, numa empresa comercial, mas pode-se fazê-lo numa tribo ou cidade.

⁸³MACIVER, R. H.; PAGE, Charles H. Comunidade e sociedade como níveis de organização da vida social. In: FERNANDES, Florestan (Org.) Comunidade e sociedade. São Paulo : Nacional, 1973. p.122.

Essa colocação envolve uma discussão mais geral sobre a questão, que desemboca na idéia de comunidade religiosa, comunidade nacional, etc., que não se pretende desenvolver aqui. Esta exposição limita-se à comunidade enquanto designação de interesses circunscritos numa pequena área, onde prevalece o sentimento de co-participação, ou seja, o sentimento de comunidade.

A comunidade é uma associação, mas a simples associação de pessoas para atingir objetivos específicos não faz do grupo uma comunidade. Podemos nos associar de várias maneiras para alcançar diferentes fins. Assim, numa comunidade podem existir vários tipos de associação, mas não é essa característica que lhe concede o caráter de comunidade. O sentimento de comunidade é desenvolvido a partir dos laços de solidariedade que se estabelecem entre seus membros.

A idéia de comunidade designa o conjunto de relações fundadas na semelhança, em que prevalece a noção do coletivo, cuja coesão é resultado do consenso entre seus membros. Ao contrário, nas relações que se desenvolvem na sociedade, esta coesão resulta do acordo, do contrato, coesão que Durkheim chamou de solidariedade mecânica e orgânica. Ainda que se faça uso do conceito de comunidade para designar o grupo de moradores antigos de São Braz, o que se quer, aqui, não é fazer um estudo sobre comunidade. Uma investigação dessa natureza tem, no isolamento absoluto, seu pressuposto fundamental, o que uma vasta literatura antropológica já se encarregou de desmistificar. Além do isolamento não ser uma característica da situação antiga de São Braz, a visão de comunidade constitui um artifício de cunho metodológico. Comunidade, aqui, constitui um tipo ideal criado, como recomendava Weber, para efeito de análise. É uma categoria entendida como um modelo teórico para facilitar a compreensão. O real está além ou aquém desse modelo ideal, mas é esse modelo que vai permitir conhecer o real através de uma abordagem conceitual.

2 SÃO BRAZ - O VILAREJO CONTADO PELOS MORADORES ANTIGOS

Nas sociedades urbanas contemporâneas, são cada vez mais raras as oportunidades de diálogo. Se entre os jovens e adultos os diálogos tendem a se transformar em situações marcadas pela contingência, o que se dirá das relações com os velhos, cuja condição física e cultural não acompanha o ritmo acelerado que a sociedade impõe? é como se nos tivessem tirado um poder que parecia inato, a mais segura de todas as coisas seguras, a capacidade de trocar por palavras experiências vividas.⁴

Nas sociedades marcadas por profundas diferenças entre as classes sociais e pela divisão do trabalho, ocorrem rupturas ao nível das relações entre os homens, e desses com a natureza, que acabam por eliminar a noção de continuidade. Os mais jovens não vêem necessidade de ouvir os mais velhos, pois as bases sociais sobre as quais formaram a experiência não são mais as mesmas. Hoje, tudo morre, mal nasce, e desaparece, mal surge. Mas tudo se repete e recomeça (...). O atual abrevia-se e precipita-se, ao mesmo tempo em que se esgota cada vez mais rápido o interesse pelo atual, e este atual se satisfaz ao fim de um período que se encurta.⁵

Ao se excluir das relações sociais a noção de continuidade, a transferência das experiências entre as gerações ao nível da aparência perde sua razão de ser. O velho, incapacitado de produzir, por força das imposições colocadas pela competitividade, é posto à margem da sociedade, como um produto descartável. Ao mesmo tempo, os homens adultos que estão em atividade sentem dificuldade em buscar no seu passado alguma referência que oriente suas vidas no presente. A ação presente é inspirada nela mesma.

⁴BENJAMIN, Walter. O narrador. São Paulo : Abril Cultural, 1973. p.63 (Os pensadores, 48).

⁵LEFEBVRE, Henri. Introdução à modernidade. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1969. p.194.

Simone de Beauvoir descreve do seguinte modo as formas de inserção do velho nas sociedades antigas e na sociedade capitalista contemporânea: Quando a maioria dos empreendimentos agrícolas, artesanais, comerciais e financeiros eram dotados de um caráter familiar e situados numa sociedade economicamente estável, ao pai era lícito esperar que seus filhos haveriam de prosseguir sua obra para confiá-la, por sua vez, a seus descendentes.³ Nesses casos, a obra, seja ela qual for, sobrevive ao autor e conseqüentemente o trabalho não terá sido em vão. Prevalece o sentimento de continuidade, de prolongamento, de eternização.

Atualmente não é o que ocorre. Tudo se movimenta com enorme rapidez. Um indivíduo menos atento pode se preparar para uma ação qualquer e ver obliterados os seus esforços, em razão da plenipotência que adquiriu o movimento da história. O idoso é quem mais sofre esse processo, pois já não pode contar com esta espécie de eternidade: acelerou-se o movimento da História, que há de destruir amanhã o que foi construído ontem. Serão derrubadas as árvores plantadas pelo velho. A célula familiar fracionou-se em quase toda a parte (...). O filho não continuará o pai e este não o ignora (...). As mais das vezes, o pai não se reconhece no filho.⁴

A situação do velho na nossa sociedade é tão mais dolorosa quanto mais ele se aproxima de uma existência comum, quando são menores as possibilidades pessoais de fugir da sensação de inutilidade que o acomete. Com relação aos homens intelectuais, por exemplo, particularmente os inventores, cujas experiências não são assimiláveis rapidamente, mas à custa de um trabalho prolongado e disciplinado, essa sensação de inutilidade pode ser atenuada. Para Simone de Beauvoir, a experiência dos velhos, nesses casos, acaba sendo mais importante, podendo prolongar-se além das suas existências. Contudo, isso pode se alterar com as freqüentes descobertas que, em alguns ramos da ciência, comprometem todo o seu

³BEAUVOIR, Simone. A velhice : as relações com o mundo. São Paulo : Difusão Européia do Livro, 1970, v.2. p.119.

⁴BEAUVOIR, p.119.

arcabouço. Um outro caso apontado por ela é o dos músicos, cujo virtuosismo pode aumentar com a idade, quando cresce a compreensão a respeito das composições que executam. Sartre observa algo semelhante para o homem de posse, cuja propriedade acaba por representar uma defesa contra a desvalorização da sua pessoa.

E quanto aos homens comuns, esses simples produtores anônimos, circunscritos num espaço social microscópico? Como dissimulam as angústias por terem se preparado tanto para coisa alguma? Russel sugere:

(...) tornar os nossos interesses cada vez mais amplos e impessoais, até que, pouco a pouco, as paredes do ego recuem e nossa vida se funde, cada vez mais, na vida universal. Uma existência humana individual deveria ser como um rio, pequeno a princípio, estreitamente contido dentro de suas margens, a correr impetuosamente sobre seixos e cascatas. Aos poucos, o rio torna-se mais largo, as margens recuam, as águas fluem mais tranqüilamente e, no fim, sem qualquer interrupção visível, funda-se no mar, perdendo sem sofrimento o seu ser individual. O homem que na velhice pode encarar sua vida dessa maneira, não sofrerá o medo da morte, pois que as coisas que lhe são caras continuarão.⁵

Ainda que essa sugestão seja de grande beleza, sabedoria e pareça bastante acessível, bastando a ação da vontade individual, não se aplica à maioria dos homens simples. Nestes casos, e falando ainda metaforicamente, antes mesmo das águas do rio tornarem-se caudalosas e correrem serenamente pelo seu leito até se confundirem com o mar, são seccionadas e desviadas para diferentes fins, de tal forma que seu leito encontra-se vazio. O homem comum é explorado ao máximo durante sua existência. De tal modo ele dobra-se e desdobra-se para garantir sua sobrevivência que, quando a velhice chega, ele se sente cansado, esgotado e acuado, com a sensação de não ter nada a oferecer. Não raramente, os moradores antigos entrevistados deixavam escapar comentários do tipo: o que eu tenho pra contar? No que a minha vida tem importância?

De qualquer modo, ocorrem as reações contra tudo isso. Essas pessoas tentam, de algum modo, juntar as águas que ainda restam. É

⁵RUSSEL, Bertrand. Retratos de memória e outros ensaios. São Paulo : Nacional, 1958. p. 46.

preciso, pois, que lhes sejam dadas as oportunidades para isso. E ouvi-los é dar-lhes uma dessas oportunidades, pois lhes permite cumprir sua função social que, nas palavras de Marilena Chauí, na apresentação do livro de Ecléa Bosí, é lembrar e aconselhar (...) unir o começo e o fim, ligando o que foi e o por vir.⁶

Permanecemos, todavia, com a questão inicial. As exigências impostas pela sociedade contemporânea exigem que assim seja. O ritmo alucinante, a competição exacerbada, o individualismo progressivo, a massificação alienante são inerentes a essa sociedade.

O caminho, então, seria buscar o equilíbrio no passado, evocando os ideais do romantismo? É evidente que não. Prefere-se, aqui, lançar dúvidas sobre os fundamentos morais de uma sociedade assim organizada. A sociedade que discrimina a velhice é a mesma que explora os homens enquanto crianças, enquanto jovens, enquanto adultos. Por que agiria de forma diferente com os velhos? A degradação senil começa prematuramente com a degradação da pessoa que trabalha. Esta sociedade pragmática não desvaloriza somente o operário, mas todo trabalhador: o médico, o professor, o esportista, o ator, o jornalista.⁷

Castells já identificara, certa vez, que por trás dos problemas dos habitantes das grandes cidades vamos encontrar sempre a exploração do trabalhador. Sob uma aparência de progresso, de técnicas científicas avançadas, de um consumo sofisticado, aparece o homem oprimido e insatisfeito, mas de cuja condição só se dá conta quando sente incapacidade para transformá-la. Quando jovens, desenvolvem formas de resistência, mas estão por demais envolvidos nas atividades cotidianas para conseguir dimensionar as amarras que o prendem à sociedade. Walter Benjamin vê no homem moderno um ser incapaz de recordar-se porque está todo inteiro concentrado na interceptação dos choques da vida cotidiana, que exigem uma permanente mobilização de

⁶BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade : Lembranças de velhos. São Paulo : I.A. Queiroz, 1983. p.16

⁷BOSI, p.38

consciência.⁹ Na velhice, quando consegue desvencilhar-se das obrigações imediatas impostas pela competição e encontra-se livre para a reflexão, é que percebe o peso da exploração a que está submetido.

A exploração, contudo, não vai mostrar-se, desnudar-se aos seus olhos. Aparece transfigurada sob a forma de discriminação e, como tal, esconde suas verdadeiras causas. A discriminação é um ato visível, executado por sujeitos reais, conhecidos e reconhecíveis. Por isso, a exploração da velhice acaba sendo atribuída, ao nível do senso comum, à "maldade" de certos parentes que os rejeitam. Evidentemente, uma postura mais humanista ameniza a condição precária da velhice, mas não a elimina. Além disso, é interessante observar que a própria forma de dispensar sentimentos mais humanitários aos velhos é, ela própria, eivada de preconceitos. Nesses casos, costumamos tratar nossos velhos como sujeitos de compleição frágil, com os quais devemos evitar os pontos de atrito. Pode-se até ouvir sua opinião a respeito de certas coisas, mas, via de regra, seus conselhos são previamente rejeitados. Ecléa Bosi observa que no relacionamento entre adultos e velhos existe má fé dos primeiros em relação aos segundos. Com a criança, o adulto age como quem está investindo no futuro. Com o velho, a situação muda: enquanto a moral oficial prega que lhe dispensemos respeito, ele é tratado no sentido de ceder seu lugar aos jovens, de se mostrar passivo diante de situações profissionais e domésticas, sendo normalmente privado da liberdade de escolha. A autora considera que a questão crucial desse problema reside na falta de reciprocidade. Não se discute com o velho, não se confrontam opiniões com as dele, negando-lhe a oportunidade de desenvolver só o que se permite aos amigos: a alteridade, a contradição, o afrontamento e mesmo o conflito! (...). As relações com os

⁹ROUANET, S.P. As razões do iluminismo. São Paulo : Cia de Letras, 1987. p.47.

velhos acabam tornando-se, assim, pobres, frouxas e banais.⁹ Enfim, exige-se dele uma sensibilidade equânime.

Agir dessa forma é reproduzir as condições sobre as quais, no futuro, viveremos todos nós. Um tempo em que não haverá espaços para personagens como o "velho original", de um conto de Gorki, que é assim lembrado ao morrer: Adeus velho lutador. Ao partir deixas mais inimigos triunfantes que amigos em pranto. E isso é que está certo. Isso é que verdadeiramente digno de elogio.¹⁰

A criatividade, a capacidade de lutar, a coragem, são, para os velhos, virtudes que pertencem ao passado. São sentimentos impedidos de serem revivenciados. O presente torna-se uma reflexão sobre as lembranças do passado, pois o futuro que se apresenta a seus olhos é vazio. Lembrar, para o idoso, é uma forma de poder mostrar sua competência. Quando recorda não está sonhando, mas transmitindo o vivido modificado pelas suas experiências. A conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda repassada de nostalgia, revolta, resignação pelo desfiguramento das paisagens caras, pela desapareição de entes amados, é semelhante a uma obra de arte. Para quem sabe ouvi-la é desalienadora, pois contrasta a riqueza e a potencialidade do homem-criador de cultura com a mísera figura do consumidor atual.¹¹

A obra magistral de Ecléa Bosi *Memória e Sociedade* motivou a que se reservasse, neste estudo, um lugar especial para esses personagens - os velhos. Estes permitiram que fosse recuperada uma parte da história do bairro através das histórias pessoais ali vividas. Sem esses elementos, o passado do bairro se resumiria numas poucas palavras sobre seus aspectos espaciais, carentes em suas formas urbanísticas. Pela memória dos moradores antigos de São Braz, foi possível recuperar o significado daquele espaço enquanto cadinho

⁹BOSI, p.36.

¹⁰GORKI, Máximo. Os vagabundos : Um fato excepcional. Porto, Editorial Inova Ltda, 1970. p.126.

¹¹BOSI, p. 41.

de relações sociais, as quais constituem o verdadeiro substrato da sociologia. Os moradores permitem dotar aquele espaço de "alma", de sensibilidade. Afinal, o espaço é uma invenção social. Os homens mantêm com ele uma relação específica. Tentam imprimir suas marcas, ao mesmo tempo em que absorvem e reinterpretem o que já existe. Quando um grupo está inserido numa parte do espaço, ele o transforma à sua imagem, ao mesmo tempo em que se sujeita e se adapta às coisas materiais que a ele resistem. É por isso que as imagens espaciais desempenham um papel na memória coletiva.¹² Ambos, espaço e grupo social, acabam por sofrer ações recíprocas. Por isso, o espaço guarda um sentido que é compreensível apenas para aqueles que nele habitam.

O modo de lembrar, para Halbwachs¹³, é ao mesmo tempo individual e social. Por meio da ação coletiva do grupo, o social age no sentido de reforçar a memória individual, retendo e transmitindo lembranças. O indivíduo, contudo, ao trabalhar essas lembranças, que são coletivas, lapida-as segundo determinações colocadas pela sua percepção e consciência particular, que por sua vez são determinadas pelos grupos de convívio nos quais os indivíduos estão integrados. A lembrança, por conseguinte, é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de informações emprestadas do presente.

Esse modo de pensar a memória elimina a possibilidade da existência de uma memória "pura". A memória, todavia, não deixa de ser verdadeira. A narrativa pessoal nada mais é que a maneira do indivíduo ver a si próprio e ao seu meio. Sua memória particular é sua síntese pessoal, aquilo que ele pode abarcar de uma realidade mais ampla.

¹²HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo : Vértice, 1990. p.133.

¹³HALBWACHS, cap. I.

É sob essa perspectiva que se pretende reconstruir a história do bairro de São Braz. Antes, porém, é preciso esclarecer que foram evitadas passagens que fossem demasiadamente repetitivas, as quais, embora ricas no seu conteúdo sociológico, não caberiam em poucas páginas.

Embora tenham sido os italianos a imprimir sua marca cultural no bairro, não foram eles seus primeiros moradores. Eram brasileiros os primeiros moradores que se estabeleceram no local, no século XIX, por volta do final dos anos oitenta. Eram quatro irmãos de uma família chamada Chagas Lima, que vieram da localidade de Assungui de Cima, município de Almirante Tamandaré.¹⁴

Herdaram¹⁵ 50 alqueires de terra no local conhecido por "Quarteirão de São Braz", uma área que fica a oeste do centro da cidade, a uma distância de mais ou menos 10 km, e que pertencia, então, ao distrito de Santa Felicidade.

Manoel das Chagas Lima, único homem entre os quatro irmãos, casou-se com Maria Rita Lima, uma cabocla crioula daqui mesmo, filha de Maria Rita Lima (Joaquim, 90), com quem teve doze filhos, sendo eles os primeiros povoadores daquelas áreas.¹⁶ Joaquim recorda que, quando criança, ali era quase tudo mato. Nessa época, Curitiba era uma cidade de ruas ainda em barro podre e das praças cheias de mato, da cachorrada que se disputava na frente da catedral e do banhado da rua XV. (Joaquim, 90).¹⁷

¹⁴O município de Almirante Tamandaré se limita com Curitiba ao norte, compondo a Região Metropolitana de Curitiba.

¹⁵Naquela época, era comum as pessoas apossarem-se das terras e só depois legalizá-las junto ao órgão público competente. Como ocorreram desencontros nos relatos sobre essa questão, avalia-se que tenha sido essa a primeira condição de posse daquelas áreas.

¹⁶Dentre as três irmãs do senhor Manoel das Chagas Lima, apenas uma teve filhos.

¹⁷Joaquim das Chagas Lima, em entrevista ao Jornal Diário do Paraná do dia 21/08/1971, às vésperas de completar 90 anos. Dessa entrevista foram retiradas todas as falas do senhor Joaquim, que faleceu em 9/11/1973. As falas dos moradores, em sua maioria, aparecerão com a indicação de seu nome e idade, entre parênteses.

O bairro era tão pouco habitado e de tão difícil acesso que o senhor Manoel pagava um professor para ensinar seus filhos, em casa, e lhe dava acomodações.

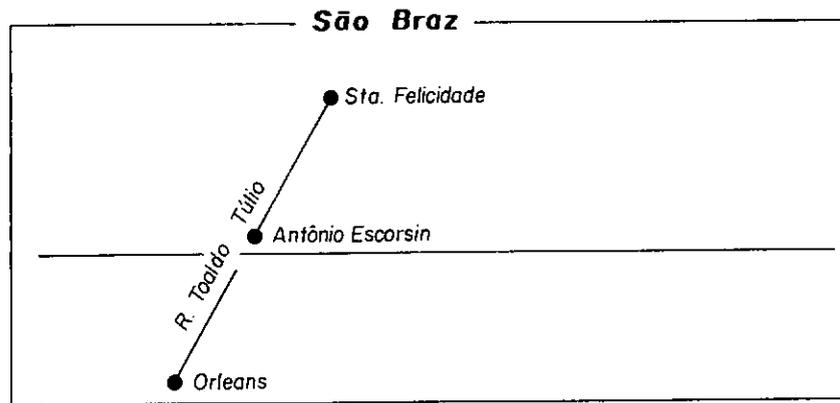
Depois dos Chagas Lima é que chegaram os italianos. Curitiba, nas três últimas décadas do século passado, começou a receber um fluxo enorme de imigrantes, que se estabeleceram em colônias no entorno da cidade, segundo o plano do Presidente da Província do Paraná, Adolpho Lamenha Lins, de formar um cinturão verde para abastecer a capital do Estado.

São Braz, a exemplo de Santa Felicidade, não constituía área de colonização oficial. Seus moradores tinham vindo de outras áreas de colonização, às quais não haviam se adaptado. Isso significa que esses imigrantes não estavam amparados pelos dispositivos legais que regulamentavam a criação das colônias e, portanto, deveriam eles mesmos adquirir suas terras.

São Braz, cujas terras são uma continuidade de Santa Felicidade, representou uma alternativa de ocupação para os italianos que ali chegavam.¹⁸ Além dos italianos, vieram outros imigrantes para o lugar, como os poloneses e ucranianos, mas todos estes em menor número. Os poloneses começaram a chegar em Curitiba no final do século passado e instalaram-se em várias colônias em volta da cidade, entre elas a Colônia Orleans, hoje um bairro com o mesmo nome, ao sul de São Braz.

São Braz, desse modo, acabou se localizando entre duas áreas de ocupação importantes, Santa Felicidade e Orleans, as quais, durante muito tempo, disputaram sobre o bairro um poder de influência, segundo sua proximidade e facilidade de acesso, conforme é representado no gráfico a seguir.

¹⁸A imigração em direção à Santa Felicidade ocorreu entre 1878 e 1902.



Até a Antônio Escorsin a influência é Santa Felicidade e de lá para cá a influência era da Orleans. (PUSCA, 54).⁴⁹ Os descendentes dos moradores dos dois lugares tinham, em São Braz, uma alternativa de moradia, ao mesmo tempo em que os habitantes de São Braz procuravam, em Santa Felicidade e Orleans, os serviços disponíveis, tais como comércio e escolas, dos quais eram carentes.

De qualquer modo, tanto os italianos como os poloneses propiciaram um impulso ao desenvolvimento do local. Segundo relatório encaminhado ao presidente da província de Paranaguá, visando justificar a importação de mão-de-obra branca européia, a produtividade agrícola do imigrante era superior à desenvolvida pelos nativos. O agricultor brasileiro sustentava com o seu trabalho apenas seis pessoas, enquanto o europeu nove.⁵⁰

Com a chegada dos imigrantes, intensifica-se o vaivém dos carroções em direção ao centro da cidade, sinal de que as coisas estavam mudando. Assim que se estabeleceram, começaram a se alterar certos aspectos da produção que ali se desenvolvia. A simples coleta de lenha e erva-mate passa a coexistir com uma lavoura que se

⁴⁹ José Adalberto Wjnarowcz (PUSCA) é filho de Filomena e Boleslau Wjnarowcz (este falecido em março de 1991). Os dois são descendentes de poloneses e vieram de Vieiras, no município de Palmeiras, interior do Paraná. Ambos vieram lecionar para o primeiro grau na Escola Estadual de São Braz, em 1951. Moraram nas duas áreas mencionadas no gráfico. Ao norte da Antônio Escorsin, ou seja, área de influência de Santa Felicidade e, ao sul dela, área de influência da Colônia Orleans.

⁵⁰ Análise da economia paranaense, sem título, de José Martins Ferreira de Abreu, encaminhada à presidência da Província de Paranaguá. 14.02.1860. Offícios, 1859, Vol. II, arquivo Público do Estado do Paraná, documento manuscrito. Cit in Wachowicz, Rui C. Orleans, um século de subsistência. Fundação Cultural de Curitiba, 1976, Curitiba, p.10.

expande. Os carroções dirigem-se ao centro de Curitiba carregados de hortigranjeiros, leite, carne suína e lenha. Ao mesmo tempo, instalam-se unidades comerciais no local. Era início do século XX.

Esses novos personagens do bairro misturam-se aos que já existiam ali. Casam-se no interior desse grupo maior e fecham-se numa trama de relações de amizade e parentesco, da qual brota uma identidade particular, marcada por sentimentos étnicos, éticos e morais bastante vinculados aos valores cultivados pelos imigrantes italianos. Casei com Maria Dallarmi, fui feliz (Joaquim, 90). O casal teve onze filhos. Da própria miséria deste lugar tirei meu proveito. Construí uma olaria para o fabrico de tijolos, construí minha casa,⁸¹ em 1913, com minhas mãos, tijolo por mim fabricado, pedra e cal (Joaquim, 90).

Meu pai casou com uma Dallarmi. O meu pai passava com a carroça de lenha e via a minha mãe e aí minha mãe, quando via ele, embora tivesse com o balde cheio de água, jogava a água fora, prá vir encher de novo lá fora e ver meu pai. Daí eles casaram.

Quando o meu pai casou, a tia dele, Joaquina, deu pra ele uma olaria, uma carroça, dois cavalos e dois arriamentos. Aí, o meu pai, com a olaria, começou a fazer tijolo. Meu pai, com os tijolos que ele fez, contruíram a estação do bonde, na Barão do Rio Branco, bem em frente à Câmara dos Vereadores.

Foi meu pai que construiu a casa dele, aquela que tem uma padaria. Nessa casa almoçavam e jantavam até quinze pessoas, todos os dias. Quando minha mãe queria chamar meu pai que estava lá na olaria, que ficava uns 200 metros atrás de casa, ela usava o falante, sabe? Tipo aquele berrante de boiadeiro. (João, 84).⁸²

As recordações expressas pelos moradores quanto a esse período não raramente sugerem um mundo de relações tão francas e simples que se experimenta um certo deleite ao ouvi-los, em algumas passagens. Contudo, a sensação é um tanto efêmera, pois logo estas misturam-se às lembranças de alguns fatos tristes, tão mais dolorosos quanto mais estejam relacionados aos aspectos imediatos da sobrevivência. Então eles se revelam, objetivamente, desprovidos de qualquer mediação que possa encobrir ou transfigurar sua realidade.

⁸¹Essa casa existe até hoje. Foi tombada pelo SFHAN. Nela funciona uma padaria, "Padaria Casarão".

⁸²João das Chagas Lima (Nite), segundo filho de Joaquim das Chagas Lima e Maria Dallarmi Lima e neto do Manoel das Chagas: Nite morou em São Braz até a juventude, quando então foi servir o exército. Nunca mais voltou a morar no bairro, mas ia sempre lá. Dotado de uma excepcional memória, foi indicado pelos irmãos para dar informações sobre a família e o bairro.

foto 1

O esforço para assegurar o sustento da família e a luta incessante para garantir a sobrevivência sob as mais diversas condições deixaram marcas profundas nas vidas desses primeiros moradores. Freqüentemente, os imigrantes começavam a conviver com esses problemas bem antes de chegar ali, no momento em que se decidiam por tentar a sorte no "novo mundo".

Quando a família Dallabona veio da Itália, dirigiu-se a Jaú, Estado de São Paulo, onde começou a trabalhar com o café.

A mãe da minha mãe ficou apavorada, a minha mãe contava. Ela não estava acostumada com estas coisas, né? Um dia, então, ela viu passar um enterro. Sabe que lá, naquele tempo, eles levavam enfiado no lençol, punham o defunto dentro, amarravam as pontas e carregavam o defunto dentro. Daí ela viu isso, e depois tinha pulga, tinha bicho do pé e ela não estava acostumada com isso. E ela começou a ficar desesperada, tão desesperada que ela começou a... chorava todo o dia que ela queria voltar para a Itália e ... mas de que jeito? O meu avô, tudo o que ele tinha, todo o dinheiro, roubaram tudo no navio e ele ficou sem nada. E daí ela morreu [a avó]. Ela morreu e eles vieram pra cá [o avô e os filhos].²³ (Amália, 76).

Minha mãe teve 13 filhos, vivia cheia de preocupação, sempre atarefada. A gente dizia "descansa mãe". E ela: "descansar, eu? Descanso quando morrer". Morreu de tonturas, de muito trabalho. Um dia deu uma tontura e ela estava cozinhando... (João, 84). Ele contou o trágico acidente doméstico que acabou por levar sua mãe à morte. Naquela casa almoçavam e jantavam até quinze pessoas, todos os dias, disse ele em outra oportunidade, com satisfação.

Eles faziam arcos para barril. No local tinha morro e com o peso a carroça não subia. Eles tinham de puxar os arcos nas costas morro acima e só depois colocar na carroça. Aquilo era pesado porque era de madeira verde. Com o dinheiro trocava por roupas e sapatos.²⁴ (Cecília, 77).

Neste ponto, é interessante conhecer alguns detalhes, para situar espacialmente a leitura dos relatos que seguem. Conforme indicações no mapa 2, observa-se que houve um deslocamento do que seria o centro de São Braz, com a vinda de outras famílias, de italianos.

²³Amália Escorsin Loaldo, filha de Antônio Escorsin e Celleste Dallabona Escorsin, ambos de origem italiana. Esposa de Frederico Loaldo, de Santa Felicidade, falecido em 1979.

²⁴Cecília Lau Charnersk, casada com Guilherme Charnersk, ambos descendentes de poloneses. A família dela morava na Colônia D. Pedro, em Curitiba, próximo à Colônia Orleans. Os pais dele foram primeiramente para o Rio Grande do Sul, cujas precárias condições acabaram por fazê-los sair e procurar um outro lugar. Instalaram-se, então, numa localidade chamada Ferraria, no município de Campo Largo, na Região Metropolitana de Curitiba, de onde são essas lembranças. Moraram depois com o filho e a nora, em São Braz.

foto 2

foto 3

mapa 2

Quando a família Chagas Lima chegou ao local, adquiriu vastas áreas de terra e instalou-se na região indicada pelo ponto A, mapa 2. Ali foram morar também outras famílias, entre as quais destaca-se a Dallarmi. Provavelmente a preferência pelo local deu-se pela existência do caminho ligando São Braz a Santa Felicidade. Com a chegada de outros italianos, particularmente os Escorsin, a concentração das habitações desloca-se (ponto B, mapa 2) e aí começam a se instalar outros moradores, inclusive os descendentes do senhor Manoel das Chagas Lima. Esse processo de mudança demorou a se consolidar e deu-se com algumas interferências pessoais. Os italianos lá de cima, os Escorsin⁸⁵, queriam levar tudo lá pra perto deles. Ficava mais fácil ficar perto da Sociedade⁸⁶, pra dançar. Em 1920, quando construíram a Sociedade, o meu pai queria que fosse lá perto da casa dele e os Escorsin também. Os Escorsin doaram o terreno e daí ficou lá (João, 84).

A igreja, contudo, que costumava marcar o centro dos pequenos vilarejos, permaneceu onde havia sido construída, no primeiro ponto de ocupação. Conforme a tradição, foi erguida por uma senhora, Maria do Pilar, parente de um romeiro que havia trazido a imagem, a pé, do Rio de Janeiro (segundo algumas pessoas), ou de Paranaguá, em lombo de burro (de acordo com outras). Do livro tombo da igreja consta que teria sido uma família de imigrantes italianos a trazer a imagem da Itália e a construir um oratório doméstico. O fato é que a igreja foi construída no terreno dos Chagas Lima, que em 1911 ergueram uma segunda capelinha, porque a primeira havia desmoronado. Um dia a igreja caiu. Nós construímos outra mais bonita, mais forte e mais espaçosa, mas no meio do meu quintal ainda estão as pedras do antigo templo, que recordo com saudades (Joaquim, 90).

⁸⁵Antônio Escorsin, filho de João Escorsin e Meneguina Meneguete Escorsin. Estes vieram de Jaú, São Paulo. Antônio Escorsin casou-se com Celeste Dallabona Escorsin, com quem teve 9 filhos.

⁸⁶Sociedade Operária Beneficente São Braz, ponto de encontro dos moradores antigos até os anos 70. Foi criada em fevereiro de 1920.

Conviveram, assim, por um bom tempo, dois "pontos de atração" nos extremos de uma mesma rua: a igreja, de um lado, e a sociedade recreativa, de outro. A situação só se alterou quando se mudou a igreja para o alto (mapa 2, ponto B), em terreno doado por Antônio Escorsin, cuja rua, aliás, tem o seu nome. Mas isso só se deu no final dos anos sessenta, quando o bairro começou a sofrer mudanças mais significativas.

A situação do bairro, do início a meados desse século, permaneceu praticamente a mesma. Algumas lembranças desse período proporcionam uma idéia do que era São Braz e do tipo de vida que levavam seus moradores. Meu sogro (Antônio Escorsin) casou em 1910 e iniciou com um armazém. Depois fechou o negócio pra vender doces e trabalhar com erval, no interior do Paraná. (Gemma, 62)⁸⁷. Um outro armazém surgiu em frente:

Quando eu casei [em 1922]⁸⁸ não tinha 16 anos, tinha 15 anos e 6 meses. Daí eu casei e minha mãe morava aqui. Aí [indicando o outro lado da rua] tinha o Antônio Escorsin, que tinha negócios aqui. Tinha secos e molhados. Eu fui morar em Santa Felicidade e minha mãe queria me trazer pra cá. Eu vim pra cá e pus um botequinho. Naquele tempo um botequim: banana, biscoito, e fui começando. E lá comecei com aquele botequim, depois de uns anos. Porque tudo era difícil. Tinha abundância de tudo naquele tempo. Não tinha perigo de ladrão, não tinha perigo de nada. Era um lugar muito bom, mas o dinheiro era difícil. Daí eu comecei com aquele boteco e foi aumentando, foi indo cada vez mais. Eu lutei. Fiz uma casa maior. Construí uma casa. Aqui onde eu tenho esta, era uma casa de madeira. Mais tarde construí outra casa, que é onde está a imobiliária agora. Já faz 62 anos que essa casa é construída. Daí eu tinha que mudar esta casa que eu tinha feito, porque passou a rua e a casa ficou numa rampa, numa subida, com escadaria. Daí eu fiz esta casa [em que mora atualmente] e fiz um botequinho na frente para não perder o ponto. Sempre teimando. Depois mandamos umas máquinas plainar aqui o lugar, pra baixar mais, para construir outra casa que é essa casa aqui que já vai para 40 anos que está feita.

Sempre fui do comércio. Eu não sabia fazer outra coisa sem ser isso. O armazém aqui tinha de tudo, tinha farmácia, era que nem uma Loja Americana, tinha roupa, tinha de tudo. Naquele tempo não tinha mercado [supermercado], era um comércio muito bom para negociar. Não tinha o que a gente pusesse aí na frente que não vendesse.

Quando eu comecei, aqui tinha muito pouca gente. A rua! Não tinha rua. Era carregador. Vinha o pessoal do mato com esses cargueiros. Eu hospedava aqueles coitados que vinham e não tinham onde parar.

"... Ah, onde eu vou ficar?"

"... No boteco da d. Virginia."

Eu tinha um paiol grande e era o lugar de todos esses pobres coitados que vinham de longe, assim. Eu dava jeito. Um prato de comida, quando eles vinham. Comiam assim, no balcão. Mas foi indo, foi indo e as coisas ficando diferente. Tudo vai se diferenciando.

Era uma luta, minha nega! Agora que eu estou lembrada, pois eu, para estudar meus filhos, eu tinha que ter as professoras dentro de casa. Não tinha professora aqui, pois eu estou com filho de 66 anos [A primeira escola no bairro só foi criada em 1951. Antes disso funcionava nas dependências da Sociedade

⁸⁷Gemma Lucca, filha de Ludovico Lucca e Maria Josefina Ferro Lucca, imigrantes que se fixaram em Santa Felicidade. Casada com Loris Escorsin, filho de Antônio Escorsin.

⁸⁸As observações entre colchetes são da autora.

Operária Beneficente São Braz]. Há muitos anos, naquele tempo, para os meus filhos terem professores, eu hospedava os professores aqui na minha casa. Eu tinha a Odete Fogliato, a Maria Augusta, a Ilda Santana Ribeiro. Ficava morando aqui na minha casa. Eu hospedava elas para elas lecionar para todo o povo de São Braz. Então nós arrumamos a Sociedade para a Maria Augusta lecionar. Essa gente mais de idade, dos meus filhos mais velhos, estudaram lá. Também, aonde é que ia? Não tinha ônibus, não tinha rede d'água, não tinha luz, não tinha nada.

Lidava com esses lampiões, Petromax, que diziam. Aqueles lampiões. Era um sacrifício! Tanto que aqui no meu terreno eu tenho quatro poços. Eu mandava fazer poço pra tudo que é lado, pra ter água. Depois que veio a luz, daí nós pusemos bomba para tirar água.

E foi assim. No tempo do Ney Braga, nós fizemos a campanha pro Ney Braga [eleições municipais de 1954]. Trabalhei muito pro Ney Braga. Ele sentava lá na loja comigo, aí na frente, e ficava. Porque eu fiz de tudo. Eu deixava de vender pra ver, porque eu pedia pra ele que nós queria que viesse luz. Daí então eu fazia aquela campanha, que ele me prometeu que vinha [a luz em São Braz chegou em 1954]. E daí, naquilo, foi endireitando. E daí foi expandindo mais. Quando tinha água, tinha luz, tinha estrada. São Braz foi crescendo, nem se compara.

É, naquele tempo, era muito difícil. Tinha abundância de tudo, de comida então! O pessoal não sofria porque tinha de tudo! Mas o dinheiro era difícil. O pessoal se queixa hoje, mas digo, vocês não pensem... tenho porque me sacrifiquei, trabalhei. Não sabia o que era férias, o que era praia, o que era nada. Eu só sabia era trabalho.

Faz 68 anos que eu tenho alvará de licença. Ainda que quando eu botei o botequinho me deram um ano de alvará para ver se eu ia bem ou não ia (Vergínia, B4).⁸⁹

Quase em meados do século, a situação não havia se modificado muito:

Quando eu casei, meu marido tinha açougue. Tivemos moinho também. Primeiro de tudo eu tinha açougue. O ônibus aqui, a linha de ônibus aqui era nossa. Do meu marido e do Pedro Boscardin.⁹⁰ Ele e o Pedro Boscardin foram buscar o ônibus em São Paulo. Quando eu ganhei o primeiro filho, em janeiro de 1944, meu marido tinha ido buscar o ônibus. Até ele pôs o nome dele, de Josias da Sé, Josias da Sé Escorsin. Ele estava na Igreja da Sé a hora que ele nasceu, quando eu contei que ele nasceu. Eu achava que ia nascer em março e no fim ele nasceu em janeiro. Ele viajou e quando voltou o filho já tinha uma semana.

Sempre ajudei ele. Ele ficou só um ano com esse negócio de ônibus porque o ônibus de Campo Largo passava em Campo Comprido [trajeto para ir ao centro] e era aquela briga que eles tinham, aquele ciúme. Porque eles queriam que só passasse o deles, mas o nosso não tirava os passageiros dele porque já vinha lotado de lá. E eles eram gente assim, assim muito valentona, que vinham armado e tudo. Aí o meu marido não quis mais ficar e vendeu a parte dele para o Boscardin, que depois começou só a fazer enterros com o ônibus. A gente continuou com o açougue, com o moinho. Depois ele quis fazer, aqui onde tem o posto de gasolina (ponto B, mapa 1), uma cancha de bocha. Então ele fazia jantar e tinha o bar.

A luz só veio em 1954.⁹¹ Eles até foram pedir para o Moisés Lupion. Aí veio a luz. Precisa ver o sacrifício quando eu casei. Não tinha nada aqui. Tinha que ter que nem uma farmácia em casa. Quando os meus filhos ficavam doente tinha que ir buscar no centro se quisesse, um médico. Tinha que ir até Santa Felicidade para depois pegar uma condução ou então ir a Santa Felicidade, ligar para chamar um médico (Dolores, 66)⁹².

⁸⁹Vergínia Úrsola Dallabona Benato, esposa de Carlos Benato (falecido), filha de Domingos Dallabona e Maria Benato Dallabona. Dentre os moradores antigos ainda vivos, ela é a mais velha. Tem uma loja, no local onde antigamente funcionava o seu armazém, na confluência das ruas Toaldo Túlio e Antônio Escorsin.

⁹⁰Pedro Boscardin, um dos primeiros a chegar ao bairro. Comprou uma propriedade que era de João Batista Dallarmi (ponto A, mapa 1) e montou lá um armazém (1943). Hoje uma de suas filhas, Maria de Lourdes Boscardin, tem um bar e mercearia no local. Por motivo de saúde, Pedro não quis dar entrevista.

⁹¹Em 1954, já estava em exercício o governador Munhoz da Rocha.

⁹²Dolores Mansur Escorsin, casada com Alfredo Escorsin, filho de Antônio Escorsin. Os pais de Dolores, José Mansur e Julieta Guérius Mansur são filhos de imigrantes sírios. O pai veio da Síria com 5 anos, em 1910. Foram morar em Santa Felicidade, onde os avós paternos tinham uma loja de fazenda.

foto 4

foto 5

Os anos 50 em São Braz são lembrados assim:

Nós casamos em 1949, ficamos na casa da minha mãe uns seis meses, na Ferraria, e depois viemos pra São Braz. Depois compramos uma casinha de madeira, lá no bairro Água Verde e colocamos aqui. Compramos da Vergínia. Ela disse: "paga como quiser". A Vergínia ajudou bastante.

Naquele tempo era só barro, mas barro, quando chovia, que era uma tristeza. Era tudo caminho de roça, não tinha estrada. Era tudo plantação. Eu pegava espingarda aqui de manhã cedo, descia e matava passarinho assim, apontando. Eu trabalhava mais com lenha.

O Francisco Mariolo, o Pedro Boscardin e o Joaquim Chagas eram os homens mais ricos daqui. Nós trabalhava para o Pedro Boscardin: tirava leite de vaca, espalhava capim, ela [esposa] limpava a casa (Gravino, 62).³³

Naquele tempo era duro, né? O meu pai descia pro centro com uma carroça cheia de lenha e trocava por balaio de banana porque não tinha dinheiro pra comprar (Itália, 59).

Eu casei sem nenhum tostão no bolso, você vê que situação que eu estava. Ai a minha mãe ficou com pena e me deu dez mil réis. Ela falou "não quero que meu filho case sem nem um tostão no bolso". (Gravino, 62).

Pra passar o meu casamento eu fiz a estrada de casa da minha mãe até aqui³⁴ (ponto C, mapa 1). Cortei as bracatinga, todos os tocos que tinha. O primeiro casamento de automóvel aqui era o nosso [alugaram o carro]. Antes era tudo carroça (Itália, 59).

Não tinha carro naquele tempo. Pra ir buscar a parteira tinha que ir buscar de ônibus do Pedro Boscardin de madrugada, três, quatro horas.

Naquele tempo não tinha luxo. Você ia num baile, aos sábados, assim [aponta para si]. Ninguém ia bem arrumado. A maioria ia tudo de chinelo, chegava assim, jogava o chinelo nos canto e dançava, tudo descalço. Homem e mulher, todo mundo (Gravino, 62).

Com doze anos, pra ir a um casamento de uma tia eu emprestei um tamanquinho de uma prima. Eu não tinha calçado (Itália, 59).

Quando eu vinha namorar aqui saía daqui à meia noite. Se perdesse o ônibus ia a pé até a Ferraria, levava umas três horas. E quando não chovia tá certo, e quando chovia? (Gravino, 62).

O transporte era um problema sério para Gravino. Em tom pueril, afirma que o motivo que o inspirou a estudar para ser padre, certa vez, foi o fato de que naquele tempo padre andava só de charrete, aranha.

³³Gravino Ross, casado com Itália Markoski Ross. Ela é descendente de poloneses e de italianos. A família dele morava na Ferraria, uma localidade próxima, para onde foram muitos imigrantes italianos e poloneses. Tiveram três filhos.

³⁴O casal mora mais para o interior do bairro, fora das ruas principais (ponto c, mapa 1). Hoje há ruas por todos os lados, as áreas foram loteadas, mas no tempo em que eram jovens, "era tudo mato", como disseram.

foto 6

No tempo da mina³⁵, muita gente se empregou lá. A mina pagava um bom ordenado e era o único meio de emprego que tinha, fora a lavoura. Eu puxava de carroça, pé direito para as galerias [vigas de sustentação]. Depois começou a morrer muita gente por causa da poeira de pedra que era cortada com martelete, no seco. Entrava tudo no pulmão. O pai da Itália trabalhou lá, morreu do pulmão. Depois começaram a esguichar água para evitar o pó, mas ninguém mais quis trabalhar.

Uma vez eu me operei e não podia mais trabalhar. Então pensei em botar um barzinho, botequim, mas não tinha com o que começar. Um amigo deu a madeira, eu paguei só a carpintaria... e o dinheiro? Onde eu ia buscar o dinheiro? Fui lá no Chico Mariolo,³⁶ que me emprestou cinquenta mil réis. Com cinquenta mil réis comecei a comprar... e o dinheiro para comprar as garrafas? Daí o Bepim Chagas Lima³⁷ falou: "Gravino, eu vou te ajudar um pouco". Aí ele foi lá no Cerne³⁸ e comprou arroz, açúcar, cerveja, refrigerante, lata de banha e tudo. Todo mundo me gostava de mim, porque quando me pedia: "Gravino, vamos fazer esse serviço de pedreiro?", eu ia. Eu trabalhava de sábado, de domingo, não tinha problema. Então a turma gostava de mim. E quando perguntava: "Quanto é?" - "Não é nada". Até hoje eu faço isso. Daí então passou uns tempos assim, fui pagar. "Bepim, quanto eu tô te devendo?" "Vem daqui... quando precisar pega mais, depois nós acertamos". As garrafas ele me deu, isso lembro muito bem, depois eu fui pagando pra ele. Aí tinha que pagar a dívida do Chico Mariolo. Quando tinha os cinquenta mil réis, fui entregar para ele o dinheiro. Aí a mulher dele disse. "Já vai entregar?" "Já está sobrando", disse eu. "Usa lá, vai ocupando novamente", ela disse. Aí eu trouxe de volta o dinheiro e comprei mais coisas. Quando eu fui entregar o dinheiro eu perguntei. "Quanto é o juro?" - "Não é nada. Você foi um homem justo, veio antes do tempo. Eu só quero os cinquenta mil réis e pronto". Com o Bepim foi a mesma coisa.

Naquele tempo, pra emprestar dinheiro não precisava de cartório nem nada. Bastava a palavra, ou como no tempo do meu pai [rindo], um fio de bigode. O papai comprou um terreno lá na Ferraria, assim. O papai falou "vamos fazer um papel". O cara disse "então faz o seguinte: tira um bigode e me dá aqui e pronto". O que era o documento do homem naquela época? Não era o bigode? (Gravino, 62).

O aspecto cultural não era negligenciado.

Santa Felicidade tinha uma banda, então resolveram fazer uma em São Braz. Nós tínhamos um maestro, o maestro Padilha. O meu pai entrou na banda de música, mas o meu pai não tinha tempo de ir nos ensaios. Então ele disse pra mim: "Escuta, você fica com o meu instrumento". E ficou bom porque eu estudei música. O maestro vinha do centro. Um dia nós passamos vergonha. Ele disse pra nós: "Olha, vocês que estão estudando música aí, tango, valsa, vocês não toquem isso pro povo ouvir à toa. Fiquem aqui, só toquem em festas, na hora certa". Um dia nós fomos ensaiar e nós, pela primeira vez, falamos assim: "Vamos dar uma arrancada aqui, tocar um dobrado assim, marchando?" Aí paramos e arrancamos. Quando paramos, sabe quem é que estava no meio de nós? O mestre de música. E ele: "Eu não disse pra vocês não tocar assim à toa?" Ficamos com uma cara!

A banda acabou. Sabe como é? O músico toda a vida ganhou pouco. E é muito ensaio. Todo mundo trabalhava. Todas as bandas terminaram: A de Santa Felicidade também acabou. Quase todos os Chagas eram músicos (João, 84).

Parecia existir uma certa disputa entre as duas localidades, Santa Felicidade e São Braz, que se expressava nos momentos em que se davam essas realizações mais coletivas. Além da banda, havia o

³⁵Nos anos 30/40, foi aberta uma área de mineração de ouro nas proximidades. Hoje a área da mina fica no bairro de Santo Inácio.

³⁶Francisco Mariolo residia na parte mais antiga do bairro (ponto a, mapa 1). Esta foi a única entrevista em que ele foi citado.

³⁷José Tonin Chagas Lima, sétimo filho de Joaquim das Chagas Lima. Está com 71 anos.

³⁸Cerne é uma região ao longo de um trecho de PR 090, situada entre os municípios de Almirante Tamandaré e Campo Largo, na Região Metropolitana de Curitiba.

futebol. Os gíngios brigavam entre si. Era o Trieste e o Iguaçú. O Iguaçú Sociedade Beneficente Iguaçú, que tem até hoje em Santa Felicidade, e o Trieste, que era ali da região do Monte Bérico (São Braz). (Posca, 54).

Outras lembranças dão uma idéia do desenvolvimento do bairro.

Naquele tempo toda a italianada plantava. Tudo trabalhava nisso, era tudo na base da lavoura. Minha mãe vendia na cidade, mas a cidade era tão pequenina. Eu me lembro da cidade, tudo casinha pequenininha. Assim. Não tinha uma de dois andares. Naquele tempo, eu me lembro ainda. Só casinha coberta de telhadão, feita de barro, sabe? Eu tenho 76 anos e me lembro disso. Eu era gurizinho [por volta de 1920]. Ia pra cidade com a minha mãe, às vezes. Ia vender coisas assim. Naquele tempo se vendia lenha rachada pra fazer um fogo, não tinha gás, não tinha essas coisas. Vendia algumas coisas, assim: ovo, verdura. Mas era difícil. Depois eu fiz também aquilo lá. Experimentei, peguei a carroça, comecei a andar pela cidade, mas Deus me livre, era uma dificuldade.

Nós íamos por Santa Felicidade. Por esta aqui [aponta para a rua Antônio Escorsin] não dava de passar com carroça. Aqui, ali pra baixo não tinha jeito, era tudo coberto de mato [por volta de 1935/40]. Porque naquele tempo chovia mais, e depois tinha uma coisa, tava tudo coberto, essa rua não enxugava nunca. A água ia pro meio do mato. Não tinha nada de valeta pra esgotar a água. Não tinha nada. Era tudo assim, na base do ... como se diz?... só carreiro que passasse a cavalo, cargueiro.

Ali onde é a Telepar [ponto D. mapa 1] aquilo era do meu avô, do Cuman. Era ali a nossa morada. Eu herdei isso aqui. Eu casei com a filha do Antônio Escorsin.

Eu estudei em Santa Felicidade com a Dona Margarida, a antiga professora, a primeira professora de Santa Felicidade. Havia também um professor italiano.

Sabe como é! A gente se criou naquela vida, sem essas coisas assim. Agora a gente estranha, não acha? Naquele tempo nós chegava de tarde, não tinha luz, não tinha nada. Não tinha rádio, não tinha coisa alguma. Não se sabia de nada. A gente gostava daquele tempo. Gostava de quando a gente sabia que vinha um dia de festa, um baile, um sábado, um domingo. Porque era pouco, era raro, né? Não era assim que nem hoje. Cada quinze dias, um mês, às vezes uma festa. Então a gente esperava aquele dia pra comprar um sapatinho, um chapeuzinho [entusiasma-se]. Era uma farrá pra nós [risos]. É, a gente tava acostumado naquela vida. Criou-se naquilo. E achava tão bom assim. A gente se enjoa de ver isso aí.

Antigamente, a gente jogava à tarde. O meu cunhado tinha aqui a cancha de bocha e um barzinho.³⁹

A gente jogava um baralhinho, uma hora e meia, duas horas e depois ia pra cama para ir trabalhar no outro dia. Hoje nós se reúne. Tem um barzinho,⁴⁰ ali perto da Sociedade. A gente vai ali jogar um baralhinho, mas só nos sábados e domingos (Urbano, 73).⁴¹

Alguns, mesmo sendo mais jovens, passaram por experiências semelhantes.

Quando eu tinha 6 ou 7 anos, nós trabalhava na lavoura. Aqui em São Braz era muito difícil. Não tinha ônibus, não tinha asfalto, não tinha luz, não tinha nada. Inclusive essa rua aqui [Antônio Escorsin] não existia. Existia só até aqui, porque o meu sogro tinha uma empresa de ônibus. Onde meu pai mora, lá só entrava de carroça (ponto E, mapa 2). Esse asfalto que liga o viaduto de Orleans até Santa Felicidade era estrada de terra. O trânsito era só de carroça. Com o tempo, foi evoluindo e foi crescendo. Era tudo lavradores que residiam aqui. Alguns empresários tinha ... que nem o meu sogro, que era empresário, tinha uma empresa de ônibus. Ele fazia dois horários de manhã e dois, às vezes, de tarde. Ia até a Praça Osório e voltava. Ia levar o pessoal para fazer compras e voltava.

Quando eu comecei a estudar eu fiquei interno no colégio que tinha na Orleans, de irmãs. Então eu ficava a semana inteira e meu pai dava lá um pouco de trigo, um pouco de pão que fazia em casa e tudo para o custo do colégio. Levava um pedaço de carne de porco, às vezes, galinha, às vezes, ovos. No fim de semana ia para casa. Depois eu saí de lá e continuei meus estudos na escola de São Braz. Naquela época só tinha até o quarto ano, então eu fui estudar em Santa Felicidade, depois eu fiz o curso no Colégio Bom Jesus.

Eu fiz o Artigo 91, que hoje se refere a uma contabilidade. Eu ia de bicicleta, daqui lá no Bom Jesus [centro de Curitiba] e voltava, para poder estudar. Tinha uns 16 anos [mais ou menos em 1950]. O colégio

³⁹Bar de Alfredo Escorsin, na esquina da Vereador Toaldo Túlio com Antônio Escorsin (ponto B, mapa 1).

⁴⁰Bar do Tuto, ao lado da Sociedade Beneficente São Braz.

⁴¹Urbano Cuman, filho de Bórtolo e Tereza Zanotto Cuman, ambos descendentes de italianos. Residiam em São Braz. Urbano casou-se com Vitalina Escorsin Cuman, filha de Antônio Escorsin.

lá é dos padres franciscanos, capuchinho, né? Então eles davam chance para as pessoas que trabalhavam na lavoura e o estudo lá era de graça. Então a gente tinha oportunidade de estudar, porque os padres lá tinham interesse em dar estudo para essas pessoas que não tinham condições.

Quando eu conheci as coisas, São Braz tinha umas 20 casas, no máximo. Depois começou a mudar. Aqueles loteamentos no final do ponto de ônibus do São Braz [Vila Maria] eram da família Chagas. Inclusive, quando eu tinha a idade de sete anos, lá era um depósito de lixo. A prefeitura despejava lixo lá. Bem no final do ônibus de São Braz. Então nós ia escolher o lixo lá para espalhar no quintal, no lugar de adubo. Cada um ia escolher, fazia um monte e marcava o nome lá. Tirava os cacos de vidro, tirava as lata e deixava papel. Deixava fermentar aquilo. Nós ia de bota, papel na mão assim, pra não machucar, escolhia e deixava os monte pronto e marcava o nome: fulano de tal, fulano de tal. Então, cada um tinha o seu quintal, depois vinha com a carroça e puxava aquilo e espalhava no quintal. O depósito do lixo acabou, depois eles lotearam (Affonso, 52).⁴²

Nessa época, por volta dos anos 60, começam a se delinear as mudanças que ocorreriam no bairro, desencadeadas pelo loteamento de muitas áreas.

Os lotes eram bem baratinhos. As terras eram dos Chagas Lima. Ele loteou tudo aquilo⁴³ e começou a entrar gente. Começaram a abrir rua, abrindo picada, roçando, limpando, devagarinho, porque era tudo matão. Foram abrindo, roçando e foram fazendo uma casinha, hoje sai uma casinha pequena, amanhã uma maior, outra maior e hoje está a Vila Maria como está agora (Affonso, 52).

O senhor Urbano também lembra do período em que começaram as mudanças no bairro.

A primeira vila aqui foi a Carvalho⁴⁴, que fica em frente o Três Marias. Ali eu trabalhava, é que depois eu comecei a trabalhar de carpinteiro, sabe? Quando desisti de tudo, vendi aqueles terrenos lá, comecei a trabalhar de carpinteiro. Ali eu trabalhava junto com um parente, já falecido. Então nós começamos a construir casas lá, eu com ele. Casinha de madeira. Tem bastante casinha de madeira que nós construímos lá. Isso deve fazer uns vinte e cinco anos, mais ou menos. Depois lá pra baixo foi como um tiro. É, cresceu. Era tudo campo e num instante ficou tudo cidade. Era tudo dos Chagas, os filhos repartiram as terras e foram vendendo, vendendo. Aqui [apontando para a área em volta] era tudo do meu sogro. Quatro alqueires de terra, tudo num corpo só. O meu sogro também começou a vender. E por fim resolveu dar uma quantia de terra pra cada um e o resto vendeu tudo (Urbano, 73).

⁴²Affonso Charnersk, filho de Cecília Lau e Guilherme Charnersk, já mencionados. Affonso é casado com Lourdes Boscardin Charnersk, filha de Diolanda Túlio e Pedro Boscardin.

⁴³O loteamento mais antigo de São Braz, constante do setor de Tombamento da Prefeitura Municipal de Curitiba, é a Planta São Braz, de 1953. O fato de ter sido registrado o loteamento não significa que este foi ocupado. Formalização e ocupação não são necessariamente coincidentes.

A partir de 1964 é que começaram os loteamentos, envolvendo particularmente as áreas dos descendentes da família Chagas Lima. Nesse período, sim, começa a ocorrer uma intensificação dos loteamentos e da ocupação. Outras famílias também lotearam suas terras, como a Stella, Paulin, Boscardin, Charnersk, Túlio, Kureck, Falavinha, Leprevost, Toaldo, Muraro, Lucca, Anzolin, entre outras. Algumas pessoas provavelmente não eram moradoras de São Braz, apenas herdeiras de terras no local.

⁴⁴Vila Carvalho, loteamento de uma área de Aníbal Carvalho de Aguiar, em 1964. Em 1972, a família Charnersk promoveu um loteamento, nas suas terras, próximo àquela área, o qual foi denominado Vila Carvalho 2.

foto 7

O processo de parcelamento do solo continuou nos anos 70. Algumas pessoas o faziam com o intuito de aproveitar a valorização da terra, que começava, e outras temendo o crescimento dos impostos que costumam acompanhar as melhorias urbanas. O fato é que, no período, muitos proprietários encaminharam pedido de registro de loteamento à prefeitura.

Meu marido vendeu um pouco das terras quando saiu o asfalto, porque se apavorou com o imposto. Ali onde era a Vila Verde era dele. Nós ficamos com o resto. Eu me arrependi amargamente de ter vendido (Amália, 76).

O crescimento demográfico do bairro não ocorre isoladamente, sem a interação e até o controle dos moradores antigos. De certa forma, essa relação é racionalizada quando acontece através das relações que dizem respeito ao trabalho, como é o caso do senhor Urbano (nós começamos a fazer casas lá), ou espontaneamente, participando da organização do espaço através da promoção de certos equipamentos urbanos ou, até mesmo, exercendo um certo controle sobre esse crescimento através de uma ação educativa, promovida por instituições oficiais ou religiosas.

Naquela época eu morava na Ângelo Caron, isso foi em 68/69. Aqui tinha o Caiute, que tinha uma merceariazinha, e tinha a lojinha Oliveira, que era uma lojinha de madeira. Então, todo final de semana encontrava-se a patota. A gente ia jogar truco, brincar, tomar uma cervejinha. E aqui no fundo tinha um pessoal da Copel, da Telepar e do Banco do Estado.

Até que um dia o Osvaldir Benato⁴⁵ puxou uma linha de telefone exclusiva do Campo Comprido⁴⁶ pra casa dele. E a nossa patotinha falou - "Vamos fazer o seguinte: vamos trazer um telefone público?" - "Vamos". Então, o rapaz da Telepar e nós colocamos o telefone na casa do Caiute e está lá até hoje. O Húngaro estava construindo aqui onde é a farmácia São Braz e tinha um japonês que era da Telepar, que estava com um parente que era farmacêutico. Puxamos pra casa do Húngaro a farmácia que até hoje é a Farmácia São Braz [mudou-se recentemente mais para a frente]. O doutor Mário Tourinho [médico do bairro] estava lá não sei onde, colocamos ele no patamar superior dessa casa. Conseguimos por intermédio do cara da Copel que tinha um parente, e colocamos um dentista aqui. O Vadeco sem braço tava com o botequinho dele aqui na esquina. A coisa toda começou mais ou menos por aí e a gente teve a participação nisso daí. Hoje, toda a parte econômica do bairro está da Ângelo Caron pra cá (ponto F, mapa 2). Os supermercados Kusman, Condor, a Caixa Econômica. Hoje é que está começando a se desenvolver comercialmente aquela área do Virgínia pra lá.⁴⁷ Aquela parte de São Braz estava praticamente morta (Pusca, 54).

⁴⁵Osvaldir Benato, filho de Virgínia Úrsula Dallabona Benato e Carlos Benato. Osvaldir é empreendedor imobiliário e responsável pela construção dos condomínios fechados em São Braz e Santa Felicidade. É proprietário da Construtora Casteval, que domina o mercado desse tipo de imóvel, em Curitiba.

⁴⁶Campo Comprido, bairro ao sul de São Braz, depois do Orleans.

⁴⁷Nessa área, grande parte das terras são de propriedade de Osvaldir Benato, que não tem interesse, ao menos imediatamente, em promovê-la comercialmente. Quando constrói os condomínios fechados, costuma reservar uma área em frente destes, fora dos muros, para futuras instalações comerciais.

O controle sobre esse crescimento é exercido de outras formas.

Em 1969, a comunidade criou um Centro de Promoção Social, estimulada por pessoas da Secretaria do Trabalho. Marcaram um dia a reunião, já escolhemos a Comissão e me escolheram presidente. Depois que eles foram embora eu já fui pra rua, já comecei a agitar, já fui agir. Nós íamos começar assim só com um "pronto-socorrozinho", assim, com curativo. Daí eu fui lá na Sociedade São Braz e eles cederam a sala e outros apetrechos, algodão...

A gente dava curso de tricô. Eu ensinava as mulheres grávidas a fazer enxovalzinho. Elas não sabiam nem pegar na agulha, mas depois precisava ver! Elas faziam cada um mais bonitinho que o outro. Ficava tudo guardado. Quando terminavam, a gente fazia uma festa, chamava as assistentes sociais da Secretaria do Trabalho. Elas vinham pra festa e a gente entregava o enxovalzinho prontinho. Foi um trabalho lindo o nosso. Sabe, nós tínhamos acadêmicos [de Medicina] também, três vezes por semana. Tinha o pediatra. O médico atendia e eu dava injeção. Daí nós fazíamos bailinho, chá beneficente para arrecadar dinheiro para ficar em caixa. A primeira vez funcionava no quartinho, ali na Sociedade. O meu marido mandou fazer, no marceneiro, uma mesa de médico. Depois não deu pra ficar lá porque o espaço era pouco. Aí então começou a funcionar no meu salão [bar]. De dia era atendimento médico e à noite tinha de arrumar tudo porque se dava jantar, né? Era atendimento adulto e pediátrico. O Posto de Saúde saiu bem depois. E nós atendíamos São Braz, Colônia Orleans, Santo Inácio, Mossungüê.⁴⁸ Depois de muitos anos é que foi estendido esses postos de saúde. Depois nós ganhamos o terreno para fazer esse Posto de Saúde. Foi construído com trabalho dos pedreiros que ganhavam comida em troca de serviço. A nossa associação dava também atendimento aos idosos, tinha uma fábrica de colchão, acolchoado, tapete. O meu marido arrumou umas mesas nas canchas de bochas para elas fazer os colchões (Dolores, 66).

A procura de vagas na escola⁴⁹, naquela época [anos 70], era coisa de louco. Foi muito grande. A gente começava a tomar conhecimento com os novos moradores, a tomar contato com a gente nova, por causa da escola. Elas vinham e se matriculavam, a gente via que era gente de fora porque tinha de fazer o registro. Nós tínhamos só a Escola São Braz, que foi a pioneira. Na época do Moisés Lupion [governador em 1947/1951] foi construída a escola. O meu sogro e as lideranças aqui do bairro foram até ele para pedir a construção de uma escola. Foi visto o terreno onde ela seria construída. Foi aí que o meu pai achou por bem doar o terreno. Eram duas salinhas. Foi ampliada para receber essa gente. Não podia se deixar as crianças sem escola. Vinham do mato à procura de alguma coisa melhor, agora, nem escola? O que seria dessa gente? Depois foi construído esse ginásio aqui atrás⁵⁰ de casa porque havia aquela dificuldade: a criança saía da 4^a série da escola São Braz e era uma dificuldade ir para o centro estudar, tinha de ser no centro. Os pais não tinham dinheiro para o ônibus, às vezes tinham medo de largar a criança que nunca tinha saído de perto de casa, tomar o ônibus e ir para o centro estudar. Resultado: a debanda, não é? Depois foi construída uma grande, lá na Vila Maria, a escola Del Claro⁵¹ (Gemma, 62).

No próximo capítulo será apresentado um perfil atual do bairro de São Braz, na tentativa de clarificar os processos de ocupação recentes, para, posteriormente, entender as implicações dessas mudanças sobre a organização social da comunidade.

⁴⁸Antigas colônias, hoje bairros de Curitiba.

⁴⁹Escola Estadual São Braz, construída em 1951, onde os Gumme lecionaram durante 27 anos. Segundo informações da Fundepar (Fundação de Educação do Paraná), Secretaria de Estado e Educação está com processo de reconstrução da escola.

⁵⁰Colégio Estadual Silvestre Kandora (5^a a 8^a série), construído em 1979.

⁵¹Escola Estadual Diavo Del Claro, construída em 1979. Nessa década de 70, foram construídas mais três escolas municipais, além de outras escolas estaduais e municipais nos bairros vizinhos de São Braz.

3 SÃO BRAZ - O BAIRRO

Para entender o bairro de São Braz atualmente é interessante retomar as duas últimas fases do seu processo de ocupação, relatadas pelos moradores antigos: aquela que se inicia em meados dos anos sessenta, e a última, que começa nos anos oitenta e está em curso.

Em meados dos anos sessenta, como ilustra o depoimento do senhor Urbano, teve início o loteamento das antigas chácaras de São Braz. Por se tratar, naquela ocasião, de uma região relativamente distante do centro da cidade, o preço do solo era acessível às famílias com renda baixa. Estas se dirigiram para o local em número significativo, transformando o até então bucólico bairro de São Braz num lugar de ocupação tipicamente periférica, com todas as mazelas que costumam acompanhar esses processos.

Os anos setenta foram promissores para esse mercado popular de terras, que se ampliou consideravelmente. Nesse período, consolida-se o processo de modernização da agricultura no Paraná, que liberou grandes contingentes da população rural para as cidades. A taxa geométrica de crescimento da Região Metropolitana de Curitiba, no período 1970-80, foi de 5,78% a.a¹, subindo para 7,28% a.a se for considerado somente o crescimento urbano. A Região Metropolitana de Curitiba foi a que mais cresceu entre as regiões metropolitanas do país. O crescimento demográfico, contudo, deu-se fundamentalmente em áreas periféricas. Assim, os municípios da Região Metropolitana que mais cresceram nesse período foram aqueles que têm seus limites com Curitiba. O crescimento de São Braz insere-

¹COORDENAÇÃO DA REGIÃO METROPOLITANA DE CURITIBA. PLANEJ - Plano Metropolitano Ano 2000 - RHC, Curitiba : CONEC, 1988. p. 9.

se nesse processo. Enquanto Curitiba crescia a uma taxa de 5,20% a.a., São Braz tinha um crescimento de 13,80% a.a.²

Os moradores antigos do bairro foram surpreendidos com a chegada desses novos moradores, que costumavam ser seguidos por parentes ou amigos. Estes, por sua vez, traziam outros conhecidos. Compravam dois, três lotes e chamavam a família, os parentes (fala de um morador antigo). Um aqui, outro acolá, foram formando as inúmeras vilas populares existentes hoje em São Braz: Vila Helena, Vila Rica, Vila Maria, Vila São Braz, Vila Carvalho, Jardim Montana, Jardim Senador, entre outras.

O crescimento demográfico de São Braz pode ser observado, ainda, pela evolução do cadastramento dos loteamentos na Prefeitura Municipal de Curitiba (tabela 1).

TABELA 1 - LOTEAMENTOS DE SÃO BRAZ CADASTRADOS NA PREFEITURA DE CURITIBA NO PERÍODO 1960-91

PERÍODO	LOTEAMENTOS
Antes de 1960	1(1953) ¹
1960 - 1965	8
1965 - 1970	12
1970 - 1975	9
1975 - 1980	13
1980 - 1991	38
Data ilegível	5

FONTE: PNC - Setor de Tombamento

¹Segundo relato dos moradores antigos, não houve ocupação nesse período.

O crescimento do bairro, contudo, não se deu exclusivamente pela sua ocupação por pessoas de baixa renda, ainda que, mesmo nos dias atuais, famílias pobres procurem fixar ali suas residências, principalmente através da intercessão de parentes e amigos. Uma outra tendência de ocupação começou a se sobrepor àquela.

No período 1970-80, ao mesmo tempo em que Curitiba recebia uma população migrante expulsa do campo, passava por profundas transformações urbanísticas,³ algumas delas influenciando sobremaneira o bairro de São Braz⁴: a construção do Parque Barigüi (1972), valorizando toda a área adjacente; a implantação da CIC (Cidade Industrial de Curitiba), em 1973, cujo projeto viário colocou São Braz numa posição privilegiada, transformando-o numa excelente opção de moradia para os que trabalham nessa região; o asfaltamento da Avenida Vereador Toaldo Túlio, ligando São Braz a Santa Felicidade; e, já nos anos 80, a duplicação da BR-277, entre Curitiba e Ponta Grossa, melhorando sensivelmente a ligação do bairro com o centro da cidade. Estes foram alguns dos elementos que redefiniram as distâncias de São Braz em relação ao centro, inserindo-o de uma outra forma no contexto espacial de Curitiba.

A consequência dessas mudanças foi a valorização das terras urbanas da área. Esse fenômeno, contudo, não ocorreu no mesmo momento em que se davam as transformações urbanísticas da cidade. É preciso considerar que os investimentos urbanos levam algum tempo para se cristalizarem e se incorporarem a outros elementos da cidade, constituindo como resultado desse processo o fenômeno da "localização". O efeito localização resulta de ações voluntárias e involuntárias sobre um determinado território, e tem no solo sua base material, o que permite que a terra seja comercializada como mercadoria.⁵

Ainda que o capital imobiliário não tenha possibilidade de definir, por si só, a localização de uma área, é um elemento que

³De 1971 a 1975, acontecia a primeira gestão do prefeito Jaime Lerner, que implementou um Plano Diretor cujos projetos mudaram a fisionomia da cidade. De 1979 a 1983, Jaime Lerner administrou o município pela segunda vez.

⁴São Braz só foi reconhecido como bairro em 1975, através do decreto lei 774, de 21 de outubro, que delimitou os 75 bairros existentes hoje na cidade.

⁵Villaza, Flávio. A localização como mercadoria. s.l.: USP/FAU, s.d.

contribuiu para consolidá-la. O setor imobiliário e as condições específicas do bairro, particularmente quanto ao tamanho das propriedades urbanas, fizeram surgir um tipo de construção muito comum atualmente em São Braz, definidor da tendência ocupacional atual do bairro: os condomínios fechados.

Quando Osvaldir Benato realizou seu primeiro empreendimento imobiliário no bairro, em 1968, não imaginou que dali surgiria a maior empresa especializada na construção de condomínios fechados em Curitiba. Osvaldir, filho de Vergínia Úrsola Dallabona Benato (ver capítulo 2), uma das moradoras pioneiras de São Braz, loteou, naquele ano, uma área que se chamou Jardim Vergínia II. Ele o fez pensando em vender lotes, como era comum. Surgiu, porém, uma oportunidade de comprar uma casa de madeira, que foi transportada de Butiatuvinha, um bairro próximo, e colocada em um dos lotes. A casa foi imediatamente vendida. O sucesso dessa experiência despertou a "intuição comercial" de Osvaldir, que construiu outras casas de madeira no local. A partir daí, nunca mais vendeu lotes, só casas. Assim nasceu a Construtora Casteval, responsável pela edificação do primeiro condomínio fechado em Curitiba, em 1977, e pela maioria dos condomínios que existem hoje em São Braz e Santa Felicidade.

A construção de condomínios fechados, contudo, não ocorreu imediatamente àquela primeira experiência. Antes deles, a Casteval havia construído no bairro outros conjuntos habitacionais. A experiência que primeiro projetou a empresa foi um conjunto habitacional construído em 1970, que, embora não fosse um condomínio fechado, não tinha, também, as características dos conjuntos habitacionais até então construídos na periferia da cidade.

Esse conjunto habitacional chama-se "Jardim Vergínia III", de 250 casas⁶ em alvenaria, cujo projeto não poupou recursos urbanísticos para tornar a área um lugar de moradia bastante aprazível. As casas, embora apresentem um padrão regular na planta, têm suas fachadas e tamanhos bastante diversificados,⁷ estes variando de 80 a 150 m², o que permite sua aquisição por famílias com rendas diferenciadas. As casas estão distribuídas por ruas que compõem um projeto de circulação onde estão incluídas ruelas, alguns cruzamentos e balões de retorno, com farta arborização. Apesar do loteamento não ser objeto deste estudo, é mencionado aqui porque seria incompleta a descrição do crescimento do bairro sem menção à Construtora Casteval, dada sua importância nesse processo. A empresa arriscou capital num empreendimento que destoava completamente da tendência de ocupação popular do lugar.⁸ A ousadia foi ainda maior se for considerado que na época, em Curitiba, a moda era morar em apartamentos nos bairros mais centrais, onde o capital imobiliário concentrava seus investimentos, apresentando grande variedade de ofertas.

Embora o primeiro projeto de condomínio fechado da Casteval tenha sido o Grand Ville, em São Braz, uma série de circunstâncias impediu sua construção no prazo previsto, de modo que a primeira experiência acabou sendo realizada em Santa Felicidade em 1977.

⁶Essas casas foram construídas numa área de 17 alqueires, aproximadamente, onde foram viabilizados 640 lotes. Ainda existem áreas livres no local. Ali devem ser construídos condomínios fechados, a exemplo do que já ocorreu. Junto ao Jardim Vergínia III já foram construídos quatro condomínios fechados: o Jardim Vergínia IV, o Castel Vergínia, o Castel dei Fiori e o Conjunto Monte Carlo, esse último mais simples.

⁷Todos os projetos dessa construtora conservam a característica de flexibilidade no tamanho das residências.

⁸Outros empresários do bairro deram início a essa atividade, mas não prosperaram no setor. A Vila Bearitz (mapa) representou uma tentativa semelhante, no mesmo período. Possuía casas em alvenaria para a classe média, tendo sido planejada pelo empresário Luiz Chagas Lima (Tóta), que chegou a construir mais dois conjuntos e outras residências individuais.

Chamou-se "Vila Romana" e representou um estilo de morar diferente do que predominava na cidade. Nesse período, como já foi mencionado, os curitibanos tinham preferência pelos edifícios dos bairros centrais. Alegava-se, em termos práticos, a questão da segurança proporcionada pelos edifícios, mas havia, também, a questão da distância. Curitiba, cidade de médio porte, tinha a maioria de suas atividades próximo às áreas centrais, o que fazia com que a população evitasse o distanciamento dessas áreas. Soma-se a isto o fato de que os imigrantes vindos das zonas rurais chegavam à cidade e se estabeleciam nas periferias, o que gerou, na população, a concepção de periferia como sinônimo de pobreza. A questão do status, então, estava ligada ao fato de morar em edifícios, principalmente se estes fossem localizados em certos bairros, como Batel, Água Verde, Champagnat, entre outros, visão que ainda predomina. Curitiba, ao contrário de outros centros metropolitanos, como São Paulo e Rio de Janeiro, ainda mantém uma tendência centrípeta: certos equipamentos urbanos, serviços, comércio, etc, existem exclusivamente nas áreas centrais. Daí a necessidade freqüente de deslocamento das pessoas, dos bairros para o centro, seja para o trabalho, lazer, consumo, etc.

Assim, a consolidação dos condomínios fechados como boa opção de moradia não ocorreu rapidamente. Nunca esqueço. Estava com 19 casas prontas e não tinha nenhuma vendida. As pessoas vinham, interessavam-se, mas antes de fechar o negócio, caíam fora, lembra Osvaldir Benato. As pessoas tinham dúvidas quanto a morar em locais tão diferentes, sem muros individuais para garantir a privacidade da família.

A construtora, no entanto, não cedeu a esses primeiros entraves e, resistindo aos preconceitos, consolidou o novo padrão de moradia. As vendas tiveram início e a procura pelos condomínios foi

enorme, sendo construídas 106 casas no Vila Romana.⁹ Desde então, a procura por esse tipo de habitação não pára de crescer,¹⁰ o que faz com que Santa Felicidade seja caracterizada não só pelos restaurantes mas também pelos condomínios fechados. São Braz é extensão natural de Santa Felicidade, assim como os bairros de Cascatinha e Butiatuvinha, de características semelhantes, também próximos a Santa Felicidade. É interessante lembrar que o sucesso desse tipo de empreendimento deve-se, em grande parte, às famílias que vêm de outras cidades, particularmente de São Paulo e Rio de Janeiro, que, habituadas às longas distâncias, não consideram o bairro de São Braz distante do centro, como pensam os curitibanos.

O espírito empreendedor do proprietário da Casteval é reconhecido até mesmo por seu concorrente e amigo pessoal, o empresário Eurico Borges dos Reis, proprietário da Construtora Portofino Engenharia e Empreendimentos. Eu brinco com o pessoal de Santa Felicidade que o Osvaldir Benato vai ter uma estátua. Porque as pessoas podem concordar ou não com ele, podem gostar ou não, mas ninguém jamais vai poder tirar o mérito do pioneirismo dele. Nessa época em que ninguém pensava nisso e Santa Felicidade era muito longe, longe demais, ele teve essa idéia e investiu nela.

Ainda que condomínios fechados ou horizontais representem um importante filão do mercado imobiliário, poucos empresários se especializaram nesse tipo de construção. O proprietário da Casteval entende que o motivo da pouca concorrência deve-se às dificuldades que envolvem esses empreendimentos, em relação a outros tipos de construção. A construção desses condomínios implica, por exemplo, ampliação do período das obras e, principalmente, reurbanização da área, o que torna mais lento o retorno do capital. Segundo o

⁹A construtora montou um esquema de *marketing* para lançar o empreendimento: o empresário lembra do impacto que provocaram nas pessoas aqueles cavaleiros, devidamente uniformizados, fazendo a vigilância do condomínio, numa alusão às pompas da Roma imperial.

¹⁰Hoje só não é maior o número dessas construções pela dificuldade de financiamentos.

proprietário da Casteval, a construção de edifícios comerciais traz retornos mais imediatos. O fato é que existe, no bairro, apenas uma concorrente da Casteval, a Portofino Engenharia e Empreendimentos, criada nos anos 80.

O proprietário dessa última construtora teve uma trajetória diferente da do empresário da Casteval. Tendo vindo de um banco privado, onde ocupava uma função na Carteira de Crédito Imobiliário, pôde avaliar os empreendimentos imobiliários de todo o país, particularmente os da Região Sul e São Paulo, identificando na construção de condomínios horizontais um filão de grande rentabilidade e franca expansão futura. Ele apostou na tendência de "volta ao passado", dos anos 90, em que as pessoas procuram resgatar elementos como as áreas verdes, a terra, o lazer, dos quais haviam abdicado durante períodos vividos em apartamentos. Além disso, considera que a segurança propiciada pelos condomínios pode ser comparada à dos prédios. No caso do consumidor curitibano, segundo o construtor, um fator pode contar no sentido de fazê-lo trocar apartamentos por condomínios: as áreas normalmente privilegiadas para a construção de edifícios, ao longo das avenidas estruturais nos bairros mais nobres da cidade, estão se transformando em verdadeiros paredões de concreto, diminuindo os atrativos por esse tipo de construção. Garante, assim, que do mesmo modo que as famílias vindas de outras cidades, a preferência dos curitibanos tenderá a ser pelas casas em condomínios fechados, em detrimento dos apartamentos.

Um outro fato que empolga esses empresários é o da vinda de paulistas, cada vez mais intensa, para a cidade: eles estão saturados de apartamentos, afirma o proprietário da Construtora Casteval. Os paulistas constituem, atualmente, parte significativa da clientela desses condomínios. Em alguns eles representam a maior parcela dos moradores. Os curitibanos são minoria em quase todos, embora esteja crescendo a participação deste segmento nesse tipo de construção.

A distância entre São Braz e o centro de Curitiba pode ser percorrida em 20 minutos de automóvel, numa velocidade média de 60 Km por hora. As condições do tráfego são excepcionalmente boas, o que faz com que pessoas que não são naturais da cidade e que estavam habituadas a percorrer longas distâncias (como é o caso dos paulistas) prefiram os condomínios, os quais lhes propiciam, além do contato com áreas verdes, a segurança das crianças, as quais podem circular tranqüilamente por um espaço maior, sem correr nenhum risco mais sério. E tudo isso a uma distância pequena do centro, se comparada com aquelas que enfrentavam em sua cidade de origem.

No caso de São Braz, especificamente, as pessoas têm ainda a possibilidade de freqüentar um clube de campo com várias opções de lazer, o Clube Três Marias. Um outro lugar de lazer muito próximo é o Parque Barigüi, área muito bonita que virou mania na cidade.

Existem hoje, em São Braz, oito condomínios fechados para famílias de classe média, classificados aqui como condomínios de tipos A e B, segundo observações colhidas nas duas empresas. Tanto a Casteval quanto a Portofino consideram as habitações dos dois condomínios como sendo de igual padrão de qualidade. O acabamento, segundo eles, é o mesmo, ficando a diferença por conta do tamanho das residências. Os maiores são destinados às famílias com rendas mais altas, motivo pelo qual podem incorporar à residência algum tipo de sofisticação, como lareiras e banheiras de hidromassagem, entre outras. Tendo em vista essas considerações, optou-se, aqui, por classificar os condomínios segundo o tamanho médio das residências, conforme a tabela a seguir:

TABELA 2 - CONDOMÍNIOS FECHADOS EM SÃO BRAZ, SEGUNDO TAMANHO, POR ANO DA CONSTRUÇÃO, ÁREA MÉDIA E NÚMERO DE CASAS

	ANO DA CONSTRUÇÃO	ÁREA MÉDIA (m ²)	Nº DE CASAS
Nível A >150m ²			
Jardim Vergínia IV*	1981	190	70
Residencial Grand Ville*	1981	240	51
Fortezza di Firenze**	1986	230	10
Fortezza di Génova**	1989	155	9
Nível B <150m ²			
Conj. Res. Castel Vergínia*	1986	110	26
Conj. Res. Castel Dei Fiori*	1989	80	30
Conj. Res. Celeste Residências*	1989	100	29
Jardim Florença**	1989	100	8

FONTE: Construtora Casteval e Construtora Portofino Engenharia e Empreendimentos

*Construtora Casteval

**Portofino Engenharia e Empreendimentos LTDA

O custo médio do m² construído nesses condomínios varia entre 80 UPFS (Unidade Padrão de Financiamento) o m² para venda (vigente em setembro de 1991). A renda familiar mínima exigida para adquirir um imóvel no condomínio do tipo A está em torno de trinta e cinco salários-mínimos, enquanto uma casa no condomínio de tipo B pode ser adquirida por famílias com renda familiar entre vinte a trinta salários-mínimos (valores vigentes no mesmo período).

O número de unidades habitacionais em condomínios fechados, no bairro, apesar de parecer inexpressivo, é significativo enquanto indicador de tendência de padrão habitacional. Esse tipo de construção vem se expandindo em vários pontos da cidade, especialmente onde existe maior disponibilidade de áreas, como é o caso de São Braz.¹⁴

Um dos sintomas dessa nova tendência de ocupação em São Braz é a quantidade de registros de loteamentos (ver tabela 1) nos anos

¹⁴Viver em condomínios fechados parece constituir um novo modismo ou necessidade (?) dos habitantes das nossas cidades. A Casteval está construindo um conjunto habitacional popular com recursos do PAI (Programa de Ação Imediata do Governo Federal) e constatou que os pretendentes, quando procuravam a empresa para comprar o imóvel, tinham a expectativa de encontrar um conjunto residencial fechado, como costumam ser as habitações ofertadas pela construtora. A empresa vai atendê-los, dentro dos recursos que o programa permite, substituindo os muros por grades. Uma outra experiência de condomínio popular fechado é o conjunto residencial construído em 1989, com recursos do Instituto de Previdência do Estado - IPE. Os moradores ergueram os muros depois de ocupar os imóveis.

oitenta e noventa e a forma como os proprietários procedem, no caso. Nestes registros mais recentes os proprietários nem sempre formalizam a subdivisão dos lotes ou, quando o fazem, agem de forma diferente da utilizada pelos loteadores mais antigos. Estes subdividiam a área em lotes imediatamente ao pedido de registro; mais recentemente, os loteadores, quando o fazem, subdividem a terra em poucas e grandes áreas, sugerindo uma possível delimitação de partilha de herança (mapa 3). Subdividindo ou não, esses novos registros são uma indicação de que as terras em São Braz estão valorizadas, pois durante muito tempo o aspecto legal da posse da terra não constituía motivo de preocupação para os seus proprietários. Os colonos não se preocupavam com o aspecto legal da propriedade. Só registravam as terras em cartório. Isso quando o faziam, lembra o administrador regional da prefeitura em Santa Felicidade. A existência de vastas áreas ainda desocupadas no bairro, aliada à valorização que vem acontecendo, são as condições que garantem que, no futuro, a ocupação venha a ocorrer com famílias de classes média e alta, capazes de arcar com o custo da terra. O crescimento do bairro, contudo, tende a se estabilizar, a não ser que um possível aquecimento da economia venha a ocorrer. Assim mesmo, dificilmente se repetirão os níveis de crescimento observados nos anos 70. As taxas de crescimento demográfico têm revelado isso.

No período 1970-80, o bairro apresentou uma taxa de crescimento superior à de Curitiba, como já se observou. Nos períodos 1980-85 e 1985-90, no entanto, São Braz cresceu 3.27% e 3.15% ao ano, respectivamente, enquanto o crescimento de Curitiba nos dois períodos foi de 4,61% ao ano.

mapa 3

A densidade demográfica média de 1990 era de 44,60 habitantes por hectare, maior que a média do município (37,21), mas significativamente menor que a maior densidade do município, observada no centro de Curitiba (165,03).⁴⁸

Quanto às atividades econômicas, o bairro desenvolve uma rede de serviços ainda pequena. Para efetuar suas compras, os moradores procuram o centro da cidade e o bairro de Santa Felicidade, com os quais mantêm estreitos vínculos.

Na avenida Vereador Toaldo Túlio encontra-se a maior parte dos prédios comerciais do bairro, incluindo os serviços mais especializados, como bancos, supermercados e farmácias, que se concentram principalmente na área que vai do viaduto sobre a BR 277 até a rua Angelo Caron (mapa 4). Desta até a rua Antônio Escorsin o comércio é quase inexistente. Após a Antônio Escorsin, em direção à Santa Felicidade, observa-se uma série de casas comerciais, as quais deverão atender principalmente aos novos moradores de condomínio, uma vez que essa área concentra grande parte dessas construções.

Em trabalho realizado pelo IPPUC (Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba), com base numa análise da distribuição espacial das atividades econômicas, São Braz é identificado como um subcentro de terceiro nível, por apresentar uma concentração de atividade de pequeno porte, de abrangência reduzida, vicinal, voltada para o atendimento de necessidades cotidianas, com artigos de consumo corrente como por exemplo mercearias, açougues, quitandas, farmácias, revistarias etc. é comum, ainda, observar a existência de algumas outras atividades de maior porte, de uso eventual, como armarinhos, boutiques, casas lotéricas, papelarias e floriculturas etc.⁴⁹

⁴⁸INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA. Dados demográficos por bairro Curitiba : IPPUC, 1988. 12p.

⁴⁹INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA. Subcentros funcionais : relatório de pesquisa. Curitiba : IPPUC, 1988, p.4.

mapa 4

As atividades econômicas e o número de locais de compras são apresentados a seguir. A título de comparação, coloca-se ao lado do dado referente a São Braz a informação para o bairro de Santa Felicidade, com o qual os moradores de São Braz mantêm intenso contato.¹⁴

TABELA 3 - ATIVIDADES ECONÔMICAS SEGUNDO O NÚMERO DE LOCAIS DE COMPRAS - SÃO BRAZ E SANTA FELICIDADE

ATIVIDADES	SÃO BRAZ	STA. FELICIDADE ¹
Veículos e acessórios	1	1
Artigos de vestuário	5	11
Móveis e artigos habitacionais	2	15
Jóias, relógios, etc	-	4
Papelarias, livros, etc	3	26
Artigos desportivos	3	3
Flores ²	-	9
Vidraçaria	3	1
Ferragens, tintas e mat. de constr.	7	7
Animais, sementes e implem. agrícolas	1	7
Agência bancária	5	46
Restaurantes e outros	-	110
Laboratório de análises clínicas	-	3
Clínica médica e odontológica	-	14
Total	30	257

FONTE: IPUC 1988

¹Santa Felicidade - subcentro de 1º nível

²Recentemente, foi inaugurada uma floricultura no bairro

O comércio em São Braz é pequeno, frente ao que se desenvolve em Santa Felicidade. A quase totalidade dos locais de compra do bairro surgiu a partir de meados dos anos oitenta.

O setor público mantém ali alguns serviços, particularmente na área de saúde e educação. O bairro conta com duas creches e três escolas municipais, que ofertam 1.540 vagas para alunos de primeira a quarta série e mais três escolas estaduais que oferecem em torno de 1920 vagas, das quais 32% são para alunos de quinta a oitava série. Excetuando uma das escolas, construída em 1951, as demais

¹⁴Santa Felicidade está a 7 Km de São Braz.

foram criadas nos anos 70 e início dos anos 80, período de grande surto demográfico na região.

TABELA 4 - LOCALIZAÇÃO, ANO DE CRIAÇÃO, NÚMERO DE VAGAS E CLIENTELA DAS ESCOLAS MUNICIPAIS E ESTADUAIS DO BAIRRO DE SÃO BRAZ

ESCOLA	ENDEREÇO	ANO DE CRIAÇÃO	Nº DE VAGAS	SÉRIE
Escola Mun. Monsenhor Poleslau Falars ¹ Escola Mun. Fernão Dias	Luiz Hommam, Ermenegildo Lucca, 2400 Conj. Habitacional Fernão Dias	1977 1980	490 420	1ª a 4ª 1ª a 4ª
Escola Mun. Júlio Moreira ² (CIE) ³	Alexandre Markoski, 82 Vila Diolanda	1974	630	1ª a 4ª
Escola Est. São Braz ⁴	Toaldo Túlio esquina com Ludovico Lucca	1951	400	1ª a 4ª
Escola Est. Dillavo Del Claro	Pl. Vila Maria	1979	880	1ª a 4ª
Colégio Est. Silvestre Kandora	Maria das Chagas Lima, 26	1979	640	5ª 8ª

FONTE: FUNDEPAR - Fundação Educacional do Paraná
Secretaria Municipal da Educação

¹Antiga Escola Guaira. O nome foi alterado por decreto-lei em 1981.

²Antiga Escola Fundamental Municipal São Braz. O nome foi alterado em 1981, pelo mesmo decreto-lei.

³CIE - Centro de Integração Educacional - São escolas de tempo integral, inspiradas no projeto CIEPS do governador do Rio de Janeiro LEONEL BRIZOLA, que estão sendo implantadas pelo prefeito JAIHE LERNER. A partir da unidade escolar existente, são ampliadas as instalações para se adaptarem às novas funções.

⁴Esta escola é em madeira. Há um projeto na Fundepar, visando à sua reconstrução.

O ensino de segundo grau não é ministrado no bairro; as crianças dirigem-se, então, para Santa Felicidade ou para o centro da cidade. O bairro dispõe de dois postos de saúde. Com relação aos serviços de saúde e educação não se ouvem queixas, não ocorrendo o mesmo, entretanto, quanto à área de saneamento. Particularmente a questão do esgoto é apontada pelos moradores (com exceção dos moradores de condomínios) como o maior problema do bairro.

Os conjuntos habitacionais, sejam eles condomínios fechados ou não, empreendimentos públicos¹⁵ ou privados, têm o tratamento de esgoto particular. Em alguns casos, este é realizado através de um sistema de tratamento isolado, desenvolvido pela empresa estadual de Saneamento do Paraná (SANEPAR). Este sistema consiste de um biodigestor - Reator Anaeróbico de Iodo Fluidizado (RAUF), que garante

¹⁵Existem dois conjuntos habitacionais da Cohab no bairro: o conjunto Fernão Dias, construído em 1979, com 309 casas, e os conjuntos Caiçara I e II, edificados respectivamente em 1983 em 1986, o primeiro com 117 unidades, compreendendo casas e apartamentos, e o segundo com 14 casas.

uma carga de remoção em torno de 60%. Estão implantados, hoje, no bairro, dois desses sistemas. Nos outros casos, a construtora utiliza um sistema próprio de fossas, sendo que, depois de pronto o empreendimento, o sistema é passível de ser doado à SANEPAR, que passa a garantir sua manutenção. A parte sólida dos dejetos é depositada nas fossas, que são periodicamente removidas através de empresas especializadas que depositam o material na unidade de tratamento de esgoto da cidade. A parte líquida, porém, é jogada nos córregos ou nas galerias pluviais. A população moradora às margens desses córregos normalmente não canalizados é a mais prejudicada. Porém, o odor forte que exala dos respiros das galerias pluviais é um incômodo, também, para os moradores de casas que não têm esgoto a céu aberto.¹⁶

Quanto à renda, São Braz encontra-se em desvantagem, se sua situação for comparada à de Curitiba, de modo geral. Enquanto para o conjunto do município, os domicílios com rendas até 3 salários-mínimos, em 1984, somavam 33%, em São Braz eles representavam quase 60%.

TABELA 5 - DOMICÍLIOS, SEGUNDO FAIXAS DE RENDA DOMICILIAR, NO BAIRRO DE SÃO BRAZ E EM CURITIBA - 1984

FAIXA DE RENDA ¹ (Em SM)	DOMICÍLIO %	
	SÃO BRAZ	CURITIBA
Até 1 SM	10,6	5,0
1 a 3 SM	40,3	28,0
3 a 5 SM	26,3	25,7
5 a 10 SM	17,5	25,6
10 A 20 SM	3,4	11,4
+ de 20 SM	1,9	4,3
TOTAL	100,0	100,0

FONTE: IPFUC - Dados demográficos por bairro - 1988

¹Informações sobre renda do ano 1984

¹⁶O manilhamento, uma das grandes reivindicações das populações de periferia, é visto com reservas pelas autoridades municipais. Canalizar o esgoto com simples sistema de manilhamento implica comprometimento futuro dos mananciais que abastecem a cidade, além das próprias galerias onde acabam sendo depositados os materiais decompostos, os quais podem corroer o concreto, danificando a tubulação. Ao mesmo tempo, os recursos disponíveis para o saneamento crescem proporcionalmente menos que a cidade, e são repassados pelo governo estadual, dificultando a ampliação da rede de esgotos.

Embora essas informações estejam defasadas, pressupõe-se que correspondam à realidade atual do bairro. Com as seguidas crises econômicas do país, repercutindo diretamente na renda, o que provavelmente ocorreu foi um empobrecimento da população residente. Pode ter havido, ainda, uma participação maior do número de domicílios nos estratos acima de 20 salários-mínimos, pois é aí que se incluem as famílias dos condomínios fechados, os quais representam a tendência de ocupação dos anos 80, principalmente após a metade da década. São Braz, entre os 75 bairros de Curitiba, apresentou, nesse período (1984), a terceira maior proporção de domicílios na faixa de renda domiciliar até 1 salário-mínimo. No entanto, a maior concentração dos domicílios encontra-se na faixa de 1 a 5 salários-mínimos.

Não foi investigada a renda monetária das famílias entrevistadas no bairro, o que não impede inferências nesse sentido. Buscou-se uma identificação do estrato social dos moradores a partir do tipo de domicílio ocupado e dos acessórios que costumam acompanhá-lo, quando a renda permite.

Uma família que habita, por exemplo, um domicílio de 200 m²; tem dois carros novos na garagem; viaja para o exterior pelo menos uma vez ao ano; é proprietária de uma empresa (por exemplo, um restaurante), é aqui classificada como pertencente à classe média alta. Uma outra, que possui um domicílio em torno de 100m²; um ou dois carros; na qual marido e mulher são assalariados ou têm um pequeno negócio; os filhos estudam em colégio particular e freqüentam aulas de balé, natação, línguas, entre outras, é aqui identificada como sendo de classe média-média. Se a família reside em domicílio menor, ou mesmo do tamanho anterior, mas a construção é mista (feita de alvenaria e madeira); os filhos estudam em colégio público e não desenvolvem atividades extra-escolares; a esposa

pratica uma atividade não sistemática (venda de doces, cosméticos, jóias, para ajudar a renda familiar); pode até possuir um automóvel, mas este tem vários anos de uso e aparentemente não sofre reparos, então tal família é considerada, neste trabalho, como pertencente à classe média baixa. Quanto aos pobres, suas condições de vida são conhecidas, de modo geral. Moram geralmente em barracos e são desprovidos de quaisquer benefícios oferecidos pela sociedade de consumo; não possuem carros; a televisão é em preto e branco e muitas vezes encontra-se quebrada, num canto, aguardando uma sobrinha de dinheiro pra arrumar. São peões da construção civil, cujos filhos, muitas vezes doentes e maltrapilhos, não conseguem aprender na escola.

Assim, pode-se afirmar que São Braz é um bairro onde predominam famílias de classe média-baixa e classe média-média. As classes pobre e média-alta são minorias, mas entre estas os pobres são mais numerosos. No entanto, ainda que ambos sejam menos expressivos numericamente no quadro geral, constituem segmentos sociologicamente relevantes, considerando que estão fixados no mesmo espaço urbano.

Na tentativa de precisar a questão da renda, utilizou-se a variável "energia elétrica",¹⁷ cujo consumo possibilita uma associação com a renda da família. Estima-se, pelos dados a seguir, que estes são coerentes com as informações sobre renda apresentadas anteriormente, permitindo sua compatibilização com a estratificação da população,¹⁸ proposta aqui, baseada nas observações empíricas (tabela 6 e gráficos 1 e 2).

¹⁷O consumo de energia elétrica é reconhecido e utilizado por vários centros de pesquisa, como a FIPE e o DIEESE, como variável básica para amostragem estratificada, nos estudos que avaliam as condições socio-econômicas da população. O setor da Copel, para efeito de cobrança de energia elétrica, incorpora uma área um pouco maior que os limites do bairro. O entorno, contudo, possui características semelhantes, alterando apenas a base da população. Enquanto a Copel atende a 6.729 domicílios, o número estimado de domicílios no bairro está em torno de 6.000 unidades.

¹⁸A classificação aqui proposta, não é demais lembrar, admite um grau de flexibilidade que é dado pela diversidade das ocorrências. A variância do consumo de energia elétrica é um exemplo disso, e pode ser observada no anexo 2.

TABELA 6 - DOMICÍLIOS SEGUNDO FAIXA DE CONSUMO DE ENERGIA ELÉTRICA E FAIXA DE RENDA DOMICILIAR - SÃO BRAZ

FAIXA DE CONSUMO ¹ DE ENERGIA ELÉTRICA	DOMICÍLIO POR FAIXA DE CONSUMO		DOMICÍLIO POR FAIXA DE RENDA DOMICILIAR EM SALÁRIO-MÍNIMO		CLASSIFICAÇÃO	
	(Abs.)	(%)	Abs.	%		
01 - 50 ²	401	6,0	até 1 SM	519	10,6	pobres
51 - 200	4.287	64,0	1 a 5 SM	3.264	66,6	classe média-baixa
201 - 500	1.882	28,0	5 a 20 SM	1.024	20,9	classe média- média
501 e mais	159	2,0	mais de 20SM	93	1,9	classe média-alta
TOTAL	6.729	100,0		4.900	100,0	

FONTE: Cia Paranaense de Energia Elétrica- COPEL. (Tabulação especial)
IPPUC-Dados demográficos por bairro.

¹Consumo médio dos últimos três meses (junho, julho e agosto de 1991)

²Renda de 1984

³Consumo mínimo para ligações bifásicas = 50 kw

Cabe ressaltar que não se pretende fazer uma abordagem exaustiva sobre a renda familiar do bairro. A renda, segundo este trabalho, constitui um instrumento para situar essas famílias socialmente, classificando-as em estratos econômicos. Como se pode observar, não utilizou-se, na classificação, um estrato correspondente à classe alta. Preferiu-se não fazê-lo, uma vez que, mesmo as famílias cujos domicílios sugerem rendas muito altas não dispensam o trabalho do chefe da família e de outros membros, para obtê-las. O pároco da Igreja de São Braz, padre Ivanir Leonarde, expressou-se a respeito dessa questão: aqui não temos ricos, temos só classe média-alta. Mesmo aí dentro [referindo-se ao condomínio Grand Ville] não tem nenhum que dispense o seu trabalho. Todos têm de trabalhar para conseguir o que têm.

Andando por São Braz, hoje, não se reconhece o bairro contado pelos moradores antigos. O crescimento ocupou áreas vazias, criando espaços novos, e reordenou vários outros. No lugar onde o senhor Joaquim das Chagas Lima havia erguido sua olaria, a Cohab edificou um conjunto habitacional; onde havia um lixão da prefeitura, foi construída uma vila popular; um posto de gasolina substituiu o bar e a cancha de bocha do senhor Antônio Escorsin. Algumas habitações

gráfico 1

gráfico 2

antigas ainda estão de pé, mas não resistirão ao progresso. Os moradores antigos têm na terra, assim, a única possibilidade real de melhorar ou manter sua situação econômica. É por essa razão que, abordados sobre a possibilidade de conservação (tombamento) das casas mais antigas pelo poder público, expressam opiniões contraditórias. Oscilam entre um sentimento de preservação e a possibilidade de lucros com a venda das terras, sendo compreensivelmente mais forte a opção pela segunda, mesmo quando não explicitada com clareza. Preservar o passado, no seu entendimento, é fechar as portas para os dias atuais, para o moderno. Afinal, vender velhas residências situadas em grandes áreas é a possibilidade de o pai conceder ao filho o resgate monetário do seu trabalho, materializado naquelas terras. Assim, a casa do velho Escorsin, na esquina da Vereador Toaldo Túlio com a rua Antônio Escorsin, que no passado acolheu tantos jovens casais de namorados nas suas escadarias, acabará dando lugar a uma loja, a uma padaria, a um restaurante, ou a algum outro estabelecimento. Os antigos elementos significativos cedem lugar a novas referências. "Tudo passa" é uma expressão de conformismo dita pelos velhos moradores, com certa tristeza. Na mesma esquina, um deles olha para o tráfego intenso, provavelmente lembrando-se do tempo em que ali só se passava a cavalo ou carroça, num ritmo tranquilo, como é, ainda, seu próprio ritmo. Antigamente o cenário físico era menos mudado do que o seu coração, servindo-lhe de reforço às suas recordações e de ponto de apoio para experiências novas. Agora falta-lhes esse ponto de apoio e as recordações passam a ser mais precisas e mais pesadas.¹⁹

¹⁹BENEVOLO, Leonardo. A cidade e o arquiteto. São Paulo : Fontes, 1984. p.57.

foto 8

O "velho", apesar disso, se impõe ao "novo", no que se refere às formas espaciais. As formas cristalizadas em termos de espaço são elementos menos suscetíveis às mudanças. Os elementos novos incorporam as formas antigas até transfigurá-las, e é nesse processo que assume sua singularidade. Caminhando pelas ruas Vereador Toaldo Túlio e Antônio Escorsin, as duas vias de circulação mais importantes do bairro, percebe-se a ambivalência das formas espaciais. Nessas áreas, predominam propriedades extensas²⁰ que foram ou estão sendo subdivididas entre herdeiros, os quais, por sua vez, vendem-nas ou não, conforme a conveniência. Desse modo, existem ali muitas terras desocupadas, configurando um padrão urbanístico nada convencional. Os espaços a serem percorridos entre as ruas são muito grandes, pois quase não há pequenas quadras. Este talvez seja um dos motivos pelos quais não se observam muitas pessoas passeando a pé e os automóveis são muito utilizados no bairro. As poucas opções de compra devem ser um outro motivo. Além disso, a Vereador Toaldo Túlio é uma rua de tráfego intenso de veículos pesados, vindos do interior do Paraná com destino a São Paulo e ao Porto de Paranaguá e vice-versa.²¹

Ao intenso tráfego de automóveis e caminhões associam-se as precárias condições dos passeios laterais, proporcionalmente estreitos e carentes de calçadas, impedindo as caminhadas a pé e, conseqüentemente, o contato entre as pessoas, nas ruas.

²⁰A ação do governo é obstaculizada, nessas áreas, pelos problemas relacionados à propriedade do solo. Algumas propriedades estão em processo litigioso; outras pertencem a proprietários sem condições financeiras para arcar com o custo da urbanização ou que não admitem assumir a responsabilidade de efetuar certas benfeitorias.

²¹Existe um projeto viário que vai desviar a BR 116, que liga o sul do Brasil com São Paulo, e a 277, que liga o norte do Paraná com o Porto de Paranaguá e também com São Paulo. O projeto prevê desvios dessas rodovias federais por estradas que vão contornar a cidade, desviando o tráfego que hoje passa por densas áreas do perímetro urbano. Um desses trechos densos é a rua Vereador Toaldo Túlio. Os desvios, chamados de "contornos", foram iniciados no governo José Richa (gestão 83/87) e paralisados no governo Álvaro Dias. Somente o "contorno sul" ficou pronto, mas está intransitável pela falta de manutenção. Os motoristas por isso, utilizam as vias públicas urbanas para atravessar a cidade, criando sérios transtornos às populações dessas áreas.

foto 9

A avenida Vereador Toaldo Túlio reúne condições de, no futuro, superados os obstáculos descritos acima, desenvolver toda a sua potencialidade urbanística, concentrando as atividades econômicas e desenvolvendo-se como um lugar propiciador de contatos interpessoais.

Indo até São Braz pela BR 277, chega-se ao bairro pelo lado sul, sentido Orleans/Santa Felicidade. Entrando na avenida Vereador Toaldo Túlio e seguindo por cem ou duzentos metros, alcança-se a rua José Valla, à direita, e a avenida Três Marias, à esquerda, onde têm início os limites do bairro. Pode-se dizer que a avenida Vereador Toaldo Túlio é a principal rua do bairro. Entrando tanto à direita como à esquerda encontram-se as vilas populares, que concentram famílias de classe média-média e média-baixa. As áreas mais densamente ocupadas são: à direita da Vereador Toaldo Túlio até a rua Antônio Escorsin (mapa 5 - área I), e à esquerda da Vereador Toaldo Túlio, além da Antônio Escorsin (mapa 5 - área III). As duas áreas tiveram ocupações populares. Na área I, contudo, a ocupação se deu por famílias de maior nível sócio-econômico, concedendo ao local um aspecto ocupacional de classe média-baixa com tendência a média-média. Isso ocorreu principalmente porque o início da ocupação dessa área se deu com a construção da Vila Bearitz, conjunto de casas destinadas à classe média, construído por um empreendedor local, resultando na valorização das áreas próximas. A área III, por outro lado, foi o lugar onde se realizou parte significativa dos loteamentos nos anos setenta, sendo ocupada fundamentalmente por imigrantes, camponeses do interior do Paraná.

foto 10

Na área I, as casas são simples em sua maior parte, mas são de bom padrão. Não são raros os carros nas garagens, o que denota a situação sócio-econômica razoável dos moradores. Embora não se tenha procedido a uma pesquisa amostral probabilística, as informações obtidas indicam que os moradores desta área, em sua maioria, obtêm suas rendas por meio de atividades profissionais como autônomos. São pequenos comerciantes, representantes comerciais, mecânicos, relojoeiros, marceneiros, motoristas, costureiras, doceiras, etc. Há também funcionários públicos não graduados, professores de primeiro e segundo graus e comerciários.

Os moradores da área III desenvolvem ocupações profissionais semelhantes às anteriores, mas, considerando a origem rural da maioria das famílias estabelecidas ali, a área acabou por assumir um aspecto de região de classe média-baixa, com alguns nichos de pobreza, com exceção dos Jardins Vergínia III e IV e de outros condomínios fechados, situados nessa área (mapa 5 - área III).

Na área II, onde está localizado o Clube de Campo Três Marias, existem muitas terras desocupadas. No início da avenida Três Marias há residências de classe média alta. À medida que se caminha para o final desta rua, as casas passam a ter um aspecto mais simples e precário, havendo até mesmo uma área de invasão.

A área IV, onde existe a planta Jardim Vergínia II, caracteriza-se como de classe média-média, com bolsões de classe média-alta, ainda que muitas residências simples apareçam num ou noutro lugar. Contudo, as áreas de habitações situadas nos limites do bairro, como é o caso de Moradias Caiçara, Jardim Viviane, Planta Juçara, são fundamentalmente de classe média-baixa. Neste local, no final da rua José Risseto, quase próximo à rua Toaldo Túlio, há outra área de invasão.

mapa 5

Dessas observações conclui-se que, atualmente, somente na área I ocorre uma certa homogeneidade na ocupação. Nas demais há uma grande diversidade entre padrões construtivos. Em todos os cantos do bairro, porém, observam-se habitações isoladas de alto padrão - prontas ou em construção - entre habitações muitas vezes bastante rudimentares. Essa, aliás, costuma ser a imagem espacial observada nas áreas urbanas em processo de transição urbanística, nas grandes cidades brasileiras: os terrenos vão se valorizando e, num primeiro momento, famílias abastadas convivem com outras mais pobres. Num segundo momento, no entanto, as pessoas mais pobres, impossibilitadas de arcar com as crescentes taxas de impostos, ou atraídas pela possibilidade de venda do terreno por um bom preço, desfazem-se de sua propriedade e adquirem uma de menor valor em outro local da cidade, para onde se deslocam. Levam, da negociação uma pequena diferença monetária, e deixam para trás toda uma rede de relações que haviam consolidado. Esse movimento constitui uma tendência para parcela da população do bairro, a médio e longo prazos. O processo, bastante conhecido por sociólogos e urbanistas, irá acompanhar - ainda que em ritmo atenuado - o crescimento das cidades brasileiras, enquanto não se alterarem as bases do desenvolvimento que o engendram.

Os condomínios fechados existentes hoje no bairro localizam-se nas áreas que ficam além da rua Antônio Escorsin, em direção a Santa Felicidade (mapas 5 e 6). Os condomínios estão inseridos no mesmo processo que se descreveu antes, para as habitações de classe média-alta, construídas isoladamente entre habitações populares. Sua peculiaridade deve-se ao fato de se tratar de várias casas construídas juntas - e não de apenas uma -, isoladas da vizinhança por altos muros de concreto. Estão localizados em vários locais (ver

mapa 6), alguns deles no meio de loteamentos populares. Enquanto as residências de classe média ou média-alta construídas individualmente (excluídos os casos em que estas também estão escondidas por muros) concedem ao espaço uma idéia de mistura, contato e fluidez entre classes sociais distintas, os condomínios horizontais fechados ostentam isolamento, distanciamento e segregação entre as classes, resultando em imagens um tanto constrangedoras. Barracos à porta de um condomínio fechado ou grudados aos muros de outros são representações materiais das profundas diferenças sociais que marcam a sociedade brasileira atual.

mapa 6

4 OS DIFERENTES GRUPOS SOCIAIS E SUA IDENTIDADE

Para melhor entender as relações sociais que se estabelecem entre os moradores do bairro de São Braz, optou-se por classificá-los em três grupos, correspondentes aos diferentes momentos do seu processo de ocupação:

- a) os moradores antigos¹, representados por brasileiros e imigrantes estrangeiros, principalmente italianos e poloneses que ali se radicaram nas últimas décadas do século passado;
- b) os moradores das vilas populares, representados principalmente por ex-camponeses, que começaram a chegar no bairro no final dos anos sessenta e durante os anos setenta;
- c) os moradores de condomínios fechados, famílias de classe média (média e alta), originárias, em geral, de outros centros urbanos, que nos anos oitenta foram morar nos conjuntos residenciais fechados que vêm sendo construídos na área.

Entende-se que alguns moradores do bairro não se enquadram nessa classificação. Contudo, como se pôde avaliar empiricamente, a classificação proposta abrange parcela numericamente importante da população de São Braz e constitui uma tentativa de abarcar os grupos com as características mais significativas para a análise do processo de ocupação diferenciado ocorrido no bairro.

¹Os moradores antigos são as pessoas que hoje estão com idade aproximada de 40 anos ou mais. Este limite de idade, no entanto, não foi o único critério adotado na caracterização deste segmento, uma vez que havia pessoas com idade inferior, também consideradas antigas no bairro, pelos moradores.

4.1 OS MORADORES ANTIGOS

Conforme se constatou, os moradores antigos que se instalaram no bairro no final do século passado viviam, entre si, um modo de sociabilidade bastante diferente do que vivem atualmente, na convivência com outros grupos. As pessoas desenvolviam atividades econômicas muito semelhantes e elementares. A maioria delas estava envolvida com a produção agrícola, basicamente para a sobrevivência da família, sendo o excedente da produção vendido no centro da cidade. Muitas vezes trocavam seus produtos por outros, porque o dinheiro era escasso.

Os primeiros habitantes foram brasileiros, poloneses e italianos. Predominaram entre eles, contudo, os valores culturais desses últimos, mesmo porque São Braz era, e ainda é, uma extensão de Santa Felicidade, núcleo relativamente próspero, ocupado fundamentalmente por italianos. Assim, como se observou anteriormente, ainda que tenham sido brasileiros e italianos os primeiros moradores do bairro, a identidade social da comunidade foi produzida a partir dos elementos da cultura italiana, destacando-se um forte componente étnico.

Pertencer ao grupo dos moradores antigos significava, especialmente, estar vinculado às outras pessoas por laços de parentesco, além de comungar os valores sociais estabelecidos nessas relações. Os elementos principais que orientavam as ações do grupo eram o trabalho e a religião.

O trabalho constituiu o elemento integrador mais importante em torno do qual os primeiros moradores do bairro construíram sua identidade social. A maioria dos entrevistados, ainda que brasileiros por nascimento, lembram-se das lutas empreendidas por seus pais ou avós quando estes deixaram seu lugar de origem, rompendo todos os vínculos sociais criados ao longo de muitas gerações, para tentar a sorte em novas e longínquas terras.

Essa aventura - eles têm convicção - não fora consequência simplesmente da ambição, da busca de enriquecimento fácil em outro lugar, mas da obstinada luta pela sobrevivência, ainda que as pessoas alimentassem, também, o desejo de crescer econômica e socialmente. O ato brutal de separação do homem do seu meio social de origem não se apagou, com o passar de uma geração. Ao contrário, serviu de elemento integrador de fundamental importância entre os indivíduos dos diferentes grupos de estrangeiros que foram atraídos para um país novo, onde eram esperados para cumprir funções bem determinadas. Trabalho e produtividade eram os requisitos propostos pelas autoridades do país receptor. Não foi casualmente, nem por uma aptidão natural, que os grupos de imigrantes voluntários que chegaram no Brasil no século passado buscaram no trabalho o valor simbólico por excelência, por meio do qual construíram suas identidades. Essa provavelmente foi considerada a forma adequada de corresponder às expectativas do novo contexto social.

A construção da identidade é uma condição para a socialização e interação dos indivíduos, ao mesmo tempo em que é no processo de interação que ela se realiza e se atualiza. Sem a identidade, as relações são meros contatos ocasionais. O homem se distingue dos animais por sua capacidade de se identificar, justificar e singularizar: de saber quem ele é.² Mesmo com a divisão do trabalho e com o domínio da impessoalidade, os indivíduos associam-se a vários grupos para satisfazer necessidades de naturezas distintas, mantendo com esses segmentos elos de identificação. A construção da identidade é, no entanto, um processo de diferenciação que pressupõe a semelhança. Para que as unidades sociais possam diferenciar-se, é preciso primeiro que elas se tenham atraído ou agrupado, em virtude das semelhanças que apresentam. Este processo de formação observa-se não só inicialmente, mas em cada estágio da evolução.³ ..

²DAMATTA, Roberto. O que faz o Brasil. Brasil. 2.ed. Rio de Janeiro, Rocco, 1983, p.15.

³DURKHEIM, Emile. A divisão do trabalho social, p.60.

Um outro elemento importante na construção da identidade dos moradores antigos de São Braz foi a religião. A Igreja, através de suas atividades ecumênicas, cumpre a função de marcar momentos importantes do ciclo vital e social: ciclo de trabalho, mas também ciclo de vida, traduzindo ao nível do simbólico a idéia de ordem - começo, meio e fim. Os rituais religiosos celebram, ainda, a possibilidade do renascer, da qual se produz a idéia confortante de eternidade. O homem é o único ser que tem consciência de sua própria morte, e por isso mesmo, tem enorme e definitiva necessidade de domesticar o tempo e de problematizar a eternidade.⁴

A religião abarca o indivíduo tanto na sua dimensão corpórea como transcendental e, longe de ignorar a realidade, constitui a imagem da realidade, ainda que idealizada, abrangendo todos os seus aspectos, como argumentou Durkheim. A religião é uma coisa eminentemente social. As representações religiosas são representações coletivas que exprimem realidades coletivas; os ritos são maneiras de agir que nascem no seio dos grupos reunidos e que são destinados a suscitar, a manter ou a refazer certos estados mentais desses grupos.⁵

A Igreja continua sendo, atualmente, um espaço integrador do grupo de moradores antigos de São Braz. Na paróquia local, eles se reúnem não só para rezar, mas também para realizar outras atividades, como orientar as pessoas nas questões cotidianas, através das CEBS (Comunidades Eclesiais de Base), assistir espiritualmente os enfermos, realizar reuniões sociais como jantares, bingos, encontros de jovens, de pais, etc. Nestas atividades contam particularmente com a participação dos seus filhos mais jovens e de outros moradores do bairro. Eles são os fiéis mais participativos

⁴DAMATTA, Roberto. O que faz o Brasil. Brasil, 113.

⁵DURKHEIM, Emile. As formas elementares da vida religiosa. São Paulo : Ed. Abril Cultural, 1973, p.514.

que nós temos, lembrou o padre Ivanir Leonardi, da Paróquia de São Braz. A atividade religiosa possui, assim, um papel importante na atualização das relações sociais que ali se estabelecem.

No entanto, a organização dos moradores em torno da religião não é suficiente para reproduzir o ambiente social vivido por eles num passado não muito distante. A opinião é unânime, entre eles, nesse sentido. É com um sentimento nostálgico que afirmam: hoje não é mais como antigamente. Mesmo as lembranças das dificuldades decorrentes das precariedades físicas do bairro, naquele período, não eliminaram o sentimento nostálgico com relação ao passado. Conforme os relatos desses moradores, registrados no capítulo dois, o comércio local era rudimentar; o acesso ao centro da cidade era difícil; não havia escolas nem o mais elementar atendimento médico; não havia luz elétrica ou água encanada. Tantas carências, resultando em enormes dificuldades cotidianas, deveriam gerar, aparentemente, uma visão negativa do passado. No entanto, isso não acontece, embora os equipamentos urbanos atuais sejam vistos de forma positiva pelos moradores.

Em questão de você não precisar ir longe para conseguir as coisas é melhor ... Mas aquela coisa bonita, que você saía de noite, tranquila, despreocupada, não precisava nem fechar a casa ... Nesse sentido o bairro está pior (Genma, 62).

Naquele tempo era uma dificuldade. São Braz, hoje, já viu como é que está, né? de que maneira que ficou São Braz. Do jeito que nós conhecemos e do jeito que ficou agora. Não dá nem pra acreditar. Hoje é muito ajuntamento ... a gente se enjoa de ver isso aí (Urbano, 76).

Do quê essas pessoas sentem saudades, afinal? O que havia de tão importante, naquela época, que tanta falta lhes faz? Retomando alguns relatos do capítulo dois, é possível entender o que havia de tão fundamental no período, que insiste em ser lembrado, revivido, reeditado, embora não seja explicitamente formulado.

No tempo em que São Braz era uma pequena comunidade de moradores, estes partilhavam interesses comuns muito fortes. Ainda que existissem pobres e ricos, essas diferenças em nada se

assemelhavam às vividas atualmente. As atividades econômicas exercidas pelos moradores do bairro eram pouco diferenciadas e realizadas por todos, respeitadas apenas certas habilidades naturais, fossem eles integrantes da família Dallabona, Escorsin, Boscardin, Benato, Charneski ou de qualquer outra família. Pertencer a qualquer uma delas era uma condição de identidade. A identidade do grupo fundamentava-se, basicamente, nos laços de consangüinidade e nas relações de compadrio. Partilhavam, desse modo, de uma condição social e de sentimentos comuns, formando um sistema que se pode chamar de "consciência coletiva", do qual brotava a solidariedade que singularizava aquele grupo de pessoas.

Isso pode ser observado, por exemplo, no relato do senhor Gravino (Cap. 2). Quando ficou desempregado e necessitou estabelecer-se no comércio, outros moradores vieram socorrê-lo, financiando o empreendimento, o que lhe possibilitou permanecer no ramo até hoje, sem necessitar, à época, de qualquer registro oficial, a não ser o da força de lei do compromisso verbal. O senhor Gravino, por sua vez, retribuía-lhes a confiança cumprindo lealmente os prazos combinados de pagamento, às vezes até antecipando-os, além de corresponder com mais algum favor pessoal, em forma de serviços prestados, por exemplo. E essas atitudes não significavam um "toma lá dá cá", pensado de forma oportunista. A diferenciação de papéis não resultava em diferenças sociais. Todos comungavam sentimentos comuns e os praticavam. Outros relatos comprovam esta afirmação. Para melhorar as condições urbanas do bairro, por exemplo, cada morador, ou cada família - e aqui, sim, a família é uma entidade de diferenciação entre os indivíduos - contribuía conforme sua capacidade. Para viabilizar a construção da escola, do clube, da

foto 11

igreja, cada um participava como podia, alguns doando o terreno para a construção, outros contribuindo com seu trabalho. Evidentemente, doar a terra também significava, para as pessoas, ficar próximo dos elementos físicos construídos. No entanto, isso não resultava de interesses econômicos como os que se observam hoje, quando a construção de certos equipamentos urbanos se faz no sentido de valorizar áreas urbanas. Naquelas relações, estava em questão o prestígio social, embora este fosse desenvolvido no interior de um sistema no qual o que estava em jogo não eram as forças de mercado.

Meu pai achou por bem doar o terreno para a construção da escola. Ali onde está a escola São Braz (Gemma, 62).

Puxei de caminhão, com o Neno Breda, a madeira pra construir a igreja (Gravino, 62).

Meu marido construiu mais três salas de aula enquanto nós moramos na escola. Entramos lá com duas. Quando mudamos deixamos a escola com cinco (Felomena Wojnarovcz, 80)⁶.

A criação da Sociedade Beneficente São Braz, clube recreativo fundado em 1920, construído num terreno doado pelo senhor Antônio Escorsin, foi, durante muito tempo, um local onde simbolicamente realizava-se a síntese das relações sociais da comunidade. Ali todos se reuniam para se divertir, fossem patrões ou empregados, ricos ou pobres. Durante a semana, cumpriam seus papéis sociais; no dia de descanso, utilizavam-se de um mesmo espaço, onde não eram evidenciadas as diferenças individuais, estilo de vida completamente diferente, portanto, do observado no bairro atualmente. O processo de diferenciação social entre os grupos de moradores atuais, cuja segregação foi ainda mais evidenciada com a introdução dos condomínios fechados, acaba sendo entendido pelos moradores antigos não como uma consequência determinada pelas mudanças no plano econômico e político da sociedade, mas por uma espécie de dinâmica natural do bairro. Desse modo, simplesmente julgam como tendo sido

⁶Ela e o marido eram professores da Escola São Braz e moraram algum tempo nas instalações da escola. Nas horas vagas, ele construía as salas de aula.

melhor o bairro de "antigamente", comparado ao de hoje, sem perceber a dimensão geral da problemática social.

Esses são alguns dos elementos que os moradores antigos buscam resgatar mas não conseguem, uma vez que não se trata de um objeto passível de ser transportado e sim de um estilo de vida social e economicamente particular que ali se desenvolvia. Assim, as antigas relações não correspondem ao contexto social no qual eles vivem atualmente, sendo esta a origem da angústia e desilusão expressas pelos moradores.

Todo o estado forte da consciência é uma fonte da vida; é um fator essencial da nossa vitalidade geral. Por conseguinte, tudo aquilo que contribui para o enfraquecer diminui-nos e deprime-nos; daí resulta uma impressão de perturbação e de mal-estar análoga à que sentimos quando uma função importante é suspensa ou moderada. É portanto inevitável que reajamos energeticamente contra a causa que nos ameaça com uma tal diminuição que nos esforcemos por afastá-la a fim de mantermos a integridade da nossa consciência.⁷

Esse estado de consciência coletiva não elimina a oposição nas relações pessoais, mas antes a pressupõe. Com o crescimento demográfico, rompe-se a relativa homogeneidade de estilos de vida antes existentes. Essa homogeneidade, contudo, não descarta a possibilidade do conflito, que é eliminada na idealização que os moradores antigos fazem do passado. O conflito não é interpretado, aqui, como um elemento necessariamente desintegrador. Como argumentou Simmel,⁸ a oposição e o conflito não podem ser interpretados apenas como desintegradores da coesão de um grupo, uma vez que esses elementos podem fortalecer sua unidade. O conflito sugere a existência de alguma solidariedade, pois quando esse não atinge um limite suficiente para rompê-la, é sinal de que os elementos do grupo estão atuantes, em interação, tenham eles consciência disso ou não. Numa situação em que um indivíduo não reconhece o outro como sujeito e não reaja com sua presença, pode ser que não haja oposição, mas também não há interação.

⁷DURKHEIM, Emile. A divisão do trabalho social, p.116.

⁸MORAIS FILHO, Evaristo de (Org.). Simmel : sociologia. São Paulo : Ática, 1983. p.46 a 89.

As relações sociais da antiga comunidade de São Braz começaram a se modificar com a intensificação do crescimento demográfico do bairro. Nos anos sessenta, na metade da década, iniciou-se o processo de loteamento das chácaras que existiam no local. Nesse período, o grupo de moradores antigos viu ampliarem-se as possibilidades de novos contatos externos. Os moradores recém-chegados, quando ainda em pequeno número, foram sendo absorvidos pela comunidade. Este acolhimento se dava mais rapidamente nos casos em que os novos moradores mostravam partilhar dos valores da comunidade. Uma moradora residente ali desde o início dos anos 70 lembra que, quando chegou ao bairro, teve que demonstrar muito trabalho para receber a confiança dos italianos. Eu trabalhava fora e ainda cuidava da casa, costurava, lavava... Eles se impressionavam de eu, uma "brasileira", ser tão trabalhadora (Terezinha,36).

Ela identifica o lugar onde mora como sendo uma área de brasileiros. Aqui quem mora são os brasileiros. Os italianos é lá embaixo na Antônio Escorsini, lá embaixo perto da José Risseto, onde tem os Dallarmi. Segundo a moradora, os italianos chamavam os outros de "brasileiros". Nas entrevistas, todavia, não se ouviu essa expressão uma única vez sequer por parte dos moradores antigos.

As informações empíricas indicam que o grupo antigo de moradores conseguiu, durante um tempo, impor seus valores aos que chegavam, desde que estes estivessem fisicamente próximos. É o caso da moradora acima mencionada que, quando chegou ao bairro, foi morar próximo à residência de italianos, o que permitia maiores oportunidades de comunicação. Para Terezinha, o italiano é um povo muito trabalhador. Quando eu cheguei muitos deles plantavam. Depois começou a chegar gente demais. Eles plantavam e os outros roubavam. Eles são muito unidos. Essa união está na origem. Veja as festas de Santa Felicidade. Entre eles tem pobres e ricos, mas isso pra eles não conta. Eles não deixam de se dar bem por isso. E mesmo os mais pobres não são pobres, têm um bom padrão. E acrescenta: eles são muito religiosos.

Essa fala mostra uma afinidade muito forte entre o que pensa a nova moradora e o que pensam, de si mesmos, os moradores antigos. Entre uns e outros acabou ocorrendo uma simbiose, capaz de garantir no "novo" uma continuidade do "velho", num processo onde ambos atualizam suas relações.

Com a intensificação do crescimento demográfico, todavia, o número de novos moradores excedeu significativamente o dos que ali residiam, prejudicando as possibilidades de controle destes sobre aqueles. Não se quer afirmar que o número de pessoas, por si só, constitui um elemento definidor das mudanças nas relações, embora se saiba que o crescimento populacional produz sempre algumas conseqüências no conteúdo da ação social.

A maioria dos novos moradores que chegaram ao bairro era formada por camponeses vindos do interior da Paraná. Aí possuíam ou arrendavam uma pequena propriedade, na qual produziam para a sobrevivência, restando um pequeno excedente, que comercializavam num mercado pouco competitivo, como faziam os moradores de São Braz quando aí chegaram. Embora tal semelhança de experiência de vida e condições de sobrevivência sugira a possibilidade de que tenha ocorrido entre os dois grupos de moradores uma relação de interação, constata-se, não sem surpresa, que isso não se deu. A natureza social e cultural diferenciada dos grupos não foi o único motivo a impedir uma relação mais intensa entre eles. Com o crescimento populacional do lugar, o grupo de moradores antigos, antes hegemônico, não consegue mais abarcar a totalidade das relações que ali se desenvolvem.

Os moradores antigos terminam por atribuir a esses novos moradores as mazelas decorrentes do progresso, identificando-os como os agentes causadores da desagregação da comunidade. Quando se

referem a eles o fazem com expressões do tipo: "aquela turma", "a negada", "os de lá de baixo", "é tudo malandro", etc, e, todas as vezes em que são convidados a comparar o bairro de antigamente com o atual, admitem uma preferência pelo passado, evocando a harmonia que antes havia nas relações sociais, em contrapartida com a violência de hoje.

Oh! era tão bom! nem fale. Aqui nós era quase uma família, era tudo parente, compadre e comadre. Então a gente vivia numa harmonia que era uma beleza. Nem fale: Podia sair de noite, daqui pra lá, não tinha problema nenhum (Amália, 76).

Agora mudou tudo. Naquele tempo São Braz era uma beleza. Agora não dá nem de plantar. Eu tenho uma irmã que tinha um parreiral e não planta mais porque a turma rouba (Nite, 84).

Em questão de você não precisar ir longe para conseguir as coisas é melhor. Agora, em questão de sossego, de insegurança, é pior. Aquela coisa bonita de você sair de noite, tranqüila... Você via gente andando pela rua (Gemma, 62).

São Braz antes era melhor, mil por cento. Hoje sai uma pessoa de casa e tem de ficar sempre alguém. Não pode deixar abandonado. Na época de minha juventude morava junto com meu pai. Nós abria a casa e deixava a roupa tudo no sol e nunca entrou ninguém para tirar a roupa. Se você fizer isso hoje, quando você voltar não tem mais nada (Afonso, 52).

Apesar desses comentários, até aquele momento nenhuma dessas pessoas havia sofrido algum tipo de violência, a não ser, às vezes, um pequeno furto (de bujão de gás, frutos do pomar, roupas do varal), embora relatem casos contados por outras pessoas do bairro, envolvendo roubos grandes. Interpelados mais insistentemente, caem em contradição quanto à natureza vadia da "nova" gente.

O povo antigo do mato era trabalhador, era gente boa... [cita nomes conhecidos]. A filharada deles é que vieram pra cidade. Gente antiga era muito boa, fazia cada roça, engordava porco, mas a filharada não quiseram mais saber de trabalhar (Urbano, 76).

Essa contradição está presente mesmo entre aqueles cuja atividade é mais suscetível a situações de violência, como é o caso do proprietário de um bar, que afirma: hoje só tem vagabundo! E depois, a respeito da clientela: felizmente aqui é tudo gente boa. Nunca tive problemas com freguês (Gravino, 62).

A associação do "antigo" ao que é conhecido, familiar, em contrapartida à violência associada ao "novo", aliada à ambivalência

na avaliação dessa questão, leva a concluir que o relevante na interpretação dessas concepções não é a questão da violência pura e simples, mas do que esta representa simbolicamente. O "novo" é o não conhecido, não controlado. É o efêmero, o impessoal. É tudo aquilo que a estrutura psicológica e cognitiva daqueles moradores ainda não conseguiu assimilar. Contudo, não faz sentido negar a possibilidade de ocorrer, concretamente, atos violentos. Não se pode negar a existência de acontecimentos socialmente indesejáveis na vida cotidiana dessas pessoas. Todavia, é intrigante a maneira como são interpretados, por elas, esses fatos. A questão fundamental que se quer introduzir é a de que a desestruturação de seu ambiente anterior tem colocado a necessidade, por parte dos antigos moradores, do fortalecimento da sua identidade. A identidade dos moradores antigos é o elemento que está orientando a leitura que fazem daquele espaço social. Para as gerações mais jovens, a violência também é um fato presente, mas esta não aparece no seu discurso da mesma forma enfática como no dos mais velhos. Os mais jovens colocam em primeiro lugar - dando-lhe uma conotação positiva - a questão do desenvolvimento, do progresso que hoje observam no bairro.

Todo crescimento é bom, né? Faz parte do nosso dia-a-dia. E tem que crescer. Um bairro, uma cidade, o Estado, tem de crescer. Porque o próprio desenvolvimento exige o crescimento. Cada um tem um jeito de ver as coisas. Sei lá. Eu acho que foi bonito ter a oportunidade de viver aquela época, mas você tem de se adaptar às novas coisas, né? Acho que a lembrança existe, mas é normal, como o primeiro e velho amor, acho que tem de esquecer e se adaptar às novas maneiras de vida. Mesmo porque é gostoso. Você já pensou se a gente vivesse a vida inteira naquela vidinha, da carrocinha, sem televisão, tinha que assistir na casa da vó porque não tinha dinheiro. Talvez até não viva, na hora do sono, a tranquilidade de não ter carro passando na frente de tua calçada, um monte de passarinho na frente no jardim de tua casa de manhã, mas em compensação você tem uma série de outras vantagens, comodismos que não tinha antigamente. Então não dá pra se queixar, não (Gilberto, 31 anos).

De qualquer modo, São Braz, tanto quanto a sociedade de um modo geral, está distante de experimentar a tranquilidade de décadas atrás. Um dos moradores, que também partilha do entusiasmo com o bairro atual, dá um exemplo do quanto era seguro viver ali, em

outros tempos. Lá pelos anos sessenta, quando eu era cobrador, eu ia com a bolsa cheia de dinheiro, de noite, de madrugada, para pegar o ônibus no Campo Comprido, e nunca aconteceu nada. O único lugar que eu tinha medo de passar era no cemitério (Roldão, 47).

Assim, ainda que o agravamento da crise econômica do país resulte efetivamente no aumento da violência urbana, as considerações acima levam a concluir que a preocupação excessiva com essas ameaças encontra-se numa esfera que é antes sócio-psicológica que sócio-empírica. Contribuem para isso os meios de comunicação que, imoral e premeditadamente, vêm incutindo, de forma contumaz, a idéia de inferioridade da sociedade brasileira, numa versão modernizada: antes éramos considerados indolentes; hoje somos vistos como bandidos e corruptos, irremediavelmente.

É interessante observar que a Sociedade Beneficente São Braz, local que sintetizava simbolicamente as relações daquele grupo, permanece sendo um lugar importante na leitura que os moradores antigos fazem do bairro, hoje. No momento em que o clube abriu as portas aos "outros", ao desconhecido e, conseqüentemente, ao incontrolável, este torna-se, então, indesejável.

A questão da identidade emerge claramente na avaliação que os moradores do bairro fazem dessa questão. É como se ali houvesse um forte embate entre duas esferas da vida, a privada e a pública, o que Roberto Damatta identifica como sendo o "mundo da casa" e o "mundo da rua", em que o primeiro seria marcado pela pessoalidade, pelo familiar, e o outro pela desigualdade, impessoalidade e anonimato.

Para os moradores antigos, atualmente o clube Sociedade São Braz é o "bailão dos negros", que "começa a incomodar nas sextas-feiras e vai até domingo". É a "muquifa", o "ajuntamento". Além disso, afirmam que depois que o baile acaba, tem a arruaça, gente berrando a noite inteira, derrubando e quebrando as coisas.

Quando eu era moço, dançava no clube São Braz, cada um pagava uma mensalidade, cada sócio, e se o sócio ficasse doente eles faziam um baile de ajuda daquela pessoa. Só que hoje não tem mais. Eles vinham mantendo, cada vez mais entrando na boemia, então o pessoal antigo não aceitou aquilo. Depois, na época que tinha baile, por exemplo, tinha concurso de valsa, de tango. Hoje não é nada. Hoje é aquela luz negra lá que pisca. Nós não fomos criados nessa vida social, fomos criados numa vida social diferente (Affonso, 52).

Os moradores antigos gostariam que a Sociedade São Braz permanecesse a mesma. Não se dão conta de que aquele espaço, antes um local de celebração ritual da sua comunidade, continua desempenhando o mesmo papel, só que os atores são outros e a situação que representam também. Nessa nova ordem, nesse confronto com o "novo", os moradores antigos perdem o *status* familiar que prevalecia na situação anterior. A família era um elemento diferenciador no interior do grupo, demarcando inclusive os espaços que eram apropriados. No confronto com outros grupos sociais, essa condição familiar é diminuída, ocorrendo um processo de homogeneização.

As manifestações de repúdio a essa situação às vezes se mostram com certa comicidade. Uma vez, num dia em que tinha uma festa de São Braz, eu não sabia que tinha aquele troço, sarau. Não sei que diabo, lá. Eu entrei e perguntei: que negócio é esse aqui? Eu não conhecia, né? "Ô que são esses farol? Para esse troço aqui e acende a luz", eu falei. E não quiseram fazer. Rapaz! Eu disse "rebento tudo esse troço aqui". Aí pegaram e acenderam a luz. Aí eu falei: "eu vou fechar esse negócio aqui. Isso aqui é uma sociedade beneficente, familiar". E fechou 2 anos. Eu dei queixa na Delegacia de Jogos e Diversões (Gravino, 62).

Hoje a Sociedade é presidida por um jovem descendente de italianos, o qual observou que, entre os frequentadores atuais do clube, encontram-se muitos filhos de italianos. Segundo ele, a difamação do clube teve início por volta de 1975/76, quando, por falta de recursos, tiveram de apelar para um tal "Zé Magrela", que promovia "bailão" pela cidade. A partir de então, o clube perdeu suas antigas características. Ele argumentou que existe uma preocupação em manter um baile anual no dia do aniversário do clube,

quando entram somente pessoas com convite. Apesar desta tentativa de seleção dos frequentadores, entretanto, os moradores antigos continuam não prestigiando os bailes, segundo o presidente da Sociedade. Esse ano nós fizemos um baile, praticamente a zero, para o associado antigo, mas tinha a força contrária: "não vai lá, o cara que está lá está lá por interesse, não fez a coisa certa, é a famosa política". Entre eles estão pessoas que não são tão velhas (Gilberto, 31 anos).

Os conflitos que ocorrem entre os moradores antigos, com relação à Sociedade São Braz, entretanto, significa que esta continua sendo um elemento importante nas relações das pessoas, particularmente para os descendentes dos italianos, para quem aquele espaço é carregado de significados.

É interessante observar que as atividades sociais desse clube não constituem problemas nem para os moradores do condomínio construído ao lado nem para as pessoas mais jovens. Quanto às confusões na rua, após os bailes, o presidente do clube afirma: quem garante que o pessoal que faz arruaça é daqui? Existem outras danceterias por aqui. Além disso, quando a gente fecha aqui, depois das três e meia da manhã... Venha um dia aí e veja, na esquina, a quantidade de gente que passa por aí. Eu não sei de onde vem. O ônibus, de madrugada, chega cheio de gente do centro. Como é que podem garantir que é gente daqui? (Gilberto, 31)

Se por um lado os moradores antigos avaliam o bairro de hoje como "não sendo mais como era", alegando que "está tudo mudado", que "não dá para sair e deixar a casa sozinha", por outro lado, quando se parte da afirmação de que o bairro está violento e se solicita sua opinião a respeito, a resposta é sempre ríspida e evasiva: "tudo está assim", "não é mais violento que outros locais", "onde é que não tem violência hoje"?, o que demonstra a forte identidade dos moradores com aquele espaço urbano.

Observam-se tentativas, entre os moradores antigos, visando reforçar sua identidade. A mais recente e organizada delas que se

pôde constatar partiu de um grupo de mulheres. Elas tiveram a idéia de se reunir para um jantar, na tentativa de estreitar os laços de amizade, debilitados segundo elas pela agitação da vida cotidiana. Depois do primeiro jantar, que reuniu por volta de trinta mulheres, marcaram um outro, e estes encontros acabaram se transformando, se institucionalizando. Hoje, esses jantares, realizados a cada dois meses a partir do mês de março de cada ano, reúnem mais de trezentas mulheres, normalmente em um restaurante de Santa Felicidade, para rezar, cantar, comer, brincar e trocar idéias.

Essas reuniões, conhecidas como "Encontros das Amigas de São Braz", são momentos simbólicos muito interessantes, representativos da luta pela preservação da identidade do grupo, incluindo uma geração mais jovem. As moradoras de São Braz não são as únicas participantes desses encontros. Participam também moradoras de outros bairros de Curitiba, para onde alguns descendentes mais jovens dos italianos acabaram indo morar. A idade das participantes é bastante variada, entre 13 e 80 anos. Não são convidados os homens e as crianças. Para os encontros mais recentes, foram chamadas também mulheres não descendentes de italianos, mas que ocupam funções importantes no contexto feminino do bairro. Tais reuniões, portanto, constituem não apenas um ato de preservação, mas de atualização das relações, marcando mesmo o papel desempenhado pelas mulheres no novo contexto social.

As gerações não se substituem de uma hora para outra. Dessa maneira, a grande maioria dos indivíduos que vivem juntos, em um dado momento, ainda existe no momento seguinte, e a passagem de um para outro é contínua.⁹

A medida que o crescimento econômico foi estabelecendo novas bases para as relações sociais, foram se afrouxando os laços de

⁹MORAIS FILHO, Evaristo de (Org.). Simmel : sociologia, p.52.

união da comunidade de moradores antigos. Estes, por sua vez, foram moldando-se de alguma forma à situação nova que se apresentava como "uma época mais difícil". A maioria deles vive com recursos da aposentadoria, e muitos complementam suas rendas com atividades variadas. O ritmo de vida imposto pela necessidade de trabalhar, no entanto, não é o elemento que explica o ritmo acelerado que eles atribuem aos dias atuais. O passado é lembrado como um tempo lento e tranqüilo. O presente, como uma "agitação". Não conseguem entender por que antes, quando estavam ainda mais envolvidos com o trabalho, o tempo demorava para passar, enquanto hoje não têm tempo para nada. Pensam desse modo principalmente as mulheres que ainda têm filhos solteiros em casa e, conseqüentemente, assumem um maior número de atividades.

Quando eu tinha meus quatro filhos, eu ajudava no açougue, ajudava a cuidar das crianças até das cunhadas, eu costurava pra fora... sei lá, agora não dá tempo. Eu às vezes começo a refletir: ou a gente está egoísta ou é a dificuldade da vida que faz você trabalhar porque não tem dinheiro que chega. Antigamente as pessoas tinham mais tempo. Meu pai trabalhava e encontrava tempo para escrever. Escrevia muito, sobre tudo.⁴⁰ Eu agradeço ao meu pai por ter me dado a compreensão espiritual (Dolores, 64).

Não só o espaço, mas também o tempo, são invenções sociais, como lembra Roberto Damatta. Este está associado a atividades bem marcadas e só assim se torna visível em várias unidades. Cada sociedade tem uma gramática de espaços e temporalidades para poder existir enquanto um todo articulado e isso depende fundamentalmente de atividades que se ordenem também em oposições diferenciadas, permitindo lembranças ou memórias diferentes em qualidade, sensibilidade e forma de organização.⁴¹

Nas comunidades simples, tal como era a comunidade de São Braz, o ritmo do tempo correspondia à organização das atividades que ali se desenvolviam. O tempo era o tempo do plantio, da colheita, da visita do pároco, da festa do padroeiro. Conseqüentemente, era mais

⁴⁰O pai (José Mansur) escrevia sobre as coisas do cotidiano, sobre o país, a política. No final desse item está anexada uma carta que escreveu para a filha, numa ocasião em que esta lhe pediu que levasse sua tesoura para afiar no amolador.

⁴¹DAMATTA, Roberto. A casa e a rua. Rio de Janeiro : Guanabara, 1987. p.39.

flexível, maleável, não comportava determinismos, e por isso permitia as visitas imprevisíveis aos amigos, o bate-papo despreocupado no portão, a ajuda aos parentes doentes, etc. Hoje o tempo é marcado pela necessidade da produção industrial, que tem de ser racionalizada segundo padrões mais rígidos, determinados pela lógica do mercado. Neste contexto, o que prevalece é a noção do lucro, segundo a qual "tempo é dinheiro", e, como não se pode perder dinheiro, não se deve desperdiçar o tempo. Não foi, portanto, só a concepção de tempo que mudou, mas a organização da sociedade à qual o tempo se reporta.

Os descendentes dos moradores antigos que hoje estão com idade de até 40 anos, ou um pouco mais, estão inseridos num novo contexto social. A agricultura não é mais praticada no bairro. Apenas alguns moradores antigos preservam o hábito de plantar hortaliças no fundo do quintal. Seus filhos estão ligados, principalmente, às atividades do setor terciário. No comércio trabalham como empregados e, quando bem sucedidos, tornam-se donos de seu negócio. Muitos desses moradores mais jovens são trabalhadores autônomos, na prestação de serviços. Na classificação da renda podem ser enquadrados predominantemente como famílias de classe média-média e média-baixa. Alguns ainda dispõem de uma reserva econômica considerável em terras urbanas no próprio bairro. Outros já não as possuem. Aliás, o fato de herdar um terreno é apontado como um fator decisivo para a permanência no bairro. O parcelamento das áreas e sua distribuição entre os herdeiros é um exemplo concreto da desintegração daquele grupo de origem. Sem as terras, os descendentes dos antigos moradores acabam nivelando-se economicamente aos demais moradores, podendo experimentar um processo de empobrecimento a curto prazo.

A geração mais jovem percebe essa ameaça, e vivencia, por outro lado, a precariedade e insegurança - para a manutenção da estabilidade financeira - que representa a simples posse de algumas áreas urbanas. Adotam, por isso, novas estratégias para manter uma situação econômica confortável. O ensino formal, por exemplo, que, com exceção do ciclo básico, não era valorizado entre os moradores antigos, é bastante importante para os mais jovens. O ensino superior começa a fazer parte de suas preocupações. Reconhecem que com estudo já está ruim, sem estudo é pior. O ensino acaba sendo visto como uma maneira de preservar o prestígio social ameaçado, ainda que muitos tentem justificar-se alegando não precisar de curso superior para desenvolver suas atividades. É provável que considerem que o curso superior seja capaz de garantir apenas *status*, mas não necessariamente renda.

A concepção em relação ao ensino superior é apenas um dos aspectos ilustrativos da forma diferenciada com que os descendentes dos moradores antigos de São Braz interpretam o mundo à sua volta. Essas mudanças de comportamento são perceptíveis de várias formas, mesmo entre moradores antigos. Diante da possibilidade de bons negócios, como já se colocou noutra ocasião, pode-se optar pela destruição do patrimônio físico familiar, ainda que este represente todo um passado que os indivíduos lutam por manter na memória. Assim, diante da inexorabilidade do presente, todos descobrem as formas de adaptar-se, uma vez que cada um vive seu tempo. E ali, o tempo em função das mudanças é o tempo da dualidade. O grupo de moradores antigos e também os seus descendentes acabam vivendo um padrão de sociabilidade marcado pela ambivalência. De um lado, vivem intensamente uma rede de relações familiares e de amizade. De outro, em razão de suas atividades profissionais, vivem relações

impessoais, imperativas na sociedade. Nem sempre é possível vislumbrar os limites de cada uma dessas relações. Ambas acabam interagindo tão intensamente que se transformam numa forma social em que assumem as feições umas das outras. Os traços da primeira, contudo, aparecem com seus contornos mais fortes.

Essa situação de ambivalência social foi identificada, de certa forma, como típica da sociedade brasileira, por Roberto Damatta. Para ele, na sociedade brasileira existe uma oposição entre o "mundo da casa" e o "mundo da rua", em que a casa representa o que é conhecido, familiar, privado, o local da amizade; a rua, por outro lado, o que é impessoal, o universal, a cidadania. No fundo, vivemos numa sociedade onde existe uma espécie de combate entre o mundo público das leis universais e do mercado e o universo privado da família, dos compadres, parentes e amigos.¹² Em outras palavras, há uma nação brasileira que opera fundada nos seus cidadãos, e uma sociedade brasileira que funciona fundada nas mediações tradicionais.¹³

O "novo", representado pelos moradores pobres da vila, ameaçou e modificou, pela sua chegada no bairro, as relações pessoais estabelecidas. E quanto ao "novo" representado pelos moradores de classe média-alta dos condomínios? Qual o papel que cumprem nesse processo? Como os moradores antigos os vêem?

Os moradores dos condomínios fechados são, tanto quanto os moradores das vilas, um elemento novo. Estes, no entanto, surgiram num momento social diferente. Quando os moradores das vilas se estabeleceram no bairro, não ameaçaram apenas as relações sociais, mas sua chegada coincide com a desintegração de um tipo de organização social na qual operavam aquelas relações. De todo modo, é aos moradores das vilas que os antigos atribuem a desintegração do seu ambiente social.

¹²DAMATTA, Roberto. A casa e a rua, p. 93.

¹³DAMATTA, Roberto. A casa e a rua, p. 95.

Numa sociedade estratificada, os indivíduos buscam incessantemente a ascensão social, da qual obtêm prestígio. Este nada mais é que o desfrute de uma situação de maior adequação do indivíduo a um padrão social desejável, numa determinada organização social. Toda sociedade tem seus critérios para estabelecer as condições de prestígio. Na comunidade antiga de São Braz, este era dado pelo nascimento e compadrio. Hoje, os moradores reconhecem que esses requisitos não são suficientes. A renda e a ocupação têm um lugar especial na obtenção de prestígio na nossa sociedade. Ao prestígio associam-se, por sua vez, outras condições secundárias, mas igualmente determinantes. Assim, não basta ter dinheiro. É preciso vestir-se de uma determinada forma, usar uma certa linguagem, comportar-se de certa maneira.

Os moradores antigos, bem como seus descendentes mais jovens, reconhecem haver, por trás daqueles muros altos, pessoas que gozam, supostamente, da condição social de bem-sucedidos. Dada a nova inserção social dos moradores antigos, a relação com os moradores de condomínio é diferente daquela que tiveram com os moradores das vilas. Os condomínios fechados foram construídos num momento em que as bases sobre as quais eles viviam já haviam sido rompidas. No primeiro momento, um grupo social (formado por camponeses) promove as mudanças no bairro através do aumento populacional, quebrando a hegemonia do grupo antigo. Num segundo momento, esse grupo, já ameaçado, se depara com grupos sociais que representam formas particulares de uma sociedade hierarquicamente dividida. A reação dos moradores antigos é diferente, para cada um dos casos. No primeiro havia resistência contra o que constituía uma ameaça à perda de hegemonia e, conseqüentemente, do prestígio social do grupo. Quanto ao segundo, ocorre uma espécie de conformismo, por

parte dos moradores antigos, não só porque sua hegemonia já havia sido rompida, mas por considerarem, provavelmente, que os moradores de condomínio representam uma espécie de valorização do bairro, dado que se trata de moradores que possuem rendas altas.

Os dados empíricos permitem afirmar que a interação foi mais forte, no primeiro caso, e mais tênue, no segundo. Com relação ao primeiro grupo, os moradores antigos usaram toda sua energia no sentido de não deixar romper a unidade do grupo. Todas as relações com os moradores das vilas se deram nesse sentido, cooptando-os, num primeiro momento, através de ações espontâneas ou organizadas, ou rejeitando-os, num outro momento. Com relação aos moradores de condomínios, que constituíam um grupo mais refratário, eles não agiram do mesmo modo. Os condomínios representam um "lugar" social onde eles gostariam de chegar, enquanto do "lugar" dos moradores das vilas eles procuram se afastar (lugar, aqui, entendido como posição social, e não como espaço físico).

É interessante observar que, enquanto os moradores das vilas populares são apontados como os responsáveis pelo que existe de ruim no bairro, hoje, o condomínio não é mencionado espontaneamente entre as coisas boas que o bairro agora possui. Somente quando estimulados é que concordam que os condomínios representam um elemento positivo para o bairro, uma vez que os moradores com altas rendas, de certa forma representam a possibilidade de alterar o nível social do bairro, empobrecido com os moradores das vilas. Aliás, em todas as entrevistas, eles só mencionaram os condomínios quando foram solicitados a fazê-lo. É como se os ignorassem. Lembrar a existência dos condomínios implica redimensionar o lugar que agora lhes é reservado socialmente. Agora eles são os de "fora", na interpretação daqueles que estão "do lado de dentro". Estes não diferenciam os

grupos que estão do lado de fora dos muros, e este constitui, agora, o lugar da homogeneidade: "do lado de cá dos muros estamos nós, os ricos, lá fora estão eles, os outros". Os moradores dos condomínios têm uma relação mais ampla com a cidade, vivem uma experiência mais "metropolitana", ao contrário dos moradores antigos. Seus conflitos e relações se restringem ao bairro e temem que, estando do "lado de fora" dos muros, venham a ser confundidos com os moradores das vilas, o que faz com que sintam necessidade de reforçar ainda mais sua identidade.

Raramente encontra-se, entre os antigos, alguém que conheça um morador de condomínio. A respeito destes, sabem apenas que "saem de carro" e que talvez trabalhem no "centro". Os moradores antigos, que estavam acostumados às relações mais pessoais, em que suas vidas eram, de certa forma, "transparentes" aos seus, defrontam-se com um grupo cujos homens não deixam conhecer suas biografias e tampouco se interessam pela história de vida dos outros. Aos antigos, esses moradores parecem "distantes", "frios" ou "muito ocupados". De qualquer modo, percebem que essas pessoas nada têm a ver com eles enquanto grupo. Ao mesmo tempo, dizem reconhecer que agora os tempos mudaram e que as pessoas relacionam-se de forma diferente. E neste ponto colocam uma questão que é um elemento de diferenciação entre eles (os moradores antigos) e os "novos", moradores dos condomínios: o modo de morar.

Os antigos moradores de São Braz são unânimes em afirmar que morar em condomínios fechados é uma coisa que eles não fariam. Tal como os apartamentos, os condomínios assemelham-se a uma prisão, afirmam. Por isso, prefeririam "morar no mato" ou mesmo "embaixo de uma árvore", ainda que alguns considerem legítimo trancar-se atrás de muros para precaver-se contra a violência. Os mais jovens

partilham de algumas dessas opiniões. A diferença é que eles procuram os condomínios, quando fazem sua opção de moradia. Todavia, são poucos os descendentes de italianos que residem em condomínios fechados. Aos mais jovens, de qualquer modo, apresenta-se a possibilidade de ambicionar e obter uma moradia desse tipo, mas o mesmo não ocorre com os mais velhos, que acabam por resignar-se. Observam as mudanças à sua volta com o distanciamento de quem sente não fazer parte delas.

carta 1

carta 2

cartaz

diploma

4.2 OS MORADORES DAS VILAS

Para entender as relações sociais que se desenvolvem entre os moradores das vilas e captar a forma como interpretam as diferenças sociais com as quais convivem, considerando os condomínios fechados, optou-se por estudar uma área que é particularmente expressiva para o escopo deste trabalho, porque nela estão localizados, frente a frente, uma vila popular com características de favela⁴ - a Vila Carvalho - e um condomínio fechado de classe média-alta - o Fortezza di Firenze. O local é, pois, bastante representativo do tipo de ocupação que vem ocorrendo no bairro de São Braz, onde a execução de projetos habitacionais de alto padrão construtivo está alterando o perfil de ocupação popular que ali vinha se desenvolvendo.

O que separa a Vila Carvalho do condomínio Fortezza di Firenze são os altos muros deste e a rua Ludovico Lucca, de onde se pode observar, de um lado, habitações muito simples e rudimentares e, de outro, sobre os muros, os telhados e janelas do pavimento superior de algumas residências de alto padrão construtivo.

A Vila Carvalho teve origem com o loteamento de áreas que pertenciam a duas famílias do bairro, os Carvalho de Aguiar, nos anos sessenta, e os Charneski, nos anos setenta. Os loteamentos que se chamaram Vila Carvalho I e Vila Carvalho II, respectivamente, foram ocupados de fato nos anos oitenta.

No final desta área legalmente parcelada, há uma faixa de terra pertencente à Prefeitura Municipal de Curitiba, que foi sendo ocupada ilegal e gradativamente a partir do final dos anos setenta e que também é conhecida como Vila Carvalho. Esta área compreende uma faixa descontínua no final da rua Manoel Saldanha de Castro,

⁴A posse do terreno é irregular, o esgoto corre a céu aberto e muitos domicílios são simples barracos.

incluindo uma pequena parte do lado esquerdo da rua José Xavier e uma parte maior e irregular entre esta e a rua Ludovico Lucca, como se pode observar no mapa 7. Existem aí 27 domicílios, distribuídos em 21 lotes.

Este estudo restringiu-se a essa última área de invasão. Ainda que pudesse ser de grande importância estender a pesquisa a toda a Vila Carvalho, incluindo a parte do loteamento legal, optou-se por limitá-la visando não comprometer sua consecução.

No decorrer dos anos setenta, início da ocupação dessa área da Vila Carvalho, a casa de Dona Ema, uma das mais antigas moradoras dali, ficava escondida no meio do mato. Foi só na segunda metade dos anos oitenta que ocorreu, efetivamente, a ocupação dessa área. As famílias ali se fixaram porque souberam que se tratava de uma área pública. Chegava uma família, se estabelecia, avisava um amigo, outros ficavam sabendo e, assim, de maneira gradativa, foram ocupando a área sem ser molestados pelo poder público.¹⁵ Por isso, os moradores dali não se consideram invasores de terra, tal qual são conhecidos os ocupantes das invasões meticolosa e sistematicamente planejadas e levadas a efeito abruptamente, como as que ocorrem nas nossas grandes cidades, atualmente. Ressalte-se que estas invasões não têm a aprovação dos moradores da Vila Carvalho.

¹⁵Nesse período, era prefeito de Curitiba o atual governador Roberto Requião, cuja administração fazia vista grossa às invasões de terras urbanas. Sua base política havia sido construída junto aos movimentos populares urbanos de Curitiba, que reivindicavam a posse de terra urbana. Contudo, naquele período, as invasões de terra não tinham assumido nem a dimensão social nem o controle político eleitoral que muitas vezes acompanham esses processos, atualmente.

foto 12

mapa 7

Ilustra bem essa questão a invasão que ocorreu no início de 1991, na própria vila, numa área ainda não ocupada, também pertencente ao poder público. Na ocasião, um grupo de pessoas invadiu o local, mas acabou cedendo às pressões que partiram não só dos moradores dos condomínios fechados mas também dos moradores da Vila Carvalho e do poder público municipal, para que deixasse o local. A prefeitura, para evitar novas tentativas de invasão, colocou equipamentos de parques no lugar, improvisando uma área de lazer (mapa 7).

O motivo mais importante pelo qual os moradores da Vila Carvalho foram contrários à invasão foi o receio de que a prefeitura acabasse por generalizar, a todos os moradores, as sanções aplicadas a esses invasores novos. A punição mais temida era o possível remanejamento para uma área distante.

Sobre esses novos processos de invasão, uma moradora diz o seguinte:

Ah, eu por mim mesmo, eu acho que não é correto. A invasão dessas casinha aqui [apontando para os vizinhos em frente à sua casa] são diferente, entende? Porque não foi uma invasão assim, que eles chegaram violento. Chegaram, simplesmente. Então são todos pessoal assim calmo, todos trabalham para sobreviver, né? Agora essa invasão que teve ali no lugar dos campinho! Ali, foi uma invasão que até nós fomos contra, né? Entravam pessoas ali que nem precisavam. Têm casa, terreno, telefone, carro e tudo. Eles invadem pra pegar o terreno pra depois eles arrumá tudo com a prefeitura e depois passá pra frente. Vende o direito deles (Inês, 27, dona de casa).

Mesmo pessoas da vila que participaram da invasão⁴⁶ consideram que essa não é a melhor forma de conseguir a posse de um terreno e, se o fizeram - afirmam -, foi para não perder a oportunidade. Temiam que a prefeitura terminasse por negociar com os invasores e, nesse caso, dada sua não participação na invasão, perderiam a chance de garantir o lote. Esse foi o caso de dona Maria e dona Ivone, que moram na vila em casa de parentes e estão na fila da COHAB à espera de um lote ou casa. Segundo elas, tinha tanta gente que não precisava, então nós invadimos

⁴⁶Famílias que habitam com parentes.

também. Acabam, por conta dessas situações, assumindo uma posição ambígua. De um lado consideram que deve prevalecer a lei, pela qual se impediria que as pessoas, por métodos agressivos, tomassem para si coisas de outrem; por outro, entendem que é necessário e justo ajeitar suas vidas individualmente.

Os moradores da Vila Carvalho vieram ao local, na maioria das vezes, informados por amigos. Comunicam uns aos outros essas oportunidades. Eu vim de Umuarama (interior do Paraná) há 7 anos. Antes eu morava aqui no bairro. Cuidava da igreja evangélica que tem aqui, morava lá. Fui até o DDS [Departamento de Desenvolvimento Social da Prefeitura] pedir permissão para ocupar um pedaço de terra no bairro. Então me inscreveram numa lista da COHAB. Eu estava aguardando quando eu soube dessa área aqui. Um conhecido meu, sabendo que eu estava na fila aguardando o terreno, me avisou: "se você não invadir arrisca ficar sem o lote". Se eu não construísse perdía a oportunidade. Daí eu paguei um carroto pra trazer as madeiras que eu tinha comprado e estava lá no Clube. Em 48 horas a casa estava pronta. Eu, os filho e um amigo erguemos a casa. O carroto foi pago não no dia, mas devagarinho (Altamira, lavadeira).

A quase totalidade dos adultos que residem na Vila Carvalho veio do interior do Paraná, principalmente da zona rural. Alguns chegaram sós, mas a maioria veio por indicação de algum parente que já se encontrava na cidade. Muitos deles já residiam em outros bairros ou em outros locais no próprio bairro, mas há moradores que, assim que chegaram em Curitiba, foram morar na Vila Carvalho.

Diferentemente dos moradores antigos de São Braz, cuja fala resgata, a todo momento, os elementos culturais do passado com os quais idealizam seu modelo de vida, os moradores da Vila Carvalho parecem rejeitar as experiências vividas na zona rural, não demonstrando nenhuma nostalgia em relação ao período em que residiam e trabalhavam no campo. Lembra um morador: Eu levantava às 4:00 horas da manhã para chegar às 8:00 horas na escola, a cavalo. Trabalhava numa terra de 10 alqueires. Não tinha condições de modernizar porque a terra era caída. Naquele tempo não se fazia curva de nível. Colocava adubo, a erosão levava tudo com as chuvas. Não podia mecanizar. Então vim embora (Vilmar, mestre de obras, 34).

Os relatos se assemelham. Acordava às 6:00 horas pra ir pra roça. Na hora do almoço vinha cansado e ainda tinha de fazer alguma coisa pra almoçar. Ia descalço mesmo, com frio, nos pasto branco de geada. Morar na cidade é como no céu. Saber que todo dia é igual (Nivaldo, motorista, 30).

A imprevisibilidade do dia-a-dia no campo é um componente importante na avaliação que os moradores fazem da vida urbana, principalmente entre aqueles que possuem, na cidade, empregos fixos e melhor remunerados. Para estes, no campo você pode trabalhar, "dar duro" e de repente pode perder tudo. É possível perder uma boa colheita num único dia de tempestade. Na cidade não: Aqui, quem quer conseguir alguma coisa é só trabalhar que consegue.

Essa não é, contudo, a opinião de todos os moradores da vila. Entre eles existem diferenças na forma de interpretar sua condição social atual, que de certo modo está relacionada com sua inserção no mercado de trabalho. Os peões da construção civil e as mulheres que trabalham de diaristas domésticas, particularmente quando são chefes de família, não partilham a opinião de que basta vontade de trabalhar que a vida melhora. Entendem que se permanecerem nestas ocupações têm poucas chances de melhorar suas condições de vida. Na construção civil a situação é muito clara e os trabalhadores menos qualificados têm muitos exemplos concretos do quanto são explorados. As variações na remuneração do seu trabalho ocorrem, como não poderia deixar de ser, em função do mercado e não da quantidade de trabalho despendida no processo de produção. Nesses casos, quem acaba perdendo é sempre o empregado mais desqualificado, que é cada vez mais abundante.

Não é por acaso que a maioria dessas pessoas considera a educação dos filhos um elemento da maior importância. O fato de não terem freqüentado a escola é apontado como fator decisivo para estarem enfrentando condições de vida precárias. Mesmo os que se

destacam por terem conseguido melhores empregos e dizem não haver uma relação direta entre educação e qualidade de vida (tem muito doutor desempregado, não estudei e me arrumei) entendem que os filhos têm de estudar. E se de um lado não concordam que exista uma forte relação entre emprego e estudo, de outro percebem que existe uma ligação clara entre estudo e poder: Os políticos sabem falar, enrolam a gente; se estuda não cai na conversa dos outros.

As diferenças de renda entre os moradores da Vila Carvalho podem ser observadas pelas diferenças entre os domicílios que ocupam. Ao lado do barraco de uma desempregada ou de um peão da construção civil, pode-se encontrar uma casa de alvenaria bem acabada de um mestre-de-obras. Como em qualquer outro grupo social, a habitação na Vila Carvalho é um elemento importante, por meio do qual as pessoas imprimem, simbolicamente, sua condição social. Os moradores fazem questão de ressaltar suas diferenças através da adoção de elementos inspirados nos modelos de habitação da classe média-alta. As mulheres são as que mais verbalizam o padrão almejado. À medida do possível, incorporam em sua casa aquilo que observam nas casas de suas patroas. Entre os objetos ambicionados estão grades, cortinas, carpetes e azulejos. Aqueles que habitam as casas melhores, mais sólidas, em alvenaria, estampam com orgulho o fato. Rogozijam-se, não raramente, até mesmo das privações às quais são forçados a se submeter para deixar a habitação em melhores condições. São meses e meses de sacrifícios, em que a casa vai aumentando aos poucos, crescendo proporcionalmente o conservadorismo dos seus proprietários. Na habitação está incorporado o trabalho de muitos anos. As poucas sobras dos seus salários, conseguidas à custa de restrições na mesa da família, transformaram-se em tijolos, cal e cimento. É compreensível que acabem defendendo fortemente sua propriedade, resultado do esforço de toda uma existência, e único

foto 13

patrimônio da família. A habitação lhes proporciona a segurança que não experimentam na sociedade. Além disso, numa sociedade em que são ignorados os mais elementares direitos de cidadania, a casa se constitui no espaço mais importante para a expressão da individualidade. Por tudo isso, o espaço habitacional é medido, marcado com muito rigor, disputado algumas vezes até de forma mesquinha com os vizinhos.

Não é por acaso que a demarcação dos lotes é o principal motivo de disputa entre vizinhos na Vila Carvalho. Como a ocupação da vila ocorreu gradativamente, as pessoas foram demarcando seu lote conforme fosse conveniente, respeitados certos limites, uma vez que sua situação é de ilegalidade. Assim, cada um demarcou para si o máximo de área que conseguiu, embora a maioria se sinta injustiçada com o que lhe coube. Cada família entende que a "cerca" do vizinho deveria estar um pouco mais pra lá.

A Prefeitura Municipal de Curitiba está promovendo, através da COHAB, um processo de regulamentação fundiária que vai resultar numa padronização dos lotes. Como existem lotes com mais de um domicílio, a expectativa em torno dessa questão acaba gerando desentendimentos e atitudes preventivas contra possíveis perdas no tamanho dos lotes. Como existem terrenos com mais de uma casa construída, os moradores temem que a divisão da área entre todos venha a provocar mudanças em sua delimitação. Discutem possíveis modos de evitar o problema, entre os quais não descartam a hipótese de que fossem atendidos os moradores mais antigos e remanejados os que tivessem se estabelecido mais recentemente. No entanto, todas essas possibilidades, pensadas genericamente, esbarram em particularidades incômodas, gerando uma profunda ansiedade entre eles e conflitos nas suas relações. Embora os técnicos da COHAB tenham

recomendado a não construção de muros até o encerramento do processo, eles os constroem na tentativa de que, erguendo muros mais sólidos, a prefeitura não mande destruí-los. Apostam na possibilidade de se tornarem proprietários de um lote cujas dimensões já foram estabelecidas, diminuindo o risco de serem forçados a ceder parte dele para dividir com outros moradores.

Construir um muro é a grande aspiração dos moradores da vila, particularmente daqueles que dispõem de uma situação financeira relativamente vantajosa e têm suas casas em melhores condições. É também um dos pontos de conflito, principalmente quando o vizinho é alguém que não pode ou não quer dividir os custos de algumas melhorias. Nesses casos, o vizinho é acusado de oportunista, de querer tudo de graça, de não se esforçar para "melhorar de vida".

O "muro", elemento simbólico que inspirou este estudo, é um fator importante no universo cotidiano dos moradores da Vila Carvalho. Porém, o muro que os preocupa não é aquele que cerca o condomínio de luxo construído no outro lado da rua, mas aquele que não conseguem erguer em volta de suas próprias casas.

Como os moradores antigos de São Braz, os moradores da Vila Carvalho não falam sobre os condomínios fechados, particularmente sobre o Fortezza di Firenze, do qual estão separados apenas por uma rua. Neste caso, contudo, existe muita desconfiança. Durante as entrevistas feitas com os moradores das vilas, como não entendiam exatamente a que se destinavam as perguntas, mostravam-se confusos e contraditórios. Dada sua situação de ilegalidade na posse dos terrenos que ocupam, temiam tratar-se de uma investigação que tivesse por objetivo tirá-los dali. Assim, temem a COHAB e os moradores do condomínio em frente, os quais, segundo comentários que não conseguem precisar de onde partiram, estariam querendo expulsá-los do lugar, porque os barracos enfeiam suas casas. Nos seus relatos, parecem

responder ora a um técnico da COHAB ora a um agente dos moradores em frente, como no relato seguinte:

Uma época eles [moradores do condomínio] falaram de tirar nós daqui. Eles são egoístas, só pensa neles, não pensa nos outros. Aí a COHAB entrou e falou: "aqui não. Aqui já foi passado pra COHAB. Aqui só falta medir direitinho, pra gente murar". Depois já vem o carnê pra gente pagar. Aqui, bem dizê, tá tudo legalizado, já (sobre a veracidade de os moradores do condomínio quererem que saiam dali).

Tem um vizinho nosso que já trabalhou ali [no condomínio] de porteiro, mas não parou muito tempo. É daqui, né? Daí eles tiraram. A mulher dele falou que foi feito até abaixo assinado para tirar ele dali, descobriram que ele morava na favela, daí tiraram ele. As mulhé tiraram. É assim. O que elas querem elas consegue. Junta a turminha deles lá. (sobre a ocorrência ou não de pessoas da vila empregadas no condomínio).

Não, pra nós não, não tem nada a ver. Eles [os moradores de condomínio] fizeram a vida deles lá, fecharam, tão lá. Não tão mexendo com nós aqui. Não tão mexendo, nada. Eu não tenho reclamação nenhuma no caso, né? (sobre em que medida a construção do condomínio ajudou ou prejudicou os moradores da vila). (Inês, 27, dona de casa).

Contradições como essas perpassam a fala da maioria dos moradores da Vila Carvalho, bem como de pessoas de outras vilas próximas, como é o caso da presidente da Associação dos Moradores da Vila Maria, cuja residência está localizada junto ao muro (nos fundos) de um outro condomínio (Fortezza di Gênova) situado nos arredores. Apesar de expressar um pensamento mais articulado e coerente quando trata da questão dos condomínios, também constrói um discurso permeado de contradições.

Eu gostaria que viesse alguém daquele ou desse conjunto [condomínio] para falar comigo, porque nós não sabemos quem mora ali, nem eles quem mora aqui, né? E eles têm medo do pessoal sabe? Nós não sabemos se mora gente ou mora bicho dentro disso ali. Olhe, sinceramente, eu nunca vi coisa igual, sabe? Esse conjunto aqui quando eles jogam bola pra cá [através do muro], eles vêm em quatro, cinco. Eles não têm coragem de vir um, dois. E ainda chegam assim, de longe, sabe? Falando comigo de longe: "por acaso não caiu uma bola?" Pensando decerto que mora aqui bandido ou marginal. O que é isso? E... "em outra ocasião: deve ter gente boa lá dentro, mas eles têm medo da gente, né? Mas também, a gente não tem medo de outros? (Amantina, presidente da Associação dos moradores da Vila Maria)!

É interessante ressaltar que apesar da ambigüidade do seu discurso, esta moradora reconhece, nos moradores de condomínio, agentes com os quais é possível estabelecer relações sociais. Ela gostaria que alguém do condomínio viesse lhe falar e, nesse sentido, se reconhece como sujeito de uma relação. No entanto, para os moradores da Vila Carvalho, de modo geral, os moradores do condomínio estão lá, formando um grupo à parte e socialmente

foto 14

distante. Os moradores da vila não vislumbram nenhum contato com esses moradores, afirmando que estão cada um na sua. Consideram-se diferentes daqueles que estão do lado de dentro dos muros, e isso se expressa quando dizem: aqui nós se dá com todo mundo. O "todo mundo" é a vila, são os iguais. O condomínio é um outro universo, do qual eles não participam.

Contudo, ainda que essa condição lhes pareça absolutamente normal, constroem-se com a possibilidade de os moradores do condomínio confundirem-nos com "marginais" e "vagabundos". Há uma necessidade muito grande de mostrar que ali só moram trabalhadores e pessoas sérias. Salientam a todo instante que, apesar de alguns serem muito pobres, são todos trabalhadores. De fato, o número de pessoas desempregadas entre eles é pequeno, e na maioria dos casos em que isso ocorre a pessoa encontra-se procurando emprego. Os moradores mais pobres são peões da construção civil ou diaristas domésticas.

Note-se que a ambigüidade do seu discurso relaciona-se, também, com o tipo de agente a quem ele se destina. Quando os moradores da Vila Carvalho são abordados a respeito da questão da habitação e da terra, a reação é sempre no sentido de ressaltar o grupo enquanto unidade coletiva. Para os "outros" eles aparecem com a imagem de um só sujeito. O grupo é referido pela expressão "nós". Os outros, no caso os moradores de condomínio, são "eles". Essas pessoas que tão aqui, são gente boa, eles não bayunça, não são ladrão, são tudo gente pobre que trabalha, são trabalhador. São tudo gente que luta, que as mulhé os marido tudo sai pra trabalhar, saem cedo e chega de noite. Não tem nenhum vagabundo, nenhum bêbado, nenhum ladrão, nada disso". (Vitalina, 45, cozinheira)

Esse discurso genérico é o código discursivo que os identifica enquanto grupo. Todo grupo social tem uma versão de si mesmo, uma imagem que cultiva e

difunde.¹⁷ Todos na vila estão ligados à mesma sorte; todos dependem de uma decisão do poder público, sobre o qual não têm nenhum controle. Desse modo, a expressão "todo mundo" significa uma comunidade de vizinhos ligados por interesses e expectativas comuns, nos quais está assentada a base da sua identidade. Não é, portanto, a mera continuidade espacial o que lhe empresta esta condição, ainda que o espaço urbano seja a base sobre a qual repousam as circunstâncias de conflito que propiciaram aquela união. Uma condição de conflito aproxima os membros tão estreitamente e os sujeita a um impulso tão uniforme que eles precisam concordar ou se repelir completamente.¹⁸

Enquanto para "fora", para a esfera pública, o discurso é articulador e homogeneizador, revelando a unidade e identidade daquele grupo social, a trama de relações que se desenvolve internamente, no cotidiano, evidencia conflitos e particularidades típicos das relações humanas, principalmente quando se trata de sujeitos em intensa relação social. O indivíduo, para Simmel, não alcança a unidade de sua personalidade exclusivamente através de uma harmonização exaustiva [...] a contradição e o conflito, ao contrário, não só precedem esta unidade como operam em cada momento de sua existência. É claro que provavelmente não existe unidade social onde correntes convergentes e divergentes não estão inseparavelmente entrelaçadas. Um grupo absolutamente centrípeto e harmonioso, uma "união" pura não só é empiricamente irreal, como não poderia mostrar um processo de vida real.¹⁹

O discurso globalizante que serve para sensibilizar o agente externo e unificar o grupo é a síntese social de uma série de intrigas, reconciliações, desconfianças e concessões que compõem a experiência cotidiana. Esta nada mais é que a produção e atualização das diferentes identidades que se formam no interior de um determinado grupo social.

¹⁷VOGUEL, Arno (Coord.). Quando a casa vira rua. Rio de Janeiro, FINEP, 1981, 2ª ed. p.84.

¹⁸MORAIS FILHO, Evaristo (Org.). Simmel : sociologia. São Paulo : Ática, 1983, p.124.

¹⁹MORAIS FILHO, p.124.

Na Vila Carvalho, observa-se que ao mesmo tempo em que as pessoas se identificam enquanto um grupo coeso em torno da questão da terra, internamente ocorre a formação de vários grupos voltados a certos interesses. A articulação que existe para a obtenção de melhorias urbanas no bairro - particularmente para a construção do esgoto - é um bom exemplo. O grupo de moradores com melhor situação financeira quer providenciar o manilhamento do córrego que atravessa a vila. Para isso, é preciso que os moradores façam um desembolso financeiro, porque esse é um serviço cobrado aos usuários pelo governo do Estado, através da empresa estadual de saneamento (SANEPAR). Os custos diminuiriam bastante se todos colaborassem, mas nem todos querem ou podem fazê-lo, o que resulta num conflito. Os que querem e podem arcar com tais benfeitorias referem-se aos outros com insultos e, indignados, afirmam que só deveriam permanecer na vila aqueles que têm condições de assumir o custo das melhorias necessárias no lugar.

Eu fiz aqui bonitinho, estou tentando arrumá melhor porque ainda não tá tudo arrumado como eu quero, não tá. Agora, aquelas pessoas que não pode fazer isso, então eles tira, dão um outro lugar prá pessoa morá (Vitalina, 45, cozinheira).

Ou então: já podíamos ter manilhado tudo ali, mas é muito caro. Podia-se fazer um esquema de cobrar de todo mundo um pouco por mês, mas muitos não querem. Achan que a prefeitura é que tem de dar tudo de graça. Então nós não vamos fazer pra esses vagabundos (Vilmar, 34, mestre de obras).

O fato de residir lado a lado não significa, por si só, que as pessoas vivam uma relação de identidade social. A identidade é uma situação social que resulta de um processo de interação, no qual os indivíduos aproximam-se em razão de interesses comuns, no sentido de se diferenciarem de grupos com outros interesses. Não existe apenas uma identidade numa relação social, mas tantas quantos forem os interesses dos indivíduos. É pela possibilidade da identidade, produzida através de um processo de comparação, que a interação se realiza.

Os conflitos, contudo, não excluem a solidariedade. Aliás, se entre os pobres não houvesse solidariedade, com certeza não sobreviveriam. Por outro lado, entre os pobres, como de resto entre pessoas de qualquer classe social, nas sociedades capitalistas, em que o dinheiro está na base das relações entre os homens, a solidariedade costuma ser maior quando for menor a necessidade de desembolsos financeiros. Ocorre, por exemplo, de as mulheres da Vila Carvalho reunirem-se para arrecadar fundos junto aos moradores do bairro, de um modo geral, para custear a cirurgia de uma senhora idosa, sem recursos. Solicitam ajuda entre os moradores do bairro, promovem bingos, etc. Contudo, despender, os próprios moradores das vilas, uma quantia em dinheiro para comprar um remédio caro para uma criança doente, por exemplo, constitui uma dificuldade muito maior. O dinheiro é escasso e bastante comprometido, para esses moradores mais pobres. O mesmo não acontece, no entanto, se o remédio for para um membro da família. Nesse caso, faz-se o sacrifício. Teresa Caldeira já observou que não devemos nos enganar, quanto à relação entre vizinhos: não se trata de uma relação íntima e menos ainda necessariamente fraterna ou solidária como a que é mais comum entre os membros da família: trata-se de uma relação social específica que é de vizinhança. O vizinho, analogamente ao que ocorre com o espaço do bairro, está numa situação intermediária; não é nem desconhecido nem íntimo, é tratado com o respeito que corresponde a uma certa distância, mas não merece a frieza e a reserva que se dispensa a um estranho.⁸⁰

A família aparece, sem dúvida, como a unidade social por excelência. As relações aí são mais íntimas e profundas. Entre os parentes, é permitido partilhar certas coisas que certamente não seriam partilhadas com os vizinhos. Isso se mostra ainda mais

⁸⁰CALDEIRA, Teresa Feres do Rio. A política dos outros : o cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos. São Paulo : Brasiliense, 1984, p. 120.

verdadeiro nos casos em que as relações são restritas ao âmbito das relações entre pais e filhos. Assim, se entre vizinhos é difícil um acordo quanto à divisão de um palmo de terra, pais e filhos adultos dividem um terreno onde erguem tantas casas quantas forem necessárias ou possível de ser construídas. Não ocorre, na Vila Carvalho, um só caso de haver várias residências num mesmo terreno em que essas não sejam de parentes. Os conflitos, como não poderia deixar de ser, estão presentes, mas ocorrem em torno de questões que se apresentam de modo diferente do que se dá em outras relações.

Simmel considera o conflito familiar como sendo de um tipo sui generis. Sua causa, sua acentuação, sua propagação a não participantes, sua forma, assim como a forma de reconciliação, são exclusivas e não podem ser comparadas a traços correspondentes de outros conflitos, porque a rixa familiar se dá com base em uma unidade orgânica que se desenvolve através de milhares de conexões internas e externas.²¹ Simmel entende que prevalecem, nas relações familiares, dois tipos de situação: por se tratar de um grupo muito unido, pode suportar oposições internas sem sofrer ameaças de divisão; mas, exatamente em função dessa unidade, pode estar ameaçado por parte de cada conflito interno. Tudo irá depender de que o vigor das forças sintéticas possa competir com o vigor de suas antíteses.²² A família, no entanto, constitui um grupo social que tem se preservado dos conflitos parciais. Na nossa sociedade, onde não são assegurados os direitos ao exercício da cidadania, a família cumpre a função de preservar um mínimo de segurança material e amparo psicológico para o crescimento e desenvolvimento dos indivíduos.

As famílias que residem na Vila Carvalho lutam, todos os dias e a seu modo, contra as adversidades, para garantir a sobrevivência dos filhos e o direito destes à vida. O que possuem é tudo o que

²¹MORAIS FILHO, p.144.

²²MORAIS FILHO, p.142-7

suas condições pessoais permitem obter. Engels observou que qualquer trabalhador preferirá habitar uma pocilga a estar desabrigado, andar esfarrapado a não ter roupas, só comer batatas a morrer de fome. Preferirá, enquanto espera por melhores dias, contentar-se com meio salário a sentar-se sem dizer nada na rua e morrer na frente de todo mundo, como já aconteceu a mais de um indigente. Este pouco, este melhor do que nada, é pois o salário mínimo.²³

Com a pequena renda mensal que recebem, poucas coisas lhes restam além do trabalho. Com exceção de alguns passeios nos parques da cidade, particularmente no Parque Barigüi, pela proximidade deste com o bairro, os moradores da Vila Carvalho vivem praticamente para o trabalho. A atividade que mais vem crescendo entre eles é a prática de alguma seita religiosa, entre as várias que têm surgido no bairro, às quais os moradores fazem referência sempre com cautela. É comum afirmarem que são católicos e depois revelarem praticar uma ou outra seita religiosa, da qual afirmam obter muito "conforto".

Os moradores da Vila Carvalho não reconhecem qualquer vínculo entre São Braz e os moradores italianos antigos. Para eles, o morador mais antigo do bairro é dona Ema, uma senhora que há mais ou menos 17 anos mora na vila.

É interessante observar, também, que esses moradores não freqüentam a Sociedade Beneficente São Braz, a qual, segundo os moradores antigos, passa por um processo de decadência, por ter aberto as portas para os "arruaceiros" das vilas, como já se observou no item anterior. A maioria das pessoas adultas da Vila Carvalho, quando casadas, não têm o hábito de sair para dançar. O número de solteiros, na vila, é pequeno, e estes costumam freqüentar danceterias, no centro da cidade.

²³ENGELS, Friedrich. A situação da classe trabalhadora na Inglaterra. São Paulo : Global, 1986. p.95.

Essas ambigüidades expressas pelos dois grupos dão uma idéia do tipo de recorte que ocorre na rede de relações pessoais num determinado espaço urbano. Como as relações não incluem todos, cada rede de relações cria e recria uma imagem de si e dos outros, a qual não corresponde, necessariamente, ao real. O real e o imaginado fundem-se, formando concepções através das quais interpretam o cotidiano complexo e portanto difícil de ser racionalizado..

4.3 OS MORADORES DOS CONDOMÍNIOS FECHADOS

Os condomínios fechados Celeste Residências e Fortezza di Firenze foram escolhidos entre os demais existentes no bairro em razão de sua localização, próximo aos outros grupos de moradores. Como os demais condomínios, constituem modelos de ocupação residencial que contrastam com as características ocupacionais do entorno onde foram construídos. O Celeste Residências foi construído em 1990, à rua Antônio Escorsin, quase na esquina da rua Toaldo Túlio, onde haviam habitado os primeiros moradores, no início da ocupação do bairro (ver capítulo 2). O Fortezza di Firenze foi construído em 1987, à rua Ludovico Lucca, em frente à ocupação popular - realizada ilegalmente em área da Prefeitura Municipal de Curitiba - conhecida como Vila Carvalho, analisada no capítulo anterior.

Ambos os casos permitem inferir que se está diante de situações espaciais estratégicas para melhor observar e entender as relações que se estabelecem entre os três grupos do bairro de São Braz.

O condomínio Celeste Residências possui 24 casas. Na ocasião das entrevistas,²⁴ havia dez unidades ainda vazias.²⁵ O tamanho médio das casas é de 100m², podendo-se classificar as famílias residentes como sendo de classe média-média, cujas rendas, na maioria dos casos, resultam do trabalho assalariado em cargos de certa responsabilidade, em empresas privadas e no setor público. Também existem trabalhadores autônomos como vendedores, comerciantes e aposentados (esses últimos eram dois casos apenas). A maioria das famílias é constituída de casais jovens, com idade entre 25 e 45 anos, cujos filhos não ultrapassam a idade de 16 anos, predominando crianças com até 9 anos de idade. Esse último dado justifica o fato de terem optado pelos condomínios fechados, a saber, a questão da segurança das crianças.

A maioria das famílias residentes no condomínio Celeste Residências veio de outros estados, particularmente do Estado de São Paulo e da capital. Algumas delas já haviam morado em outros bairros de Curitiba antes de mudar para São Braz. Das quinze residências ocupadas na época da pesquisa, quatro o eram por famílias de Curitiba,²⁶ sendo uma delas ocupada por filhos de descendentes de antigos moradores do bairro.

A questão da procedência das famílias principalmente é um aspecto relevante no relacionamento que se estabelece entre os moradores, neste e em outros condomínios. A participação dos moradores vindos de outros estados é tão significativa - particularmente dos que vêm da cidade de São Paulo - que nos condomínios eles são chamados de "os paulistas".

²⁴Entrevistas realizadas em agosto de 1991.

²⁵A construção do condomínio teve início em 1989, sendo que as casas foram entregues em 1990. A Construtora Casteval, realizadora do empreendimento, costuma construir e entregar as unidades habitacionais dos seus condomínios sem esperar que todo o conjunto de residências esteja construído, para oferecê-las.

²⁶Famílias residentes há mais de 10 anos em Curitiba.

foto 15

Isso acontece, também, no Fortezza di Firenze. Neste caso, são apenas dez residências, onde predominam, do mesmo modo, famílias vindas de outros estados. As famílias moradoras são jovens, e a maioria tem filhos ainda pequenos. As rendas das famílias são mais altas, embora as ocupações sejam semelhantes às encontradas no Celeste Residências. Contudo, sua inserção no mercado é diferenciada. Existem assalariados tanto do setor público como do privado, mas esses ocupam posições de maior destaque. São engenheiros, geógrafos, aeronautas, analistas de sistema, representantes comerciais, empresários, cujas rendas possibilitaram a aquisição de imóveis com áreas que variam de 200 a 260m².

Ressalte-se que a posse do imóvel, nos dois condomínios, é condição predominante de sua ocupação. Todos os condomínios possuem uma área comum com certos elementos básicos, tais como: portaria, salão de festas, churrasqueira, sala de jogos, parquinho infantil, entre outros. O Fortezza di Firenze, além desses equipamentos, possui um bosque de 3.000 m² e uma série de elementos construtivos mais sofisticados que o tornam um condomínio de luxo, habitado por famílias aqui consideradas como pertencentes à classe média-alta.

Os moradores do Fortezza di Firenze, como os do Celeste Residências, optaram por morar em condomínios fechados especialmente em razão da segurança e da liberdade para os filhos, das quais não dispunham nos reduzidos espaços de apartamentos. O condomínio é a situação ideal para quem pretende aliar segurança e liberdade dos filhos. O bem-estar dos filhos, aliás, aparece como uma questão muito forte na fala dos moradores dos dois condomínios, o que, de certo modo, coloca uma indagação: não estariam os pais querendo reproduzir, dentro dos condomínios, o ambiente social mais íntimo e seguro que dizem ter experimentado na infância? Todavia, a busca de uma convivência mais íntima, mais

prospecto

foto 16

comum, não é citada uma única vez como motivo de sua preferência por esses tipos de residências. Somente quando são convidados a fazer uma apreciação em relação ao fato de não existirem muros em frente às residências é que observam ser este um elemento que facilita as amizades. Se a busca de uma convivência mais comum não é lembrada, o mesmo não ocorre com a questão da privacidade. A privacidade é um elemento sempre colocado e parece constituir condição fundamental para assegurar o bom relacionamento entre os vizinhos. Por outro lado, dada uma certa dificuldade, por parte dos moradores, em delimitar o que seja privacidade, ocorrem alguns conflitos. Muitos dos desentendimentos entre vizinhos ocorrem porque uns se negam a cumprir certas normas impostas pelo condomínio para assegurar a convivência do grupo. Há, ainda, os que consideram não haver diferença significativa entre a conduta de moradores de apartamentos e de condomínios: é só "boa dia, boa tarde".

Observa-se que a tendência à desestruturação das relações vicinais que acompanham as sociedades urbanas industriais não são minimizadas com experiências ou construções desse tipo. Os moradores, desse modo, organizam-se em torno de alguns interesses comuns, mas exteriores a si mesmos. São interesses pertinentes à preservação de suas condições de habitabilidade, interesses estes por demais efêmeros e superficiais para assegurar a criação de relações mais íntimas, como as que ocorriam nas sociedades menos complexas ou nos grupos sociais mais coesos, como era o caso dos moradores de São Braz, no início da sua ocupação. De onde se conclui que a existência do muro que serve para demarcar o espaço do condomínio, bem como a ausência de muros entre as casas, no interior do condomínio, não são fatores suficientes para criar uma convivência diferente da que existe externamente a esse espaço.

A privacidade é um valor que corresponde a um padrão de convivência da sociedade moderna, e que se impõe, haja muros ou não. Assim, onde o muro não existe materialmente, ele é admitido idealmente.

A sociedade moderna, como de resto qualquer outra formação social, cria exigências de relações compatíveis com ela. Um homem diferente acaba resultando desse processo. Jean Baudrillard fala de uma mutação fundamental na ecologia da espécie humana. Para ele, os homens da população não se encontram rodeados, como sempre acontecera, por outros homens, mas mais por objetos (...) existimos segundo o seu ritmo e em conformidade com a sua sucessão permanente. Atualmente, somos nós que os vemos nascer, produzir-se e morrer, ao passo que em todas as civilizações anteriores eram os objetos, instrumentos ou monumentos perenes que sobreviviam às gerações humanas.²⁷

Por conta disso, as mutações sociais são rápidas, as informações generalizadas, a recreação e o lazer são realizados fora do espaço doméstico e mesmo as distrações que se dão na intimidade da família ocorrem, principalmente, através dos veículos de comunicação que colocam todos os indivíduos, do mais rico ao mais humilde, num contexto social amplo e complexo, enfraquecendo os laços de coesão vicinal. Esse é o real urbano, e ele chega, como lembrou Wirth, onde quer que chegue sua influência.

O homem urbano tem menos necessidade da companhia de vizinhos imediatos. As companhias se dão antes por afinidades que por uma simples questão de proximidade. Isso vale para qualquer tipo de ocupação urbana, mesmo para os condomínios, onde a delimitação bem marcada do espaço inspira a idéia de intimidade. Embora a amizade entre vizinhos não constitua, entre eles, um objetivo a ser perseguido, a quase totalidade dos entrevistados aprecia o fato de manter boas relações com algum vizinho e, quando isso não acontece,

²⁷BAUDRILLARD, Jean. A sociedade de consumo. Rio de Janeiro : Edições 70, 1991. p.15 e 16.

lastima o fato. Foram poucos os casos em que as pessoas entrevistadas explicitaram uma opção pelo isolamento. Entretanto, declarações desse tipo, ainda que raras, foram observadas não só entre os moradores de condomínios fechados, mas em outros locais do bairro, e não só entre pessoas de renda alta, mas também entre moradores da classe média-baixa. O motivo alegado é o receio da perda da privacidade, entre os mais ricos, e, entre os mais pobres, a necessidade de isolamento em relação aos vizinhos, considerados, por alguns, socialmente inferiores. Ainda assim, estas declarações parecem constituir uma meia-verdade, pois ao mesmo tempo em que essas pessoas optam por uma vida familiar mais reservada, elogiam e apreciam o fato de as relações se darem de outra forma entre as crianças. Expõem com orgulho o fato de seus filhos agirem de forma diferente. A maioria absoluta dos moradores de condomínios aponta a socialização da infância como algo positivo. As crianças vivem por aí, uns na casa dos outros, entram e saem o dia inteiro. Brincam e brigam mas estão sempre juntas (Gecilvia, 30, Representante Comercial, Fortezza di Firenze).

Pensando assim, podem estar expressando também as formas culturais herdadas do passado. A maioria desses adultos lembra de sua infância sob outro estilo de vida, em que predominava um tipo particular de relacionamento, independentemente de virem da zona rural ou urbana. É preciso considerar que o urbano de 30 ou 40 anos atrás, no Brasil, não se parecia em nada com o urbano de hoje. Na memória individual da maioria dessas pessoas, está registrada uma experiência de convivência social muito diferente da que vivenciam hoje, à qual parecem não estar absolutamente adaptadas, tal qual os moradores antigos de São Braz com relação ao bairro de hoje. Por conta, talvez, dessa herança cultural, percebe-se que ao nível individual a situação apresenta-se um tanto frustrante. Embora se

aspire à privacidade e o distanciamento seja típico da sociedade urbana, o sentimento individual em relação a isso parece ser de desagrado, mais que de satisfação.

A vida em contato e o trabalho em comum de indivíduos sem laços sentimentais ou emocionais desenvolvem um espírito de concorrência, engrandecimento e exploração mútua. Para neutralizar a responsabilidade e a desordem em potencial, surge a tendência de se utilizarem controles formais. Sem a aderência rígida a rotinas previsíveis, uma grande sociedade compacta dificilmente seria capaz de sustentar a si mesma. O relógio e o sinal de trânsito simbolizam a base da nossa ordem social no mundo urbano. Contato físico estreito frequente, aliado à grande distância social, acentua a reserva de indivíduos não-ligados entre si e, a não ser que seja compensada por outras oportunidades de reação, dá origem à solidão.²⁸

Não se pretende, com isso, sugerir que os moradores de condomínio sejam infelizes e solitários, nem se quer inferir que só nos condomínios fechados haja um distanciamento nas relações sociais. O que se pretende mostrar é que tanto no interior como fora de condomínios vive-se sob um mesmo padrão de relações sociais, típicas da sociedade urbana industrial, e que o auto-isolamento de grupos como os dos condomínios fechados em nada altera o padrão geral, constituindo apenas estratégias para melhor se desenvolver no interior desse contexto.

Tanto no Fortezza di Firenze como no Celeste Residências, mas particularmente no primeiro, conseguir um encontro com um morador não foi tarefa fácil. E não se tratava apenas de restrições a entrevistas, o que aliás seria compreensível, mas das dificuldades resultantes das diversas tarefas a que estão submetidos todos os membros da família. O chefe da família trabalha o dia inteiro. A esposa, quando não trabalha fora, dedica-se não só às tarefas domésticas, para as quais normalmente possui empregados, mas principalmente às intermináveis idas e vindas com os filhos ao colégio, às aulas de natação, de inglês, de xadrez, do judô, karatê, etc., além das atividades pessoais (ginástica, yoga, cabeleireiro,

²⁸WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. In : VELHO, Otávio Guilherme (Org.). O fenômeno urbano. 4.ed. Rio de Janeiro : Zahar. 1979. p.112.

massagista, analista, entre outras). Tanto é que os condomínios, durante os dias úteis da semana em período de aula, são silenciosos e parecem vazios, como em geral são os bairros das cidades, particularmente os burgueses, onde não existem atividades econômicas. Que se dirá dos domingos, quando fugir de casa constitui o ritual máximo de celebração do lazer na sociedade moderna?

A indústria cultural, como disse Adorno, utiliza até o ócio do homem para mecanizá-lo, tornando a diversão e o lazer um prolongamento do trabalho.

Não se quer aqui negar potencialidades dessa forma de organização social, mas há que descobri-las e desenvolvê-las. A crise psicológica e moral do nosso tempo deve-se, em grande parte, à rapidez com que a revolução industrial ergueu sua nova organização, sem dar tempo para serem percebidas as implicações psicológicas e morais das mudanças por ela acarretadas.⁸⁹

Dentro dessa organização mais geral que age soberana sobre os homens estão os indivíduos em relação, cujas trajetórias sócio-culturais lhes facultam, através de um sistema de símbolos típicos do seu meio, interpretações e valores culturais que vão moldando o conteúdo social da realidade. Nesse sentido particular, não seria o caso de resgatar a individualidade e entendê-la não como uma categoria residual mas como fundamental na organização de um determinado grupo social?

Essa colocação ajuda a entender as diferenças que aparecem no interior de grupos aparentemente homogêneos, como é o caso dos condomínios. Gilberto Velho demonstrou, por meio de vários estudos junto à classe-média que, dentro de um universo que segundo critérios sócio-econômicos como renda

⁸⁹HANNHEIM, Karl. Diagnóstico do nosso tempo. 3 ed. Rio de Janeiro : Zahar, 1973. p.195.

e ocupação poderia ser visto como homogêneo, encontram-se as fortes descontinuidades em termos de ethos e visão de mundo.³⁰

São as experiências particulares vividas que vão fornecer o substrato para a formação da identidade dos indivíduos e dos grupos sociais.

O grupo de moradores dos condomínios, apesar de homogêneo em termos de renda, não se revela homogêneo quando são confrontadas as interpretações e visões de mundos particulares. Não é por acaso que, no interior desse grupo de moradores, acabam surgindo subgrupos, que são a expressão das relações humanas em processo de criação da identidade.

A existência das "panelinhas", tão mencionadas pelos moradores dos dois condomínios, é resultado dessa necessidade que os indivíduos têm de criar identidades, formando subestruturas sociais dentro das quais podem liberar seu potencial humano e criativo. Pertencer a um grupo social, a uma categoria social, qualquer que seja ela, valoriza o indivíduo naquele contexto.

Entre as "panelinhas" citadas pelos moradores dos condomínios, é interessante citar a dos "paulistas" e a dos "curitibanos". Os primeiros, por não terem criado, ainda, uma rede de relações na cidade, costumam promover reuniões, churrascos, entre si. Nesse sentido, incluem a maioria dos moradores que vieram de outras cidades. Para eles, os "curitibanos" são muito frios e distantes. Os "curitibanos", por sua vez, têm uma rede de relações sociais já construída na cidade. Normalmente, possuem outros membros da família morando na cidade e com eles mantêm maiores vínculos, promovendo encontros nos dias de folga. Como vêem pouco os moradores que vieram de outras cidades, deles se distanciam, considerando-os,

³⁰VELHO, Gilberto. Individualismo e cultura : notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro : Zahar, 1981. p.41.

da mesma forma, frios e distantes. Para os "curitibanos", os "paulistas" têm medo de se relacionar com as pessoas por sentirem desconfiança, uma vez que vieram de uma cidade muito violenta. Chegam a essa conclusão, entre outros motivos, por observarem que as casas dos "paulistas", mesmo dentro dos condomínios, possuem grades e alarmes.

As "panelinhas", no entanto, longe de representarem um impedimento para a fluência das relações sociais do grupo como um todo, pressupõem a existência de vida social. Isso significa que os indivíduos possuem idéias definidas sobre certas questões e, em torno delas, desenvolvem sua prática cotidiana. Ambientes excessivamente cordiais podem ser reveladores de indiferenças ou indefinições em relação ao meio social, seja este geral ou restrito. Quando as práticas e crenças se tornam mais indefinidas, menos espaço deixam para as divergências.

Estereótipos criados por um grupo sobre outros são comuns na sociedade, de um modo geral. O moradores antigos de São Braz também constroem uma imagem dos moradores de condomínio, que pode não corresponder exatamente à realidade. Segundo os antigos, os moradores dos condomínios não utilizam o bairro para nada. Saem e entram de carro, trabalham e fazem compra no centro e ninguém os vê. No entanto, tanto os moradores do Celeste Residências como os do Fortezza di Firenze utilizam a estrutura do bairro, embora esta ofereça, de fato, poucas opções. Com exceção da escola para os filhos, que eles buscam em outros bairros mais centrais, nos colégios particulares que já têm reconhecimento consolidado, têm os mesmos hábitos que a classe média do bairro que mora fora dos condomínios. O pão, a carne, produtos de supermercado ocasionais, objetos de armarinhos, são comprados no próprio bairro. Compras de supermercado maiores (as compras do mês) são realizadas no Supermercado Carrefour - localizado entre o centro e o bairro -,

conhecido por oferecer bons preços. Sapatos e roupas são adquiridos nas lojas do centro da cidade. Além disso, utilizam muito a estrutura de serviços de Santa Felicidade. Ainda que o automóvel facilite o acesso dos moradores de condomínio às estruturas de serviço fora do bairro, e eles assim o façam por comodidade, seu esquema de abastecimento doméstico é muito semelhante ao de qualquer outra família de classe média do bairro. O que difere fundamentalmente, nessa questão, é a relação pessoal que cada grupo mantém com o bairro. Enquanto a relação de um morador de condomínio com a padaria, o açougue, o banco, se faz apenas de modo funcional, para os antigos moradores o dono do açougue, o da padaria, o do supermercado são seus parentes, amigos e compadres.

No que diz respeito às relações entre os moradores dos condomínios e os outros grupos sociais, é interessante mencionar que no caso dos moradores do condomínio Celeste Residências - localizado entre os antigos moradores do bairro -, aqueles não identificam nem reconhecem a existência de um grupo particular, como se fez aqui. Desconhecem a história do bairro. São Braz é, para os moradores de condomínio, um bairro como qualquer outro. Não existem os "italianos" e os "não-italianos". Como a maioria veio de outras cidades, o bairro não é sequer reconhecido no mapeamento social da cidade. Em Santa Felicidade, sim, reconhecem alguns elementos de identificação. Este é conhecido como o bairro dos italianos e dos restaurantes. Os outros bairros (São Braz, Batel, Jardim Social, Centro, etc.) ainda não lhes dizem muito. Tudo ainda é Curitiba. É necessário um tempo para que as pessoas atribuam ao espaço um significado social, tempo esse que não corresponde somente a uma unidade cronológica, mas a um processo de relação com as pessoas e o meio físico no qual essas relações se processam.

Embora os moradores do Fortezza di Firenze vivam, em linhas gerais, uma relação com o bairro semelhante à dos moradores do Celeste Residências, eles não podem ignorar um elemento importante: os moradores da Vila Carvalho. Quando o Fortezza di Firenze foi construído, a Vila Carvalho já existia. Esta, no entanto, não foi restrição para que ocorresse a venda dos imóveis no condomínio. Como isso foi possível? A maioria dos entrevistados moradores do condomínio mencionou o fato de a construtora ter-se empenhado em tirar a favelinha dali.³¹ A confiança no sucesso dessa tentativa, por parte dos moradores, pode ter sido um fator importante para amenizar as restrições em relação à vila, no momento da compra do imóvel, mas essa observação é apenas uma suspeita. No condomínio, hoje, as pessoas não desconhecem o processo de legalização que tramita na COHAB-Curitiba, que resultaria no estabelecimento definitivo, ali, dos moradores da Vila Carvalho, e assim mesmo não pensam em se desfazer dos seus imóveis.

Quanto à apreciação que os moradores do Fortezza di Firenze fazem em relação à vila, ocorrem dois tipos de atitudes: algumas pessoas parecem ignorar o assunto e só falam a respeito quando são solicitadas, como fazem os moradores da Vila Carvalho em relação aos condomínios; outras se referem à vila como se pedissem desculpas, tal qual uma dona de casa que é surpreendida por uma visita quando a casa não está em ordem. Em ambos os casos, no entanto, a fala ocorre numa entonação que denota distanciamento. Observou-se, antes, que os moradores da Vila Carvalho também se referem aos moradores dos condomínios com um certo distanciamento. Todavia, enquanto a fala destes é marcada por uma certa reverência e desalento (eles podem, são ricos, estão certos em se fechar lá, se juntam lá e conseguem tudo), a fala daqueles é marcada pela

³¹Este fato foi confirmado pelo proprietário da Fortofino Engenharia e Empreendimentos. Ele havia proposto a compra desta área ocupada ou a troca por uma outra maior, para que fosse feita a transferência das famílias. A prefeitura não aceitou as propostas na ocasião, permanecendo ilegal, até o momento, a situação da posse daquela área.

condescendência (eles são pobres mas são trabalhadores, eles têm o direito de ter um teto pra morar, eu não faço nada para tirar eles dali, não). Uma moradora do condomínio observou que existe muito preconceito por parte dos moradores do condomínio em relação aos "pobres" da vila: você percebe o preconceito quando eles falam que "os pobres também são gente".

Algumas pessoas do condomínio disseram se relacionar com os moradores da vila. Uma senhora buscou, com uma moradora dali, um remédio caseiro; um outro morador do condomínio jogou futebol no campinho da vila; uma outra anda pelo bairro e conversa com as pessoas, entra nos barracos. Contudo, estas situações são ocasionais e não são recíprocas, o que de certo modo faz com que não se configure uma relação social. O que acaba ocorrendo é um reconhecimento, por parte dos moradores do condomínio, da existência daquelas pessoas, gerando uma relação que pressupõe os sujeitos "no seu devido lugar". Em vez da reciprocidade, a relação não ultrapassa os limites da tutela, ocorrendo um consentimento por parte de um grupo de pessoas em relação a outro. O morador do condomínio se regozija de entrar nos barracos em frente, de conversar com "aquelas pessoas", de jogar uma pelada com os moleques em frente, mas não se dá conta de que a mesma atitude não é permitida aos moradores da vila, que não são procurados sequer para realizar o trabalho doméstico em suas residências. Enquanto freqüentar a casa do pobre apresenta-se como um ato de despojamento, o contrário nem é cogitado, e, se acaso uma atitude dessas ocorresse por parte dos moradores das vilas, provavelmente seria considerada um ultraje. Um pode sair, entrar na vila e nas casas quando quiser, mas o portão que delimita seu espaço é fechado para o outro. Os filhos de ambos não brincam juntos, não freqüentam as mesmas escolas e a diferença de interesses entre os grupos impede a troca de idéias, de experiências.

foto 17

A interação social pressupõe uma troca entre indivíduos e, como toda troca, uma reciprocidade qualquer, fundada num tipo de linguagem. Para se falar em relação social, é necessária a existência de uma escala mínima de valores comuns. Essa pré-condição não existe entre os moradores da Vila Carvalho e os do condomínio. Ela pode até existir enquanto potencialidade em alguns indivíduos, mas a rígida estrutura social da nossa sociedade impede que isso aflore e se amplie. O que acaba acontecendo são contatos ocasionais estabelecidos com base na coação, pois prevalece a vontade e decisão de um grupo, que concede a outro momentos de aproximação. Esse consentimento, na maioria das vezes, faz parte de uma relação assistencial, ainda que assim não pareça ao sujeito que pratica a ação. Assim mesmo, no entanto, ela é uma relação positiva. Só quando o egoísmo não importa nem mesmo com o desejo de dominação; só quando o outro é absolutamente indiferente e um simples meio para finalidades que estão além dele, é que foi eliminada a última sombra de qualquer processo de socição³²

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No desenvolvimento do desfecho deste trabalho é interessante resgatar a questão inicial que o inspirou. Perguntava-se de que modo os pobres das vilas e os ricos dos condomínios fechados, em São Braz, conviviam diante de uma situação de extrema diferença social e proximidade espacial.

A idéia que essas imagens suscitavam era a de uma convivência conflituosa, dada a tendência de antagonismos entre classes sociais distintas, existente ao nível da estrutura social. No plano da prática cotidiana, porém, uma multiplicidade de elementos combinam-se para atenuar esta tendência. Não se quer, com isso, banalizar os antagonismos latentes entre aqueles grupos sociais, mas observa-se que esses são mediatizados por uma série de situações particulares, o que resulta numa convivência na qual os conflitos explícitos estão ausentes.

O morador do condomínio só fala sobre a favela em frente se estimulado a fazê-lo, o mesmo acontecendo com o morador da favela em relação ao condomínio. Os resultados da investigação permitem afirmar que a aparente "harmonia" entre dois grupos não é a expressão de relações consensuais entre eles, mas antes revela uma ausência de relações.

Uma moradora da Vila Carvalho afirma: aqui todo mundo se conhece, ao mesmo tempo em que diz não conhecer nenhum morador do condomínio fechado em frente à sua casa. As expressões "aqui" e "todo mundo" designam, portanto, uma dimensão que não é física, mas eminentemente social.

Enquanto esses novos grupos de moradores no bairro (pobres e ricos) convivem cada um na sua, como expressou uma moradora da vila, o

mesmo não acontece com os moradores antigos do bairro. Durante muitos anos, estes viveram um modo de vida diferente, cujas relações pessoais caracterizavam-se por estreitos laços de parentesco e compadrio. Com o crescimento do lugar, suas relações deixam de ser hegemônicas e seu estilo de vida já não pode ser reproduzido. Essas mudanças, vistas por eles como uma perda considerável, são atribuídas aos novos moradores, particularmente aos pobres, aos quais responsabilizam por todas as mazelas que acompanharam o progresso do bairro. Com a construção dos condomínios fechados, os antigos moradores foram nivelados, comparados aos que estão do lado de fora dos muros. Acabaram por se tornar, também, os pobres do lugar. Talvez por isso haja uma preocupação muito forte em demarcar sua identidade de morador antigo, visando diferenciar-se. Fazem reservas quanto ao estilo de morar dos moradores de condomínios, mas os ricos significam, para eles, a representação das relações sociais totalizadoras, ocupando um "lugar" onde todos na sociedade gostariam de estar, lugar aqui entendido como categoria social, e não espacial. Por isso, embora o rico seja também um morador novo, diferentemente do pobre ele não é responsabilizado pelas transformações negativas ocorridas no bairro.

Quanto às relações vividas no interior dos próprios grupos, observa-se que essas se diferenciam em cada um dos casos. Os moradores antigos ainda mantêm seus laços de amizade com parentes, amigos e compadres, mas essas relações limitam-se aos personagens antigos, pois as pessoas não conseguem reproduzi-las e estendê-las a outras pessoas nos moldes em que se davam. Seus filhos e netos, ainda que tenham herdado o antigo padrão de convivência, não o reproduzem com a mesma intensidade, construindo suas redes de relações a partir de outros vínculos (ligados ao trabalho, por

exemplo). Os moradores da Vila Carvalho, representativos, neste trabalho, dos moradores das vilas do bairro, mantêm suas relações baseadas em certos interesses comuns. O fator mais importante que os une é a questão da ocupação ilegal da terra onde construíram suas casas ou casebres. Nesse sentido, descobre-se, por exemplo, que o "muro" dos condomínios, elemento inspirador desta investigação, preocupa menos os moradores das vilas que o "muro" que eles não conseguem construir para delimitar seu pedaço de terra. Os moradores dos condomínios fechados - estes representados pelo Fortezza di Firenze e o Celeste Residências -, em função da forma de inserção no mercado de trabalho e da renda, têm maiores possibilidades de relações fora do condomínio e do bairro. Assim mesmo, as relações que mantêm no interior dos condomínios baseiam-se em certas afinidades e interesses. Observa-se, por exemplo, que o fato de ser ou não procedente de outras cidades constitui um elemento agregador e diferenciador entre os moradores. Os moradores de Curitiba que habitam os condomínios fechados possuem normalmente uma rede de relações consolidada e isso os distancia dos demais, que, na condição de novos na cidade, unem-se formando laços de amizade a partir do fato de não possuírem outros vínculos. Em todos esses grupos observa-se que a família é um elemento integrador importante, a partir do qual se reproduzem intensas relações sociais. Assim, a família, o trabalho e certos interesses pessoais são muito mais determinantes, no estabelecimento das relações sociais, que a simples proximidade espacial.

Todos esses grupos estudados, homogêneos em termos de representações e formas de lealdade (caso dos moradores antigos) e em termos de renda (como os pobres da Vila Carvalho e os moradores dos condomínios fechados) são, contudo, heterogêneos em relação aos

interesses em torno dos quais se articulam. Dessas divergências de interesses nascem os mais variados conflitos, os quais, por sua vez, não podem ser entendidos como desarticuladores das relações, uma vez que lhes são inerentes e, em cooperação com outras forças unificadoras, formam diferentes estruturas sociais no interior da estrutura social mais global.

Essas situações de cooperação e conflito não são apreendidas apenas pela leitura do espaço físico. O espaço permite a leitura da desigualdade social apenas em sua forma mais evidente, sendo, assim, insuficiente para desvendar a heterogeneidade e multiplicidade de relações que se estabelecem entre os grupos sociais classificados como homogêneos por critérios econômicos, ou mesmo no interior de cada grupo. Uma abordagem que possibilitasse desvendar essas formas de relações multifacetadas foi o que se tentou realizar neste trabalho.

ANEXO 1 - RELAÇÃO DAS PESSOAS ENTREVISTADAS NO BAIRRO DE SÃO BRAZ

RELAÇÃO DAS PESSOAS ENTREVISTADAS NO BAIRRO DE SÃO BRAZ

- 1 Vila Carvalho
- 2 Moradores antigos
- 3 Condomínios fechados
- 4 Moradores do bairro descendentes dos moradores antigos ou que com estes se casaram
- 5 Outros moradores do bairro

- . Acir Dallarmi - Comerciante de vinhos e mel, 53 anos (2).
- . Afonso Charnerski - Comerciante no bairro, 52 anos (2).
- . Alcemir Toaldo - Eletricista, 51 anos (4).
- . Almério Barros França - Funcionário Público Federal (geógrafo), 42 anos (3).
- . Amália Escorsin Toaldo - Dona de casa, 76 anos (2).
- . Amantina Vieira Custer - Professora aposentada e presidente da Associação de Moradores Amigos da Vila Maria (5).
- . Carla Schauff - Comerciante, 29 anos (3).
- . Cecília Lau Charnerski - Dona de casa, 77 anos (2).
- . Deise Valente da Silva - Dona de casa, 45 anos (3).
- . Divino Brito de Oliveira - Servente de pedreiro, 32 anos (1).
- . Dollores Mansur Escorsin - Comerciante aposentada, 64 anos (2).
- . Ema Alves de Freitas - Dona de casa, 66 anos (1).
- . Eurico Borges dos Reis - Empresário do ramo imobiliário. Proprietário da Portofino Engenharia e Empreendimentos Ltda. Está construindo sua residência no bairro.
- . Felomena Wojnarovcz - Professora aposentada, 80 anos (2).
- . Francisca Figueiredo de Souza - Professora aposentada, 79 anos (não reside no bairro atualmente).

- . Gecilda Balson - Representante Comercial, 30 anos (3).
- . Gemma Lucca Escorsin - Professora aposentada, 62 anos (2).
- . Geraldo Lenvandoschi - Aposentado (omitiu sua profissão anterior), 60 anos (3).
- . Gilberto do Amaral - Presidente da Sociedade Operária e Beneficente São Braz, 31 anos (4).
- . Graça das Chagas Lima - Dona de casa, 50 anos (4).
- . Gravino Ron - Comerciante no bairro, 62 anos (2).
- . Guilherme Charnerski - Lavrador aposentado, 81 anos (2).
- . Inês Chagas Lima - Dona de casa, 60 anos (2).
- . Inês Vasconcelos - Dona de casa, 27 anos (1).
- . Itália Narkosk Ross - Dona de casa, 59 anos (2).
- . Ivanir Leonardi - Pároco da Igreja de São Braz (5).
- . Jandira Boscardin Alessi - Secretária na Paróquia São Braz, 56 anos (2).
- . João das Chagas Lima - Militar reformado, 84 anos - reside hoje em outro bairro da cidade (2).
- . José Adalberto Wojnarovcz - Funcionário Público Estadual (contador), 54 anos. Reside no Bairro Orleans
- . José Lonin Chagas Lima - Motorista autônomo, 71 anos (2).
- . Loris Escorsin - Comerciante aposentado (2).
- . Maria Rita da Silva Almeida - Dona de casa, 25 anos (1).
- . Mariléa Aparecida da Cruz Tantas - Professora, 24 anos (5).
- . Marilene Regina de Almeida Reginato - Representante Comercial, 38 anos (4).
- . Milena Konvalazuk - Estudante, 16 anos (3).
- . Neide Reina - Dona de casa, 41 anos (5).
- . Nivaldo da Silva - Motorista, 30 anos (1).
- . Odete Cristian Marchanek - Dona de casa, 30 anos (4).
- . Osvaldir Benato - Empresário do ramo imobiliário - Proprietário da Construtora Casteval (não reside no bairro).

- . Roldão Inácio de Souza - Funcionário Público Federal (Setor de manutenção), 47 anos (4).
- . Sônia Zaniollo - Empresária do ramo madeireiro, 42 anos (3).
- . Sueli Martins da Silva - Empregada doméstica, 24 anos (1).
- . Terezinha - Proprietária de uma pequena imobiliária fora do bairro. Reside na rua Madalena Chagas Lima, 375 - 36 anos (5).
- . Urbano Cuman - Lavrador aposentado, 76 anos (2).
- . Vera Lúcia Castelhana Mittermayr - Dona de casa (3).
- . Vergínia Úrsola Dallabona Benato - Comerciante no bairro, 85 anos (2).
- . Vilmar Martins de Almeida - Mestre de obras, 34 anos (1).
- . Vitalina Escorsin Cuman - Dona de casa, 73 anos (2).
- . Vitalina Reis da Silva - Cozinheira, 45 anos (1).
- . Wanderley de Araújo - Empresário do setor de vigilância privada (3).

Deixo de citar aqui inúmeras pessoas do bairro, bem como técnicos da administração pública municipal que ali atuam. Embora os contatos mantidos com eles tenham sido ocasionais e não tenham obedecido um roteiro previamente estabelecido, foram importantes as informações que trouxeram a este estudo.

ANEXO 2 - MÉTODO AMOSTRAL

MÉTODO AMOSTRAL

Por se tratar de uma abordagem antropológica, este estudo dispensa parâmetros estatísticos na determinação do número necessário de entrevistas. Optou-se, no entanto, pela elaboração de uma amostragem probabilística para efeitos de comparação.

A seleção da amostra foi realizada pelo método de amostragem estratificada, cujos elementos em cada estrato foram obtidos segundo o critério de alocação ótima ou de Neymann.

A variável utilizada foi a do consumo de energia elétrica domiciliar no bairro de São Braz, obtido na Companhia Paranaense de Energia Elétrica do Paraná (COPEL).

Definiram-se como estratos quatro (4) faixas de consumo de energia elétrica dos domicílios, as quais correspondem às quatro faixas de renda utilizadas para efeito de análise nesta dissertação (ver capítulo 2).

Consumo de Energia Elétrica em KWh	Renda Domiciliar Correspondente em Salário-Mínimo	Classificação das Famílias
0 --- 50 KWh	0 --- 2 SM	Pobres
50 --- 200 KWh	2 --- 5 SM	Classe Média-baixa
200 --- 500 KWh	5 --- 10 SM	Classe Média-média
500 e mais	10 e mais	Classe Média-alta

O cálculo da alocação ótima em cada estrato foi obtido através do princípio intuitivo, segundo o qual onde for maior o número de elementos a amostra deverá conter um maior número deles. Além disso, dadas duas populações de mesmo tamanho, deve-se tirar menor número de informações das que apresentarem elementos mais homogêneos.

Como medida do grau de homogeneidade de cada estrato (faixa

de consumo), calculou-se o desvio padrão do consumo de todos os domicílios pertencentes àquele estrato.

Com base na expressão abaixo, calculou-se o tamanho da amostra.

$$n \geq K^2 \frac{\left\{ \left(\frac{\sum N_i \sigma_i^2}{\sum N_i} \right)^2 (N-1) + \left(\frac{\sum N_i \sigma_i}{\sum N_i} \right)^2 \right\}}{\left[E^2 (N-1) + K^2 \left(\frac{\sum N_i \sigma_i}{\sum N_i} \right)^2 \right]}$$

onde:

n - Tamanho da amostra;

K - Valor de Z da tabela da distribuição normal standard para um determinado nível de confiança;

N_i - Tamanho dos estratos (número dos domicílios por intervalo de consumo);

σ_i - Desvio-padrão de cada estrato ($i=1, 2, \dots, 4$);

N - Tamanho da população (total de domicílios no bairro de São Braz);

σ_i^2 - Variância de cada estrato;

E - Erro permissível.

Tendo sido determinado o tamanho da amostra, procedeu-se à sua distribuição por intervalo de consumo, com base na partilha ótima de Neymann. A alocação ótima é aquela que apresenta a seguinte relação:

$$N_i = n \cdot \frac{N_i \sigma_i}{\sum N_i \sigma_i}$$

onde:

N_i é o número de elementos da amostra extraída do estrato i e

n é o número total de elementos da amostra.

A participação dos estratos na população e na amostra total pode ser observada pela tabela a seguir.

TABELA A.2.1 - DOMICÍLIOS NO BAIRRO DE SÃO BRAZ SEGUNDO ESTRATO DE CONSUMO DE ENERGIA ELÉTRICA, CÁLCULO DA MÉDIA DO ESTRATO, DESVIO PADRÃO DO ESTRATO, ERRO AMOSTRAL E NÍVEIS DE CONFIANÇA

ESTRATO EM KWH	CONSUMO MÉDIO*	DESVIO PADRÃO	DOMICÍLIOS	ERRO (%)	NÍVEIS DE CONFIANÇA (%)		
					P = 90	P = 95	P = 99
0 — 50	31.6748	12.8885	401	3	5.1	7.9	13.0
				5	1.9	2.9	5.0
				8	.7	1.2	2.0
				10	.5	.7	1.3
50 — 200	122.8068	37.1606	4287	3	167.0	255.3	423.0
				5	61.5	95.1	161.3
				8	24.2	37.6	64.3
				10	15.5	24.1	41.4
200 — 500	285.5679	71.8654	1882	3	134.5	205.7	340.8
				5	49.5	76.6	129.9
				8	19.5	30.3	51.8
				10	12.5	19.4	33.3
500 e mais	672.7376	263.7591	159	3	41.7	63.8	105.7
				5	15.4	23.8	40.3
				8	6.0	9.4	16.1
				10	3.9	6.0	10.3
TOTAL	175.8924	127.6642	6729	3	348.4	532.7	882.5
				5	128.2	198.5	336.5
				8	50.5	78.5	134.2
				10	32.4	50.4	86.3

FONTE: Companhia Paranaense de Energia Elétrica - COPEL

OBS.: *Consumo médio dos meses de julho, agosto e setembro de 1991. Foram excluídos os domicílios cujo consumo num dos meses fosse igual a zero (0).

Obs: Para efeito de controle, a COPEL divide a cidade em setores. O setor que compreende o bairro de São Braz é um pouco mais abrangente que os limites físicos do mesmo. A área incluída, todavia, tem características urbanísticas e sócio-econômicas semelhantes. Estima-se que estejam incluídos aí domicílios a mais que o número de domicílios existentes nos limites geográficos do bairro.

Os resultados amostrais foram operacionalizados através de utilização do software Sistema para Análises Estatísticas - SAEG - Versão 3.0, que possui procedimento específico para o cálculo de amostras utilizando a amostragem estratificada de Neymann

O número de entrevistas realizadas neste estudo corresponde àquele indicado na amostra, com uma margem de erro de 10% e um nível de confiança de 95%. Ressalte-se, no entanto, que em relação aos estratos de renda não há coincidências. O número de entrevistas

necessárias tanto no estrato 1 (consumo até 50 KWh) como no estrato 4 (consumo maior que 500 KWh) é inferior ao que foi realizado entre os pobres e a classe média-alta que lhes correspondem. Ressalta-se, uma vez mais, que é compreensível que isso tenha ocorrido, uma vez que os critérios que determinaram a realização das entrevistas dizem respeito aos grupos de origem e não à renda das famílias. Além disso, uma pesquisa amostral requer critérios aleatórios para a escolha dos entrevistados, enquanto as pesquisas de natureza qualitativa solicitam uma escolha previamente estabelecida.

ANEXO 3 - LOCALIZAÇÃO DE VILAS E RUAS DO BAIRRO DE SÃO BRAZ

анexo 3

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 BAUDRILLARD, Jean. A sociedade de consumo. Rio de Janeiro : Edições 70, 1991. 213p.
- 2 BEAUVOIR, Simone. A velhice : as relações com o mundo. São Paulo : Difusão Européia do Livro, 1970. v.2, 340p. _
- 3 BENEVOLO, Leonardo. A cidade e o arquiteto. São Paulo: M. Fontes, 1984. 146p.
- 4 BENJAMIM, Walter. O narrador. São Paulo : Abril Cultural, 1973. 333p. p.63-81. (Os pensadores, 48).
- 5 BERMAN, Marshall. Tudo que é sólido desmancha no ar : a aventura da modernidade. São Paulo : Companhia das Letras, 1986. 360p.
- 6 BOLAFFI, Gabriel. Arquitetura do poder. Novos Estudos, São Paulo : CEBRAP, n. 9, p.47-55, jul. 1984.
- 7 BOSI, Ecléa. Memória e sociedade : lembranças de velhos. São Paulo : T.A. Queiroz, 1983. 399p.
- 8 CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. A política dos outros : o cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos. São Paulo : Brasiliense, 1984. 300p.
- 9 CAMARGO, Aspásia Alcântara de. O ator, o pesquisador e a história: ímpares metodológicos na implantação do CPDOC. In: NUNES, Edson de Oliveira (Org.). A aventura sociológica : objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro : Zahar, 1978. p.276-304.
- 10 CANDIDO, Antonio. Os parceiros do Rio Bonito. 6.ed. São Paulo : Duas cidades, 1982. 284p.
- 11 COORDENAÇÃO DA REGIÃO METROPOLITANA DE CURITIBA. PLAMEC - Plano Metropolitano Ano 2000 - RMC. Curitiba : COMEC, 1988.
- 12 CUNHA, Manuela Carneiro da. Antropologia do Brasil : mito, história, etnicidade. São Paulo : Brasiliense, 1986. 173p.
- 13 DAMATTA, Roberto. A casa e a rua. Rio de Janeiro : Guabanaba, 1987. 181p.
- 14 _____. Explorações : ensaios de sociologia interpretativa. Rio de Janeiro : Rocco, 1986. 146p.
- 15 _____. O que faz o Brasil, Brasil? 2.ed. Rio de Janeiro : Rocco, 1986. 126p.

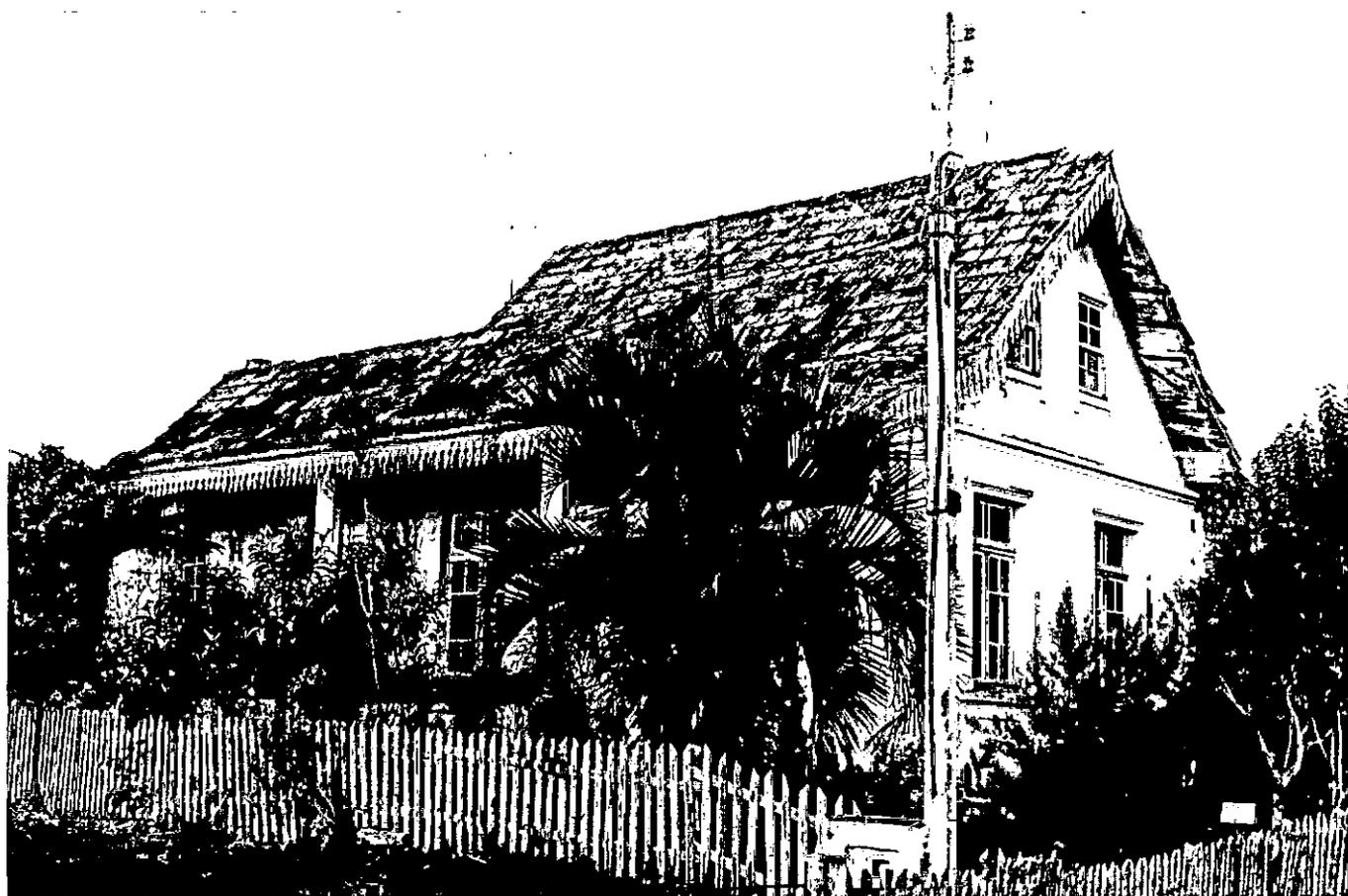
- 16 DOUSTDAR, Neda Mohtadi. A imigração polonesa : raízes históricas de um preconceito. Curitiba : s.n., 1990. 156p. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Paraná.
- 17 DURHAM, Eunice R. A caminho da cidade. São Paulo : Perspectiva, 1973. 245p.
- 18 ----- . A família operária: consciência e ideologia. Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, v. 23, n.2, p.201-213, 1980.
- 19 ----- . A reconstituição da realidade. São Paulo : Ática, 1978. 184p. (Ensaio, 54).
- 20 DURKHEIM, Émile. A divisão social do trabalho. 2.ed. Lisboa : Presença, 1984. 2v.
- 21 ----- . As formas elementares da vida religiosa. São Paulo : Abril Cultural, 1973. 550p. p.505-550. (Os pensadores, 33)
- 22 ENGELS, Friedrich. A situação da classe trabalhadora na Inglaterra. São Paulo : Global, 1986. 391p.
- 23 FIRTH, Raymond. Organização social e estrutura social. In: CARDOSO, Fernando Henrique; IANNI, Octávio (Org.). Homem e sociedade. 7.ed. São Paulo : Nacional, 1973. p.35-46.
- 24 GUIDDENS, Anthony. Capitalismo e moderna teoria social : uma análise das obras de Marx, Durkheim e Max Weber. Lisboa : Presença, 1972. 335p.
- 25 ----- . A constituição da sociedade. São Paulo : M. Fontes, 1989. 318p.
- 26 GURVITCH, Georges. Os símbolos sociais. In: CARDOSO, Fernando Henrique, IANNI, Octávio (Org.). Homem e sociedade. 7.ed. São Paulo : Nacional, 1973. p.193-204.
- 27 HAGUETTE, Teresa Maria Frota. Metodologias qualitativas na sociologia. Petrópolis : Vozes, 1987. 163p.
- 28 HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo : Vértice, 1990. 189p.
- 29 INSTITUTO BRASILEIRO DE ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL. Centro de Pesquisas Urbanas. Quando a rua vira casa : a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro. Rio de Janeiro : IBAM, 1981. 150p. Convênio IBAM, FINEP.
- 30 INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA. Dados demográficos por bairro. Curitiba : IPPUC, 1988. 12p.
- 31 ----- . Subcentros funcionais : relatório de pesquisa. Curitiba : IPPUC, 1988. 97p.
- 32 LEFEBVRE, Henri. Introdução à modernidade. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1969. 442p.
- 33 MACIVER, R.M.; PAGE, Charles H. Comunidade e sociedade como níveis de organização da vida social. In: FERNANDES, Florestan (Org.). Comunidade e sociedade. São Paulo : Nacional, 1973. 579p. p.117-131.

- 34 MAFFESOLI, Michel. O tempo das tribos : o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro : Forense Universitária, 1987. 232p.
- 35 MAGNANI, José Guilherme Cantor. Festa no pedaço : cultura popular e lazer na cidade. São Paulo : Brasiliense, 1984. 198p.
- 36 MANNHEIM, Karl. Diagnóstico de nosso tempo. 3.ed. Rio de Janeiro : Zahar, 1973. 208p.
- 37 MARX, Karl. Para a crítica da economia política. São Paulo : Abril Cultural, 1974. 411p. (Os pensadores, 35)
- 38 MILLS, C. Wright. A imaginação sociológica. 3.ed. Rio de Janeiro : Zahar, 1972. 246p.
- 39 MORAIS FILHO, Evaristo de (Org.). Simmel: sociologia. São Paulo : Ática, 1983. 188p.
- 40 PARK, Robert Ezra. A cidade : sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, Octávio Guilherme (Org.). O fenômeno urbano. 4.ed. Rio de Janeiro : Zahar, 1979. p.26-67.
- 41 PEREIRA, Magnus Roberto de Mello. Fazendeiros, industriais e neomorigerados : ordenamento jurídico e economia da sociedade paranaense (1829-1889). Curitiba, 1990. 314p. Dissertação (Mestrado), UFPR.
- 42 RODRIGUES, Marlene. A boa vida de Santa Felicidade. Boletim Informativo da Casa Romário Martins, Curitiba, v.18, n.87, abr. 1991.
- 43 ROUANET, S. P. As razões do iluminismo. São Paulo : Companhia de Letras, 1987. 330p.
- 44 RUSSEL, Bertrand. Retratos de memória e outros ensaios. São Paulo : Nacional, 1958. 221p.
- 45 SALEM, Tânia. Entrevistando famílias : notas sobre o trabalho de campo. In: NUNES, Edson de Oliveira (Org.). A aventura sociológica : objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro : Zahar, 1978. p.47-64.
- 46 SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos. Movimentos urbanos no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro : Zahar, 1981. 252p.
- 47 SÃO Braz segundo o velho Joaquim. Diário do Paraná, Curitiba, 21 ago. 1971. p.8. DP Especial.
- 48 SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Octávio Guilherme (Org.). O fenômeno urbano. 4.ed. Rio de Janeiro : Zahar, 1979. p.11-25.
- 49 SOUZA, Marcelo José Lopes de. O bairro contemporâneo : ensaio de abordagem política. Revista Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro, v. 51, n. 2, p.139-172, abr./jun. 1989.
- 50 VALLADARES, Lícia do Prado; FIGUEIREDO, Ademir. Habitação no Brasil : uma introdução à literatura recente. In: O QUE se deve ler em ciências sociais. São Paulo : Cortez : ANPOCS, 1987. p.38-78.

- 51 VELHO, Gilberto. O antropólogo pesquisando em sua cidade : sobre conhecimento e heresia. In: ____ (Org.). Novas perspectivas da antropologia brasileira. Rio de Janeiro : Campus, 1980. p.13-21.
- 52 _____. Individualismo e cultura : notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro : Zahar, 1981. 149p.
- 53 _____. A utopia urbana. Rio de Janeiro : Zahar, 1973. 110p.
- 54 VILLAGA, Flávio. A localização como mercadoria. s.l : USP/FAU, s.d. 16p.
- 55 WACHOWICZ, Ruy C. Orleans, um século de subsistência. Curitiba : Fundação Cultural de Curitiba, 1976. 92p.
- 56 WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. In: VELHO, Octávio Guilherme (Org.). O fenômeno urbano. 4.ed. Rio de Janeiro : Zahar, 1979. p.90-113.
- 57 WORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W. (Org.). Temas básicos da sociologia. São Paulo : Cultrix, 1973. 205p.



Casa de Joaquim das Chagas Lima, onde hoje funciona a Panificadora Casarão, na rua Antônio Escorsin.



Casa que pertenceu a membros da família Chagas Lima (rua Antônio Escorsin, nº 52)



Detalhes da fachada.



Verginia Úrsola Dallabona Benato (foto recente)
Dentre os moradores antigos ainda vivos ela é a mais velha.



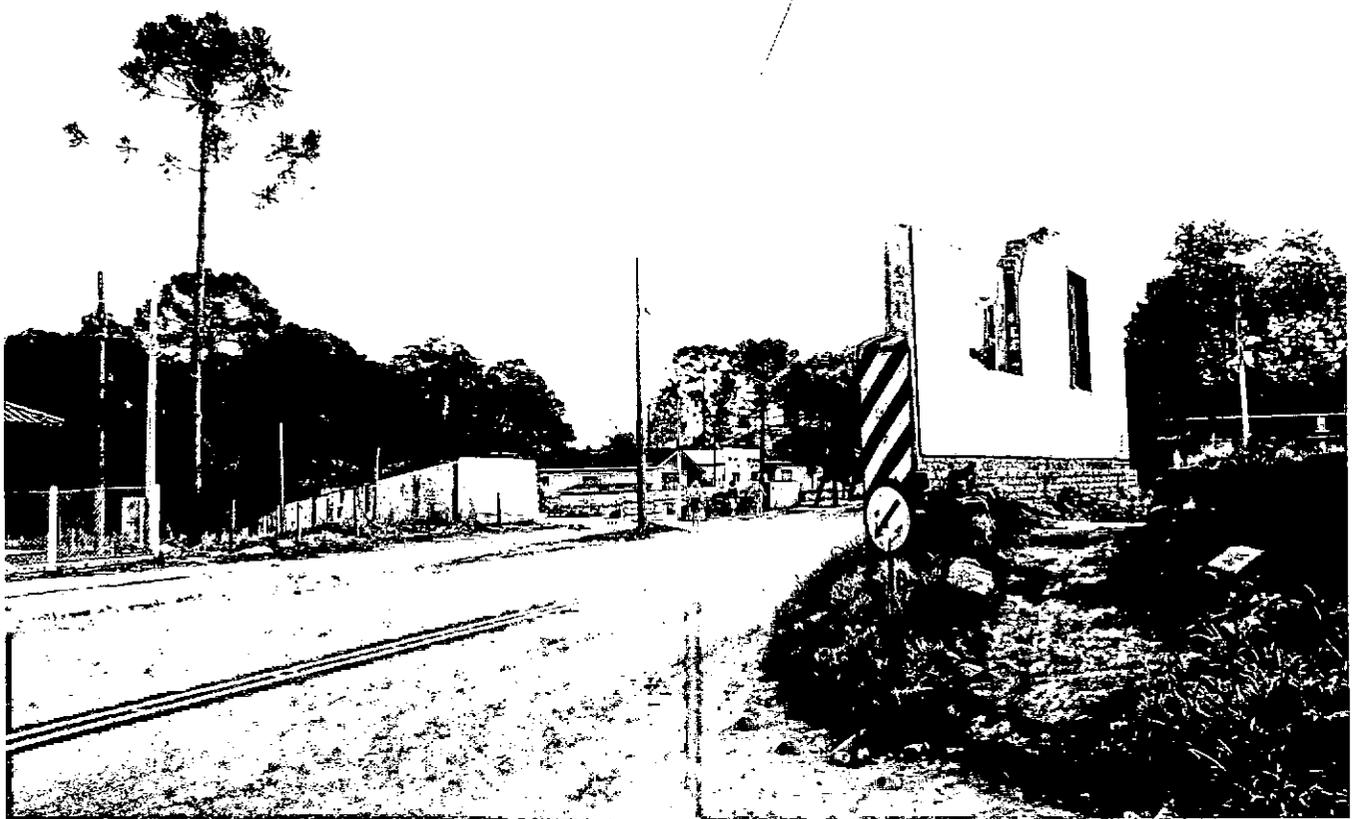
O primeiro ônibus a fazer o trajeto exclusivo São Braz - centro da cidade. Entre as pessoas, destacam-se Pedro Boscardim e Alfredo Escorsin, proprietários do ônibus (1944).



Membros da família Chagas Lima, quando assistiam a uma partida de futebol entre os times de São Braz e Santa Felicidade (data não identificada).



Residência de Pedro Boscardim, situada na rua Antônio Escorsin.



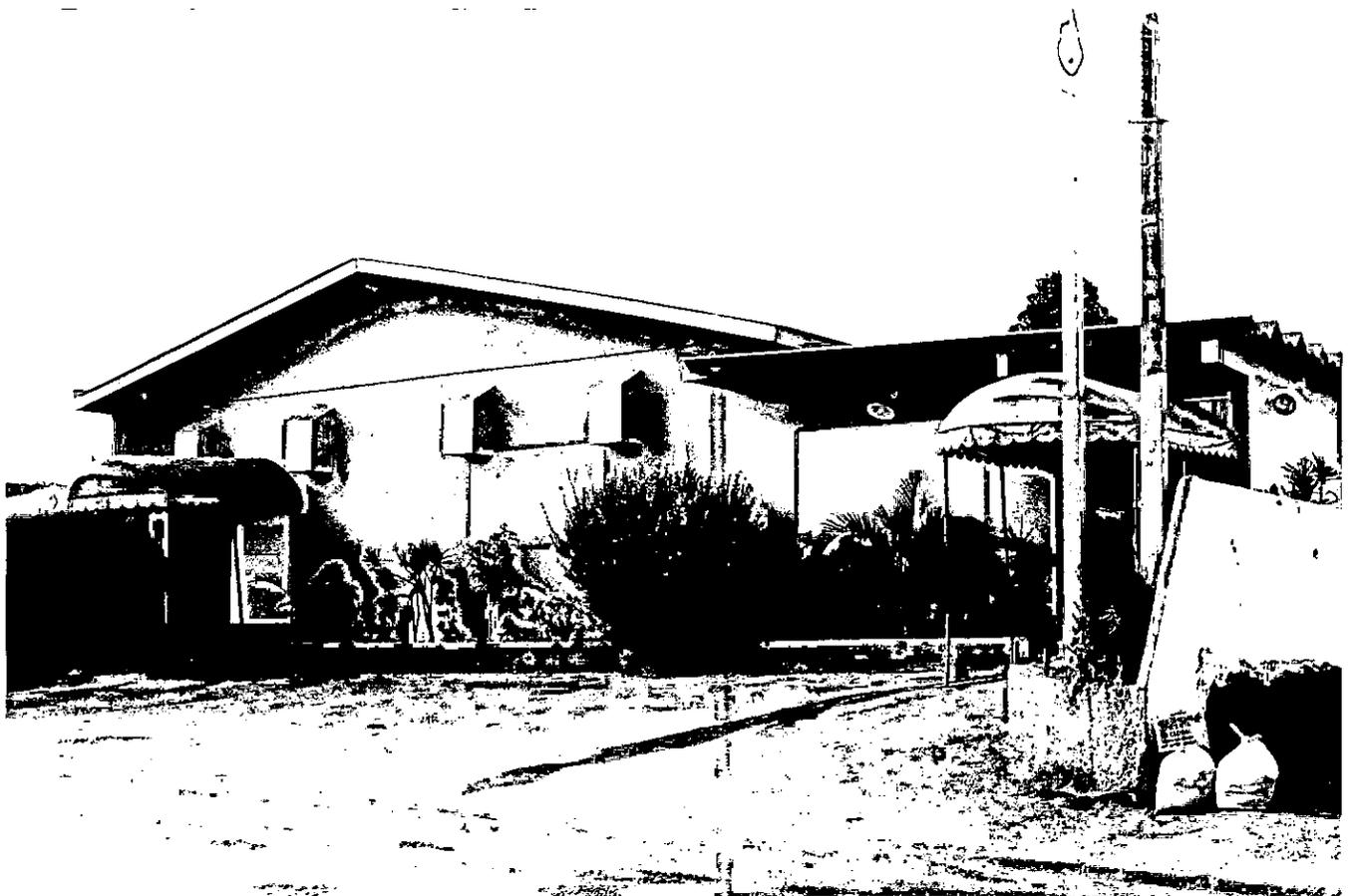
Ruínas de uma residência que pertenceu a descendentes da família Chagas Lima. Enquanto não ocorre o veredito judicial, tomam uma parte da rua Toaldo Túlio.



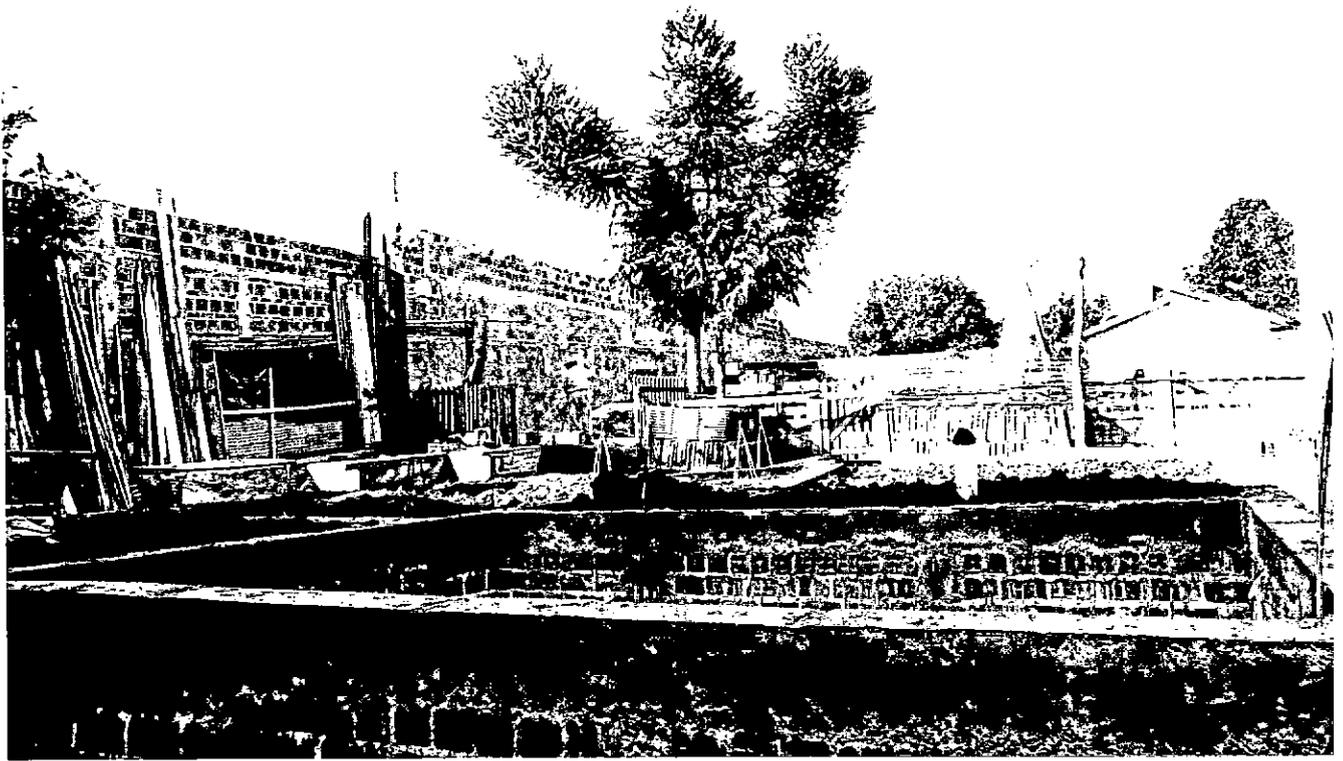
Conjunto residencial construído com recursos do Instituto de Previdência do Estado, em 1989, em terras onde antes funcionava a olaria de Joaquim das Chagas Lima.



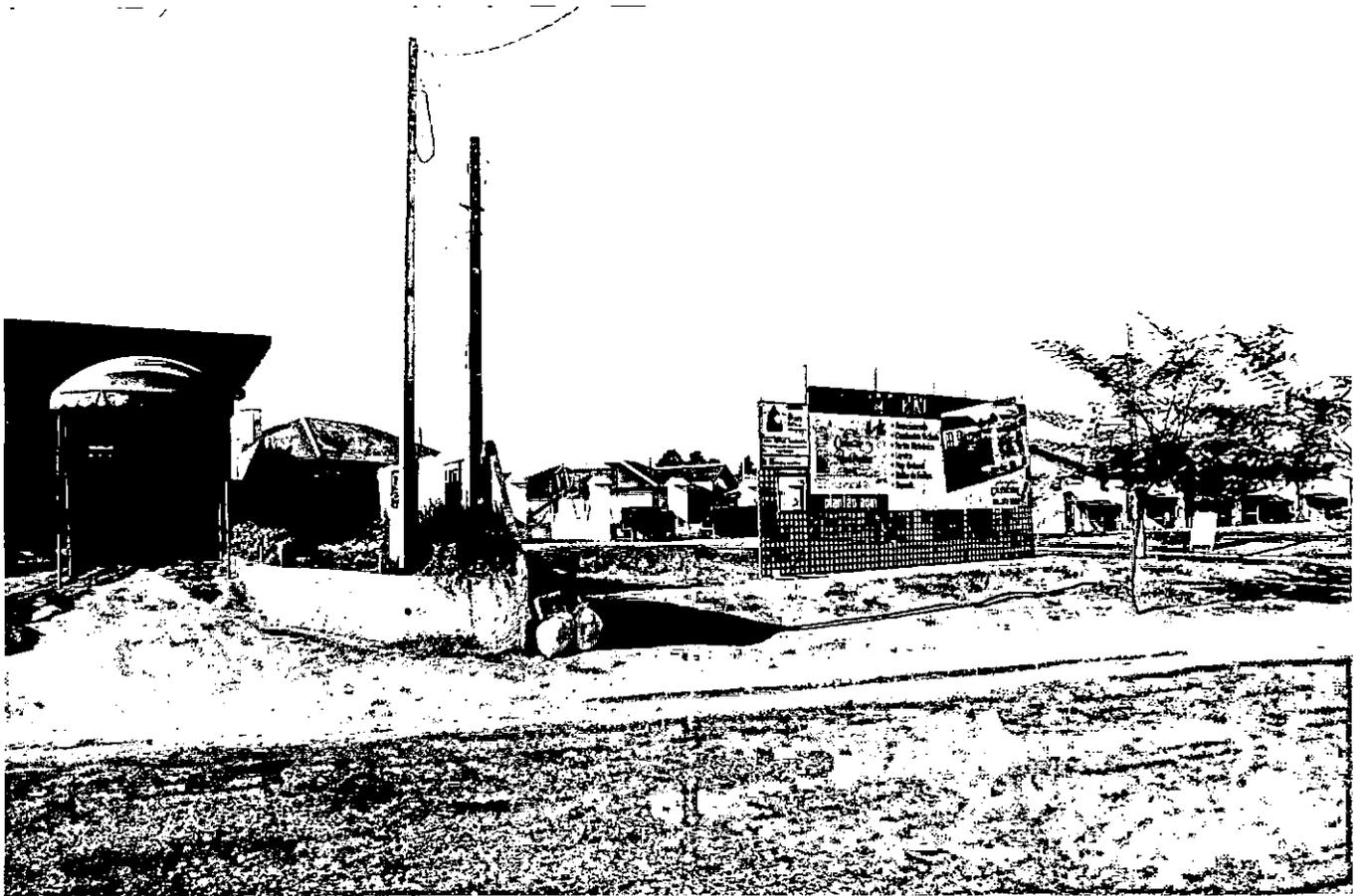
Confluência das ruas Antônio Escorsin e Toaldo Túlio.



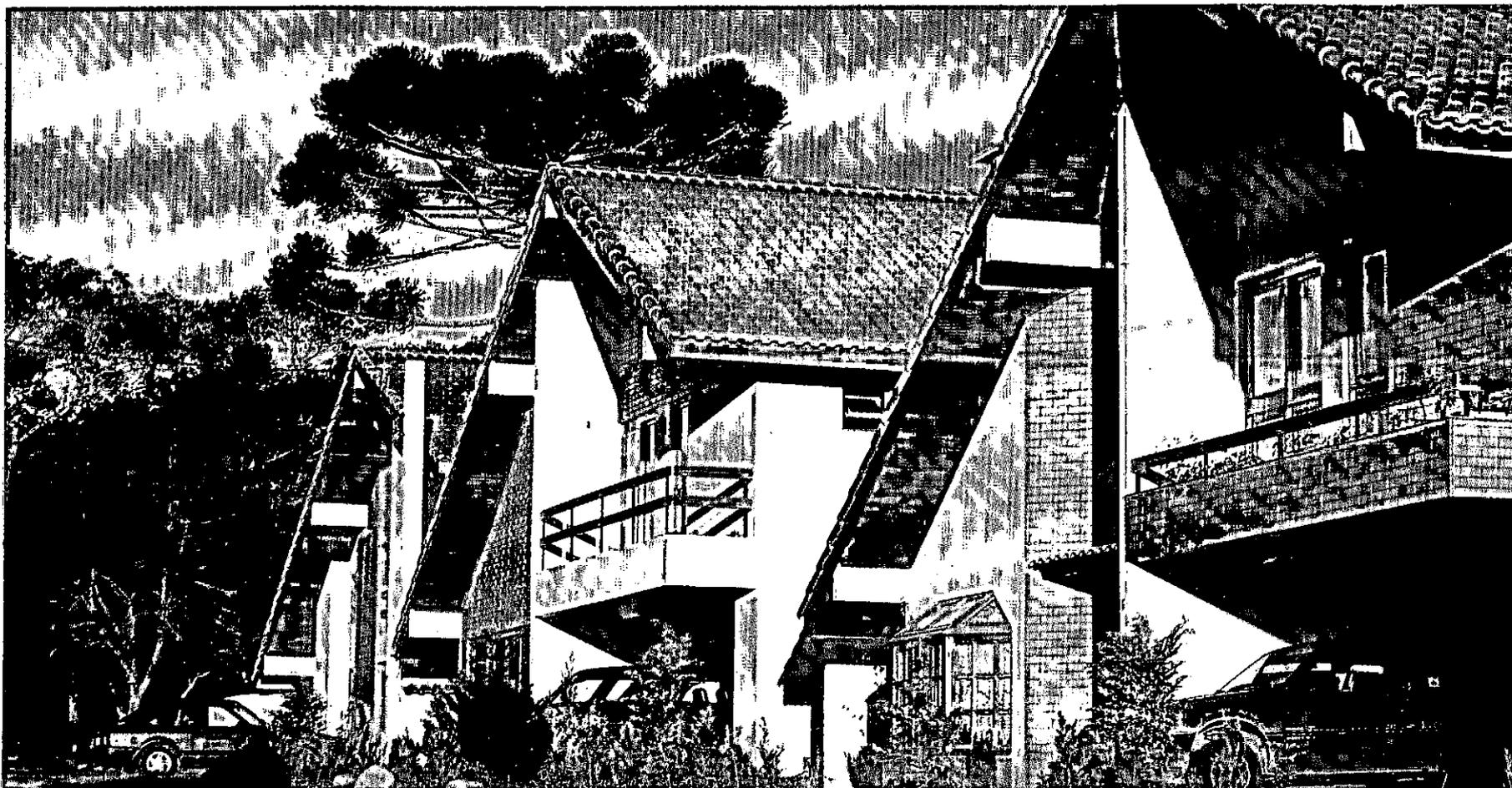
Prédio onde funcionava o clube local Sociedade Internacional Beneficente São Braz, fundada em 1912, hoje uma danceteria com a mesma razão social.



Parte externa (fundos) do muro de um condomínio no bairro (observa-se que a altura do muro foi elevada).



Parte da fachada da Sociedade Beneficente São Braz e vista parcial do condomínio Celeste Residências.



Condomínio Forteza di Firenze (vista parcial).



Rua Lodovico Lucca - ao lado direito, os muros do condomínio Fortezza di Firenze; ao lado esquerdo, a Vila Carvalho.



Vista da Vila Carvalho: barracos ao lado de uma casa em alvenaria. Ao fundo, pavimento superior das residências do condomínio Fortezza di Firenze.



No primeiro plano, um outro ângulo da Vila Carvalho. Ao fundo, o pavimento superior das casas do Condomínio Fortezza di Firenze.



Sociedade Operária e Beneficente Internacional

“S. BRAZ”

FUNDADA EM 1-2-1924

Diploma conferido ao socio

Mr. J. Roberto Casarino

para que goze os direitos e regulas segundo os estatutos.

S. Braz, 15 de Maio de 1924

O Tesoureiro
Pedro Mascarenhas

O Presidente
Deolinda F. Chagas

O Secretário
Alfredo Garcia





Sociedade Operária e Beneficente Internacional

“S. BRAZ”

FUNDADA EM 1-2-1922

Diploma conferido ao socio

Sr. Miguel Casarini

para que goze os direitos e royalties segundo os estatutos.

S. Braz, 15 de Maio de 1922

O Tesoureiro

O Presidente

O Secretário

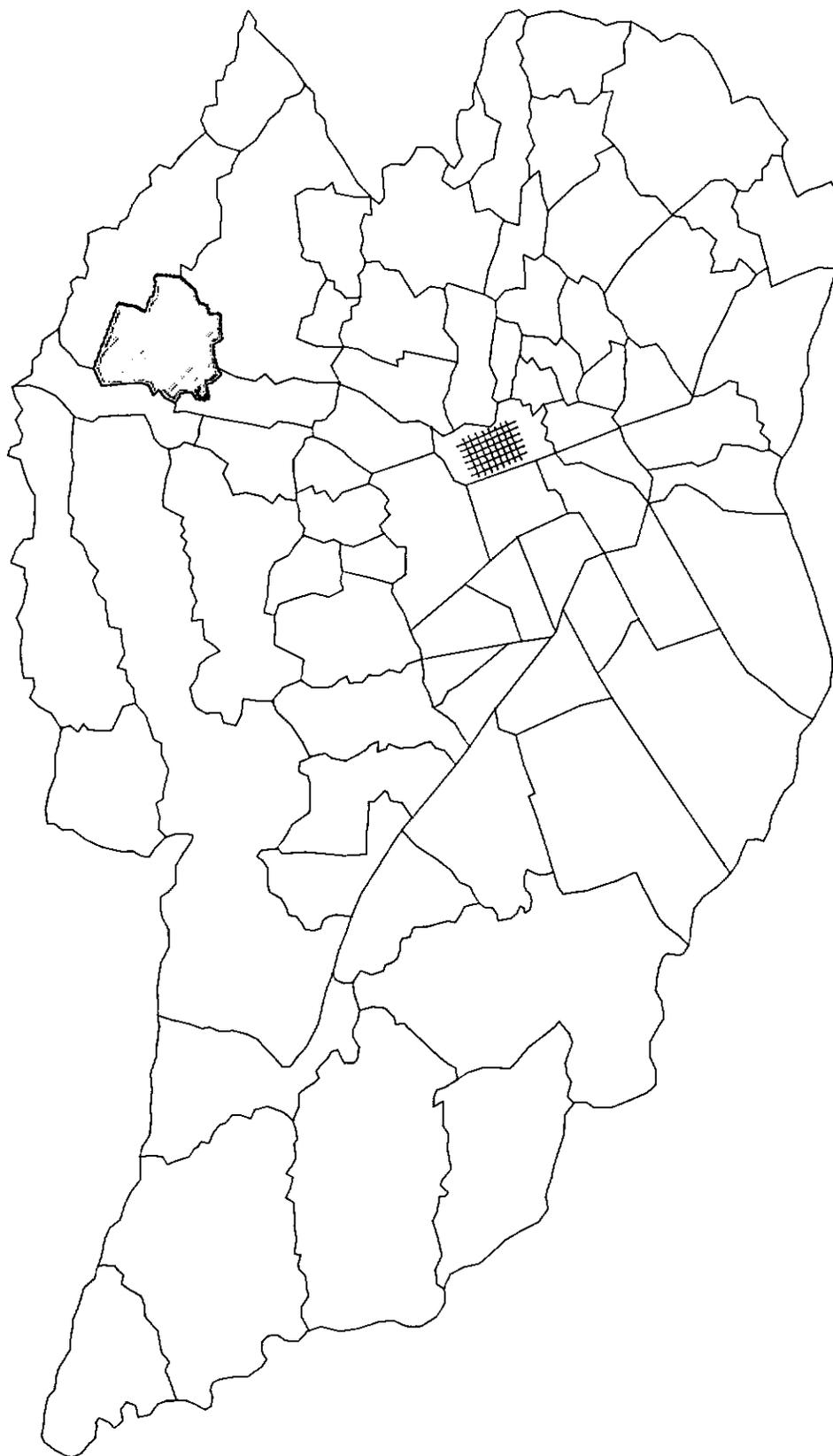
Petio Casarini

Dezindo F. Chagas

Alfredo Casarini



MAPA 1 - LOCALIZAÇÃO DO BAIRRO DE SÃO BRAZ
NO MUNICÍPIO DE CURITIBA-PR

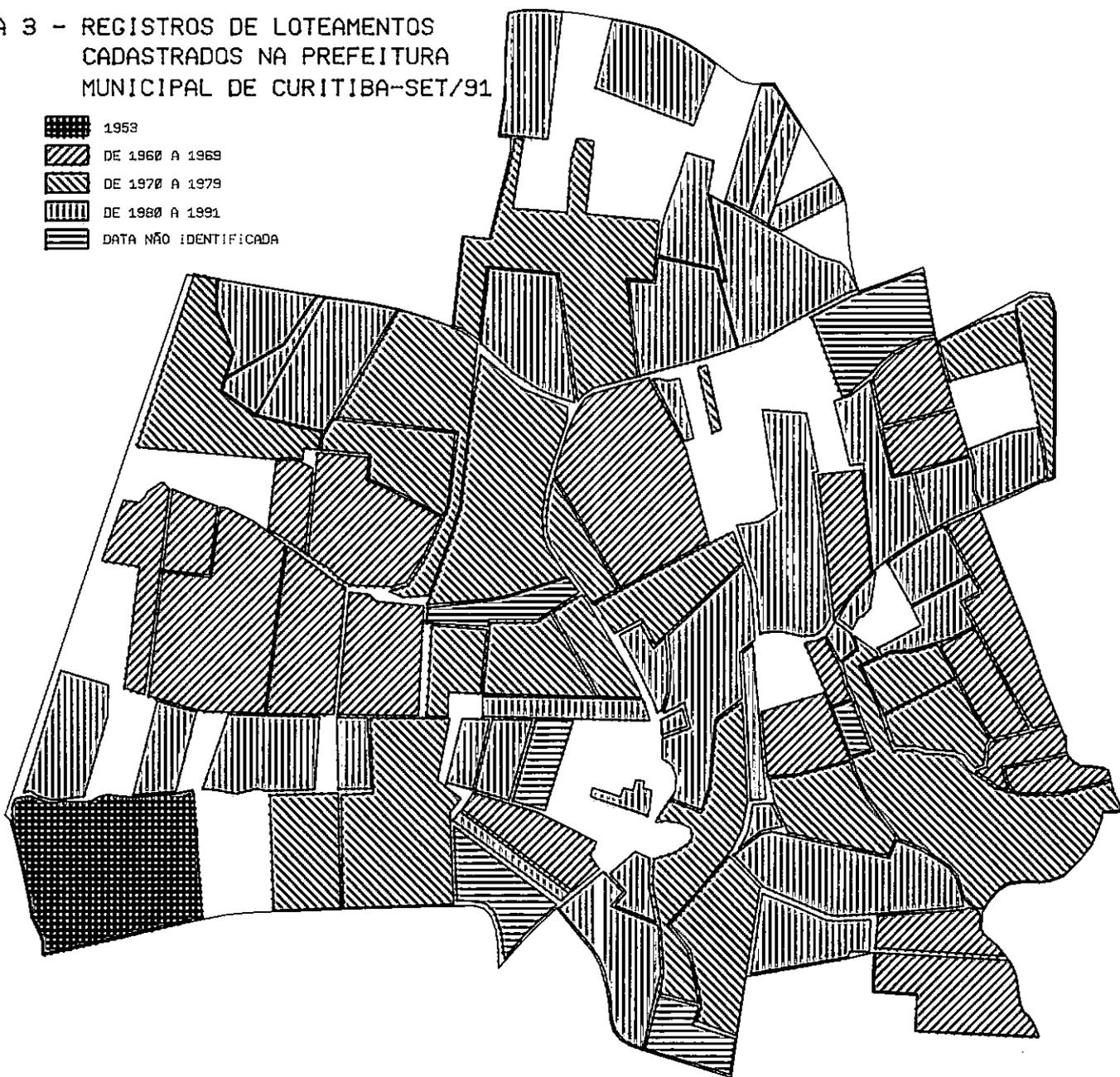


MAPA 2 - SÃO BRAZ ANTIGO (ATÉ 1950)
PONTOS DE OCUPAÇÃO



MAPA 3 - REGISTROS DE LOTEAMENTOS
CADASTRADOS NA PREFEITURA
MUNICIPAL DE CURITIBA-SET/91

-  1953
-  DE 1960 A 1969
-  DE 1970 A 1979
-  DE 1980 A 1991
-  DATA NÃO IDENTIFICADA



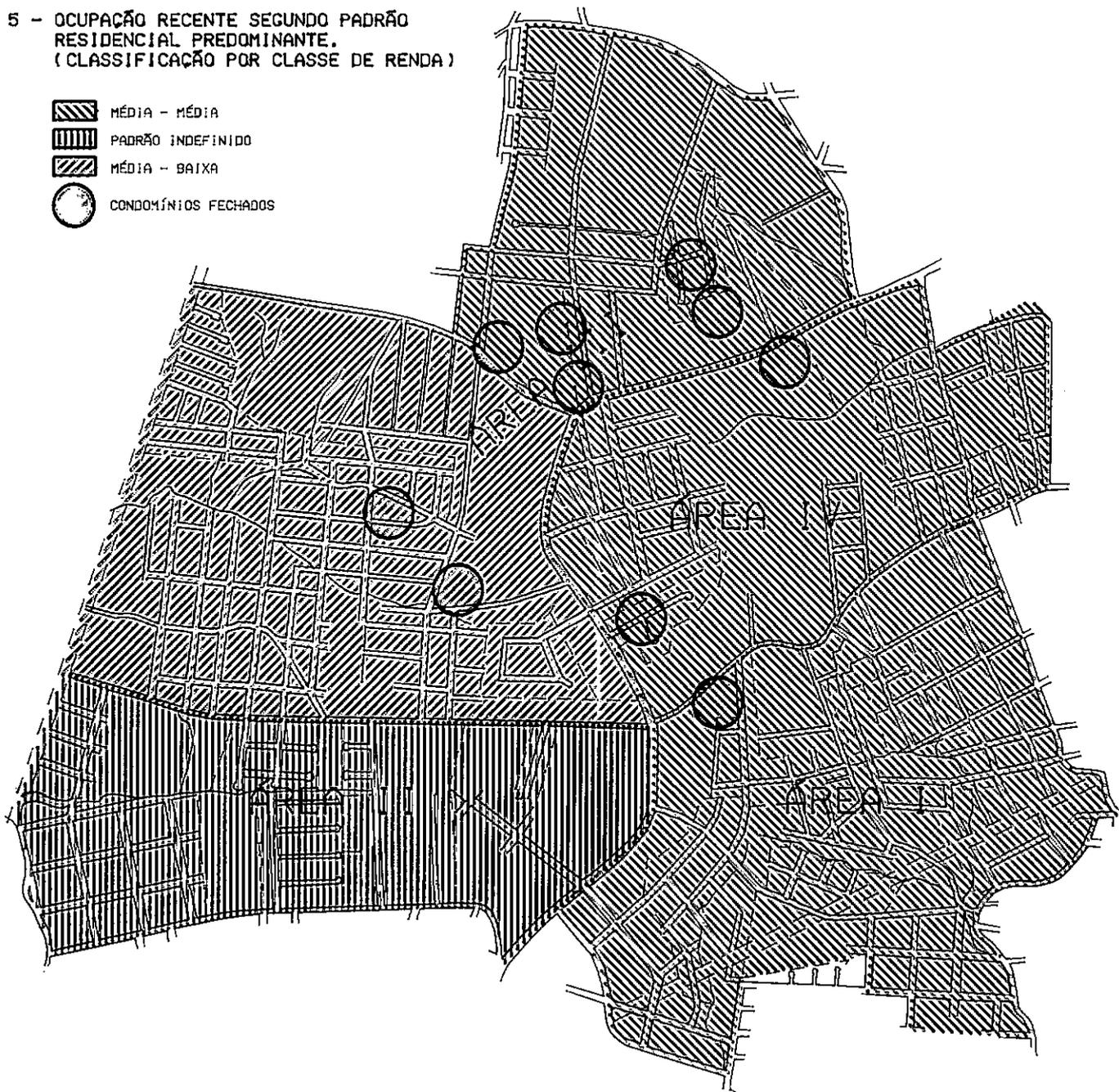
FONTE: CADASTRO TÉCNICO - PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA

MAPA 4 - ÁREAS DE CONCENTRAÇÃO
COMERCIAL EM SÃO BRAZ



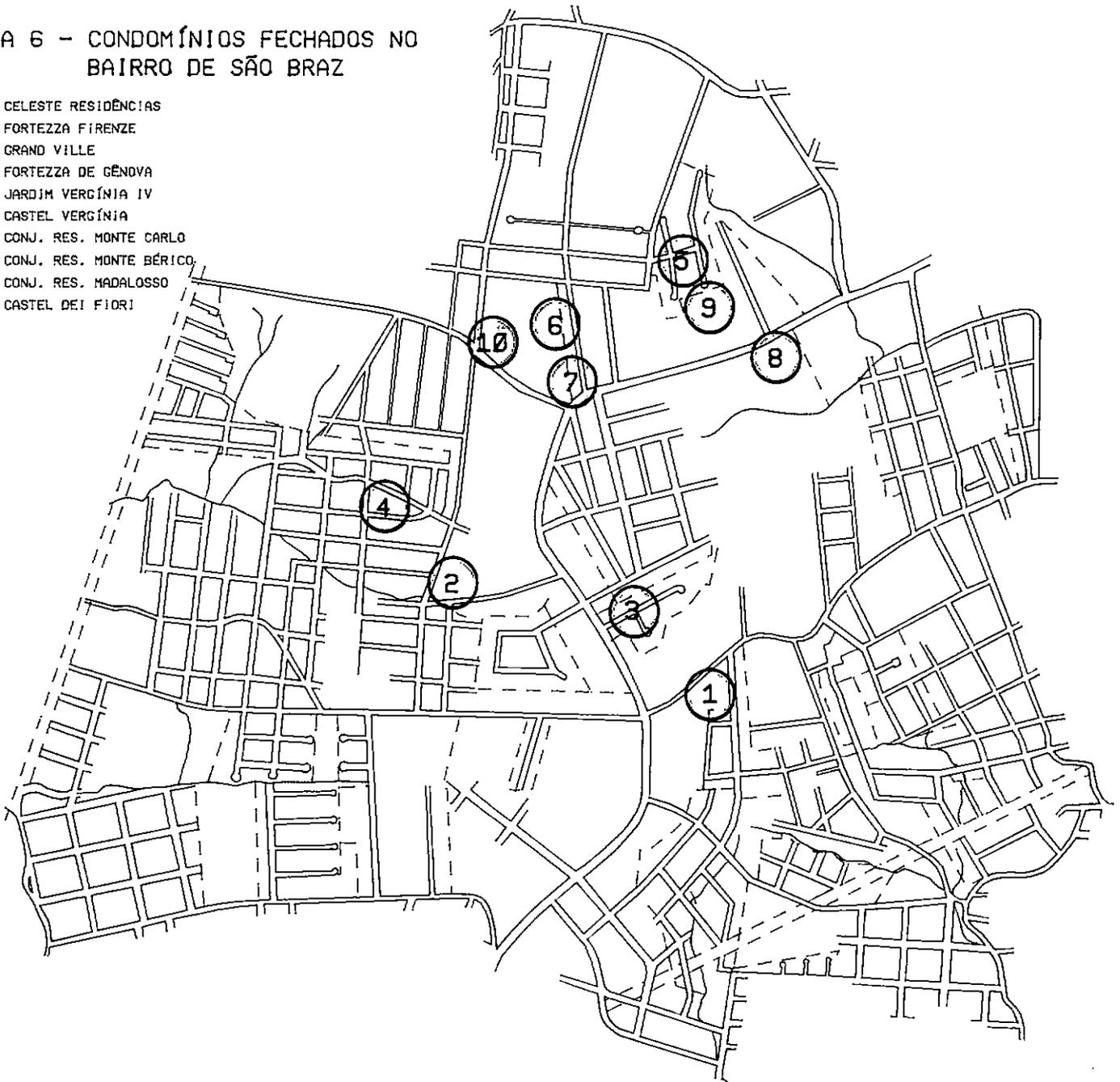
MAPA 5 - OCUPAÇÃO RECENTE SEGUNDO PADRÃO
RESIDENCIAL PREDOMINANTE.
(CLASSIFICAÇÃO POR CLASSE DE RENDA)

-  MÉDIA - MÉDIA
-  PADRÃO INDEFINIDO
-  MÉDIA - BAIXA
-  CONDOMÍNIOS FECHADOS



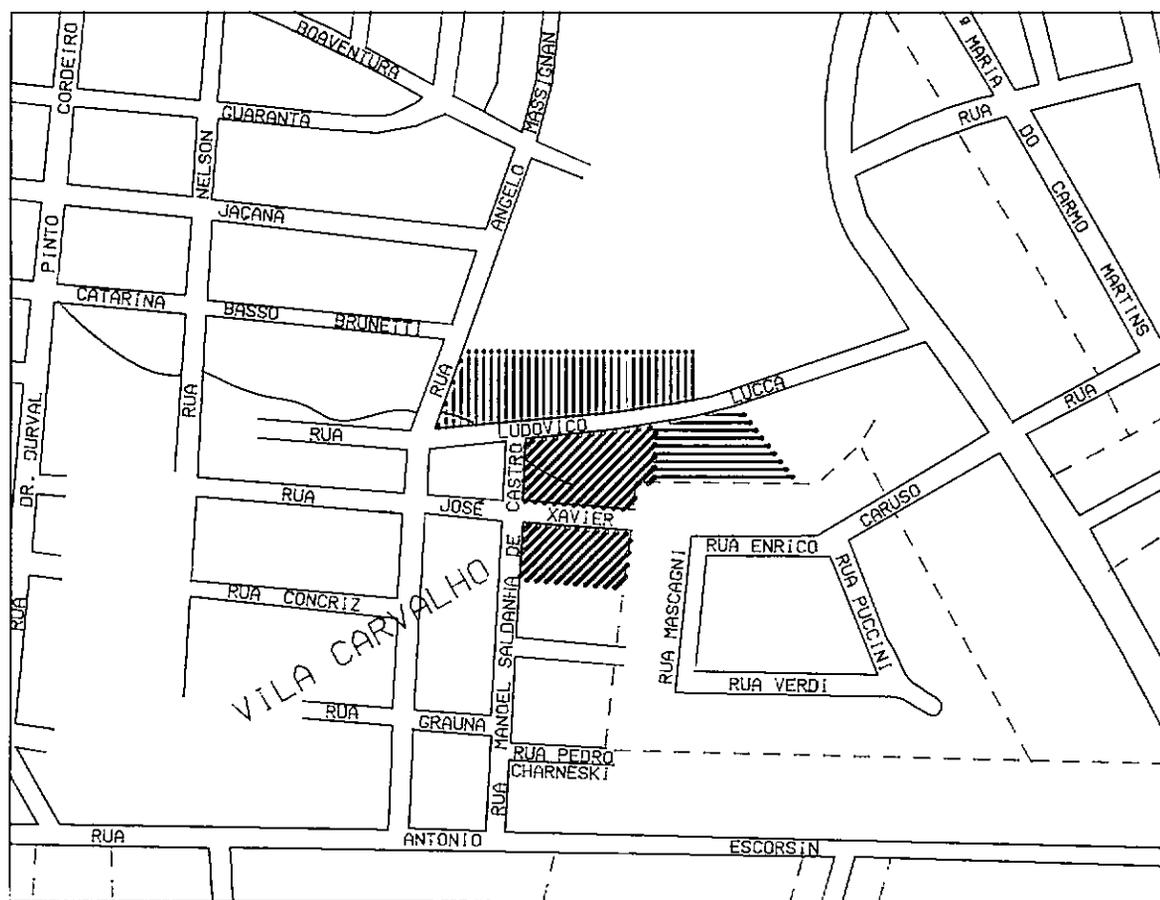
MAPA 6 - CONDOMÍNIOS FECHADOS NO
BAIRRO DE SÃO BRAZ

- 1 - CELESTE RESIDÊNCIAS
- 2 - FORTEZZA FIRENZE
- 3 - GRAND VILLE
- 4 - FORTEZZA DE GÊNVOA
- 5 - JARDIM VERGÍNIA IV
- 6 - CASTEL VERGÍNIA
- 7 - CONJ. RES. MONTE CARLO
- 8 - CONJ. RES. MONTE BÉRICO
- 9 - CONJ. RES. MADALOSSO
- 10 - CASTEL DEI FIORI



MAPA 7 - VILA CARVALHO E CONDOMÍNIO FECHADO FORTEZZA FIRENZE NO BAIRRO SÃO BRAZ

-  VILA CARVALHO (ÁREA DA PESQUISA)
-  COND. FECHADO FORTEZZA FIRENZE
-  ÁREA DE LAZER (VILA CARVALHO)



**Esteja aqui, como si
estivesse em sua
própria casa.
Si lá, você cuspir no
chão, pode cuspir
aqui também...**

Cartaz que o Sr. João Mansur afixou no bar da sua filha Dollores Mansur Escorsin.



Sociedade Operária e Beneficente Internacional

"S. BRAZ"
FUNDADA EM 1-2-192

Diploma conferido ao socio *beneficente*

Mr. *Silfredo Escossim*

para que goze os direitos e regalias segundo os estatutos.

S. Braz, 15 de Maio de 1924

O Tesoureiro
Pedro Bastardim

O Presidente
Deolindo T. Chagas

O Secretário
Alfredo Escossim

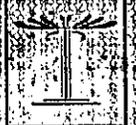
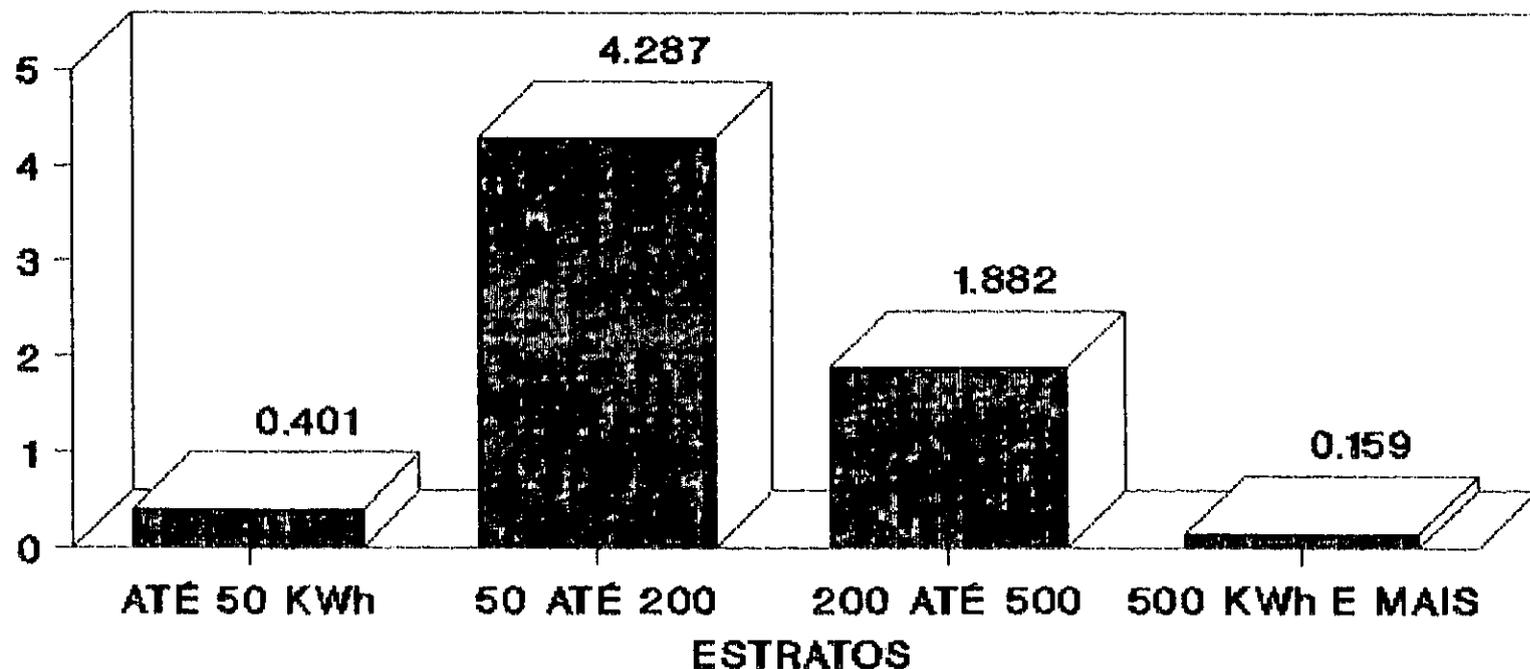


GRAFICO II: DISTRIBUIÇÃO DO CONSUMO RESIDENCIAL DE ENERGIA NO BAIRRO DE SÃO BRAZ, EM CURITIBA - SET/91

(EM MIL DOMICÍLIOS)

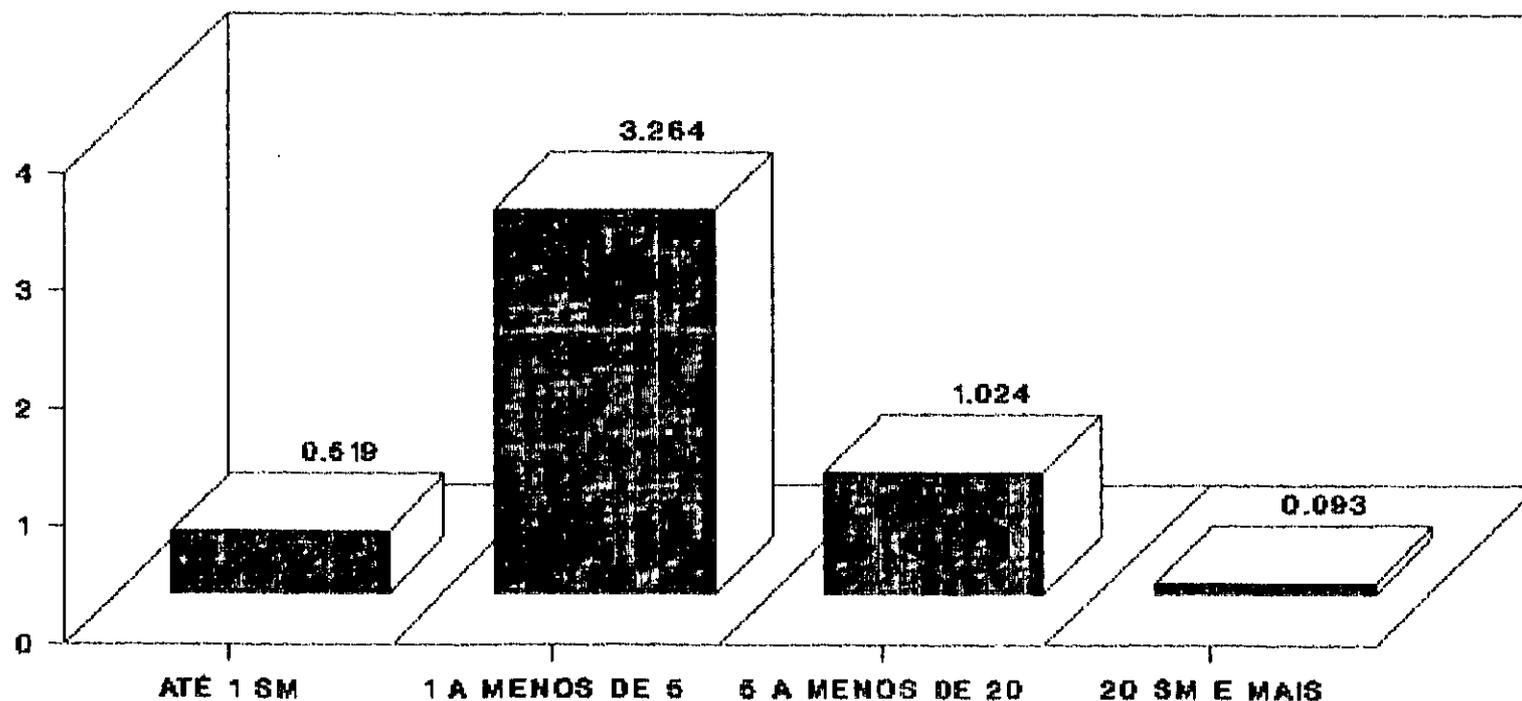


DOMICÍLIOS

FONTE: CADASTRO DA COPEL

GRAFICO I: DISTRIBUIÇÃO DAS FAMILIAS SEGUNDO ESTRATOS DE RENDA FAMILIAR NO BAIRRO DE SÃO BRAZ, EM CURITIBA - 1984

(em mil familias)



FAMILIAS

FONTE: IPPUC

Gra. Dolores Escorsin

São Braz, 8 de Setembro de 1966

Minha patroa estou mais uma vez em vossa presença depois de muito tempo sem poder trabalhar devido o desastre que sofri e que fiquei com as pernas cheias de equimoses, e assim fiquei adormada por muito tempo, sofrendo dores atrozes, não só pelas profundas chagas que tinha nas pernas, mas pelo motivo de não poder ajudar e ser útil a minha estimada patroa.

Minha ama! - agora eu lhe conto o que é que me aconteceu na casa do velho, conhecido por nino Zaca. - Como a sra. sabe, depois de eu ter quasi perdido toda a esperança, ele quando viu o meu estado, - eu vi, - olhou para mim e meneou a cabeça com ar de tristeza, como quem diz, o caso desta velha é quase perdido, - mas é pecado não tentar operar, - e assim ele levou-me para a casa dele, no caminho, eu nos seus braços, me apegava compadecido dizendo, pobre velhinha, precisava entrar-te num hospital onde existe verdadeiros servigiões, - mas como o dinheiro, entodo o caso vamos nunca perder a esperança, e com fé em Deus, ele nos há de ajudar.

- E assim depois de um tratamento adequado ao caso, entrei na sala da operação, quasi 24 horas de dores terriveis, sabe o que que é uma operação sem anestezica, é simplesmente horrivel, onde a gente geme, chora, grita, quer fugir mas não pode, por estar presa num torço que não deixa a gente se mexer; mas depois de terminada a operação, nino Zaca, passou um balsamo maravilhoso que produziu um verdadeiro milagre, acabou-se as cicatrizes e junto se foram as dores.

E aqui estou na sua frente joelhada com as mãos

Continua

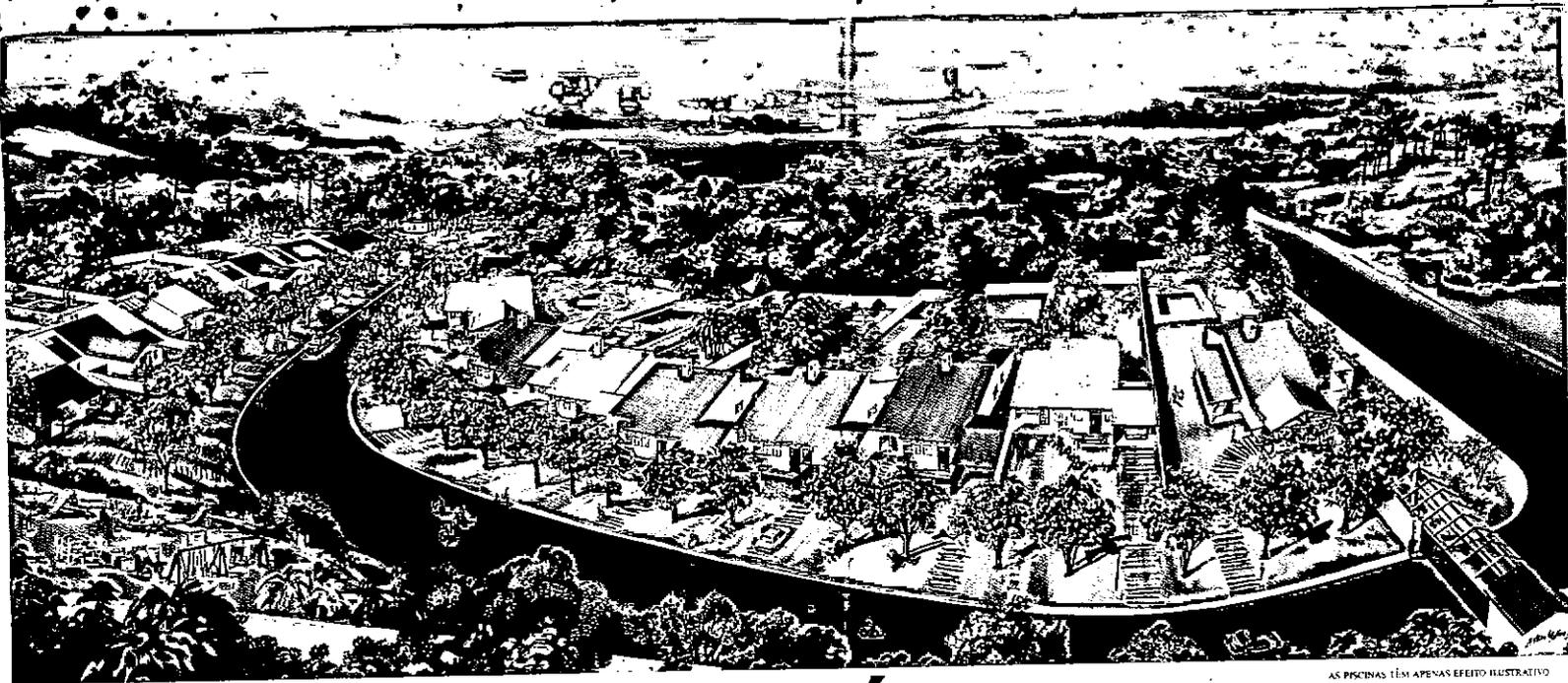
postas ofereço meus préstimos, só lhe peço pelo amor de Dio não deisce que nenhum homem me pegue, chega uma vez, que eu sendo uma texouira, êles me deixaram com cara de serrote, e a srta. não acha depois deles fizeram de mim gato e sapato e jogar-me num canto com desprezo, e toda a vez que deparavam comigo, mesmo que não falassem, eu lia nos seus olhos, e com ar de desdem pensavam, olhe que cara de serrote!

E eu muitas vezes ficava muito triste e aborrecida e outras tenho vontade de gritar no ouvido do sujeito e dizer-lhe, escuta pilantra, se eu estou nesta situação, você também é um dos culpados.

- E depois sabe minha ama, a gente ser Texouira, e nos chamarem de Serrote, e ta palavra quier dizer muita coisa, não só serrar madeira, como serrar aquêles que estão fumando, bebiricando e ficar perto dos homens com ares de pedinchaõ, filar as cousas alieias e nunca pagar nada a ninguém.

- Eu não quero nada dos homens, só quero continuar ser sua criada, faça uso de mim como quizer, só não deisce que as crianças e os homens me transformarem outra vez num Serrote.

Abraços da sua sempre fiel criada a
Texouira



AS PISCINAS TÊM APENAS EFEITO ILUSTRATIVO

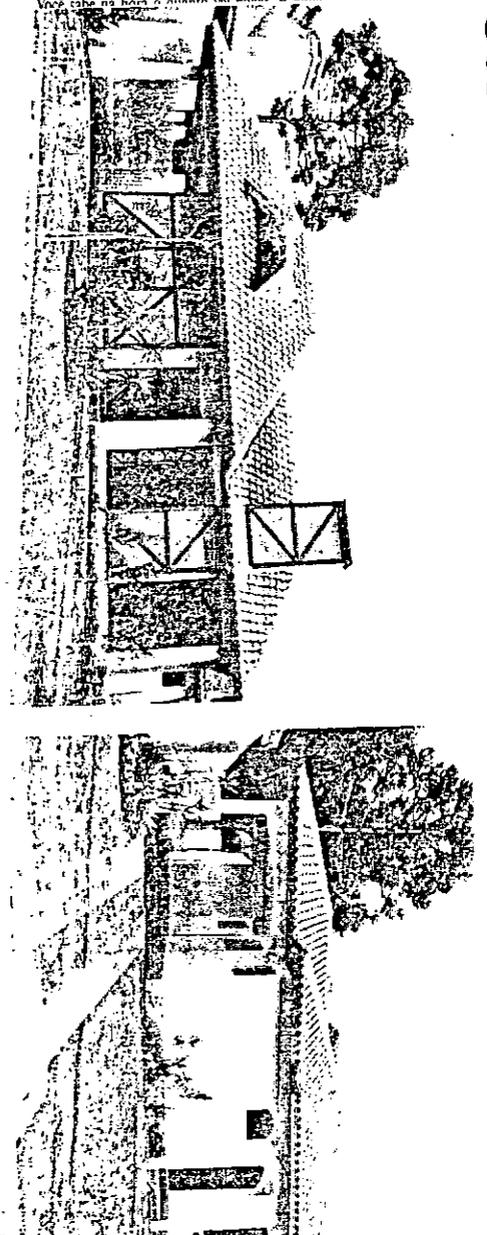
MERCER

PAPAI, VOITE JÁ PRA CASA.



COMPRE UM PEDACO DE CÉU
ABERTO A PREÇO FECHADO

Você sabe na hora o quanto vai pagar. E nada.



Como Transformar Sonhos em Realidade

PREÇO FECHADO PARA UMA TRANQUILA E SAUDÁVEL VIDA A CÉU ABERTO.

Antes de ver todas as vantagens do Condomínio Horizontal Piazza San Marco é bom você saber que ele é composto de apenas 14 casas de alto padrão. Portanto, a decisão de voltar para casa deve ser tomada o quanto antes.

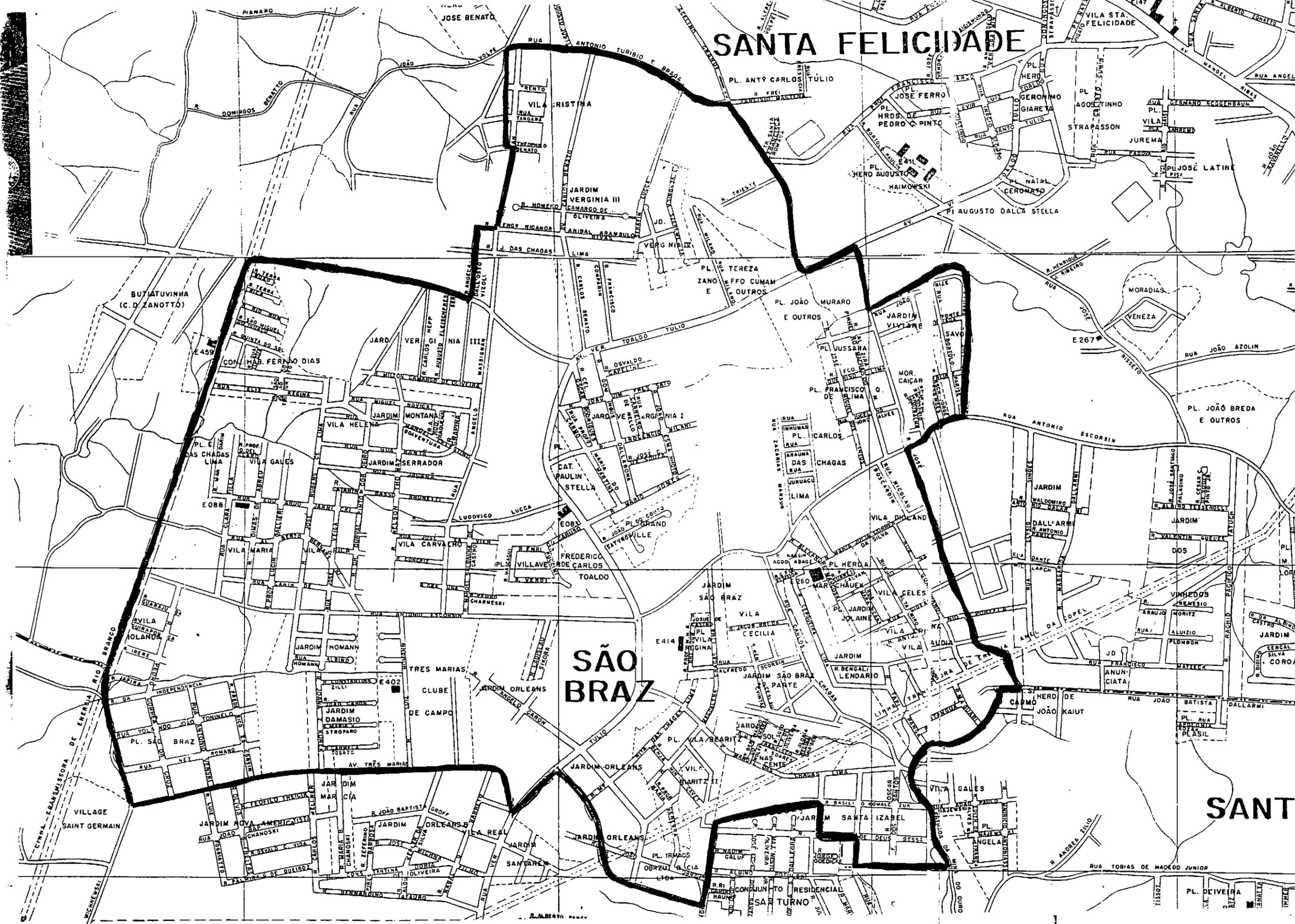
DETALHES DECISIVOS

- 3 dormitórios (uma suite)
- Lareira
- Fachadas diferenciadas
- Acabamento: azulejos Incepa, telhas Tégula coloridas, metais Deca, esquadrias de alumínio e madeira de 1", assoalho maciço de ipê no estar íntimo, social e de jantar.

Residências de Alto Padrão com 3 ou 4 dormitórios, Suite c/ hidromassagem, Lareira, Mezanino, Pisos e esquadrias em madeiras nobres, Portas Entalhadas à mão. O requinte que você merece está aliado à segurança do Sistema de Condomínio Horizontal: Vigilância 24 horas, Portão Eletrônico, Sistema de Intercomunicação. A liberdade está presente no Bosque, Playground, Pista de Cooper, Churrasqueira, Salão de Festas. Apenas 10 unidades. Conheça a hospitalidade de Santa Felicidade.

PLANTÃO NO LOCAL

DESFRITE O CONFORTO DE VIVER EM LIBERDADE COM SEGURANÇA



SANTA FELICIDADE

SÃO BRAZ

SANT

BUTATUVINHA
(C. D. ZANOTTÓ)

VILLAGE
SAINT GERMAIN

MORADIAS
VENEZA

CLUBE
DE CAMPO
DE TRES MARIAS

CONJUNTO RESIDENCIAL
SANTURNO

PL. OLIVEIRA